

APARECIDA GONÇALVES DE SOUZA

O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS À LUZ DAS CONFERÊNCIAS LATINO-AMERICANAS: DESAFIOS E PROPOSTAS PARA A MISSÃO CONTINENTAL

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Pedro Alberto Kunrath
(Orientador)

Porto Alegre, 2011

TERMO DE APROVAÇÃO

APARECIDA GONÇALVES DE SOUZA

“O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS À LUZ DAS CONFERÊNCIAS LATINO-AMERICANAS: DESAFIOS E PROPOSTAS PARA A MISSÃO CONTINENTAL”.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado no dia 28 de Março de 2011, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Alberto Kunrath
(Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Prof. Dr. Wilson Dallagnol

Porto Alegre, 2011

GRATIDÃO

A Deus, fonte de vida e realização, louvor pela bondade e pelo amor com que vem conduzindo a minha vida. Obrigada pelas potencialidades e pela capacidade de refletir e lutar para que o Projeto de Jesus Cristo, que foi de opção pelo público de vulnerabilidade social, tornando-o sujeito e protagonista da transformação.

À Congregação das Filhas do Amor Divino, da Província Nossa Senhora da Anunciação, pela oportunidade do aprofundamento teológico, pelo estímulo, compreensão, oração e interesse em me proporcionar este tempo de desafio e graça.

À Direção, professores, PPG em Teologia da PUCRS pelo empenho em oferecer elementos significativos para a reflexão teológica encarnada na realidade.

A todos os colegas de Mestrado pelas experiências partilhadas, pelos desafios enfrentados em conjunto que foram matéria-prima na construção e reconstrução do fazer teológico.

Ao Professor Dr. Pedro Alberto Kunrath pela sua dedicação, apoio e amizade na orientação e valorização dessa Dissertação.

A todas as pessoas que fazem parte da minha vida e da minha história, pela presença significativa.

EPIGRAFE

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça da parte do Senhor” (*Lc 4, 18-19*).

RESUMO

Esta Dissertação centra-se no estudo do tema: *O anúncio do Reino de Deus à luz das Conferências Latino-americanas: Desafios e propostas para a Missão Continental*. Nesta pesquisa procura-se entender como a Igreja Latino-americana compreende o Reino de Deus e como isto transparece nos documentos das Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida que, por sua vez, potencializaram a reflexão teológica Latino-americana.

A pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro, desenvolve-se o tema do Reino de Deus, em que são exploradas obras clássicas de teólogos latino-americanos que versam sobre o tema, buscando extrair deles reflexões que contribuem para o aprofundamento sobre o Reino no Antigo Testamento e na vida e missão de Jesus. No segundo capítulo retoma-se o estudo anterior à luz das Conferências com o objetivo de perceber como a Igreja da América Latina compreende o Reino de Deus. No terceiro capítulo, aprofunda-se o tema da missão e apresentam-se desafios para que o projeto da Missão Continental, proposto na V Conferência em Aparecida, atinja seu objetivo de “colocar todos os batizados em estado permanente de missão.”

Palavras-chave: Jesus 1 Anúncio 2. Reino de Deus 3. Opção pelos pobres 4. Missão continental 5. Agentes de pastoral 6. Conversão pastoral 7. Igreja latino-americana 8

Abstract

This Dissertation focuses on the study of the theme: The Announcement of the Kingdom of God in the Light of the Latin American Conferences: Challenges and Proposals for the Continental Mission. This research seeks to understand how the Latin America Church comprehends the Kingdom of God and how it is shown in the documents of the Conferences of Medellín, Puebla, Santo Domingo and Aparecida, which, in turn, potentiated the Latin American theological reflection.

The research is divided into three chapters. The first develops the theme of the Kingdom of God, in which the classic works of Latin American theologians who deal with the topic are explored, seeking to extract from them ideas that contribute to look more closely at the Kingdom in the Old Testament and in Jesus's life and mission. The second chapter takes up the previous study in the light of the Conferences aiming to perceive how the Church in Latin America understands the Kingdom of God. The third chapter goes deeper into the theme of the mission and presents challenges so that the Continental Mission project, proposed at the Aparecida's V Conference, achieves its goal of "putting all the baptized in a permanent state of mission."

Keywords: Jesus 1. Announcement 2. Kingdom of God 3. Option for the poor 4. Continental Mission 5. Pastoral agents 6. Pastoral conversion 7. Latin American Church 8

LISTA DE ABREVEATURAS

AG	Decreto Conciliar <i>Ad gentes</i>
CAM	Congresso Missionário Americano
COMLA	Congresso Missionário Latino Americano
CLAR	Conferência Latino-americana dos Religiosos
CELAM	Conselho Episcopal Latino-americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CRB	Conferência dos Religiosos do Brasil
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
DA	Documento da V Conferência de Aparecida
DGAE	Diretrizes Gerais de Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelli Nuntiandi</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
JOC	Juventude Operária Católica
HIV	O Vírus da Imunodeficiência Humana, conhecido como HIV (sigla originada do inglês: Human Immunodeficiency Virus),
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
MD	Documento da II Conferência de Medellín
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
RIBLA	Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana
SAV	Serviço de Animação Vocacional
SD	Documento da IV Conferência de Santo Domingo
VC	Exortação Apostólica <i>Vitaconsecrata</i>
VRC	Vida Religiosa Consagrada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 O REINO DE DEUS NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO E DA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA.....	12
1.1 ETIMOLOGIA DAS EXPRESSÕES: REINO DE DEUS OU REINADO DE DEUS.....	14
1.2 EXPERIÊNCIA DO REINO VIVIDA NO ÊXODO	17
1.3 EXPECTATIVA DO REINO DE DEUS NO TEMPO DE JESUS	20
1.4 O REINO EM JESUS E OS DESTINATÁRIOS DO REINO.....	24
1.5 A PREGAÇÃO DE JESUS	29
1.6 O REINO DE DEUS É GRAÇA E RESPONSABILIDADE	33
2 O REINO DE DEUS NAS CONFERÊNCIAS LATINO-AMERICANAS.....	40
2.1 MEDELLÍN: O ANTI-REINO E O CLAMOR PELO REINO DE DEUS	41
2.2 PUEBLA: O REINO DE DEUS E AS OPÇÕES PASTORAIS	47
2.3 SANTO DOMINGO: A CULTURA DOS POBRES E O REINO DE DEUS	53
2.4 APARECIDA: DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS DO REINO DE DEUS.....	59
3 A MISSÃO CONTINENTAL: ANÚNCIO DO REINO DE DEUS.....	66
3.1 CONCEITUAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DA MISSÃO	73
3.2 CONTEXTO HISTÓRICO DA MISSÃO CONTINENTAL	77
3.3 O DINAMISMO DA MISSÃO CONTINENTAL: CONVERSÃO PASTORAL	79
3.5 PERSPECTIVAS PARA A MISSÃO CONTINENTAL E CONVERSÃO PASTORAL	88
CONCLUSÃO.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114

INTRODUÇÃO

A Dissertação versa sobre o tema: *O anúncio do Reino de Deus à luz das Conferências Latino-americanas: desafios e propostas para a Missão Continental*. Nesta pesquisa procura-se compreender como a Igreja Latino-americana compreende o Reino de Deus e como isto transparece nos documentos das Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida que, por sua vez, tiveram uma grande colaboração na reflexão teológica latino-americana.

A presente Dissertação se propõe aprofundar a compreensão de Reino de Deus anunciado e experienciado por Jesus de Nazaré, que se compadeceu e se fez próximo dos mais necessitados e socialmente vulneráveis de seu tempo. Olhar para esta relação de Jesus e suas atitudes a fim de descobrir formas para ir hoje ao encontro dos menos favorecidos supõe-se assim contribuir na visibilidade do Reino de Deus nesta “nossa Galiléia” que é a América Latina.

A escolha desse tema surgiu de uma inquietação pessoal. O Reino de Deus, refletido e debatido na disciplina de Cristologia, tanto na Graduação como no curso de Mestrado, despertou em mim fascinação e o desejo de aprofundá-lo; pois vejo ser isto o objeto da preocupação da vida e missão de Jesus de Nazaré.

O aprofundamento deste tema com certeza vai trazer desafios, mas acima de tudo vai me impulsionar vivê-lo também pois o Reino de Deus desafia a fazer a opção preferencial pelos pobres. As reflexões de alguma forma irão contribuir para que os agentes de pastoral repensem e reavaliem sua ação e missão, de testemunhá-lo junto as pessoas em estado de vulnerabilidade social em nosso Continente.

Diante da relevância do tema, surgem questões específicas: O que é mesmo o Reino de Deus? Onde e como o Reino de Deus acontece? É possível vivê-lo, promovê-lo, experienciá-lo nesta situação de marginalização, em que vive o povo latino-americano e caribenho? Como a Igreja Latino-americana e caribenha compreende e proporciona a visibilidade do Reino de Deus? Estas são algumas inquietações que desafiam e fazem debruçar sobre este tema. Assim sendo, pretende-se aprofundar a questão do Reino de Deus tendo como foco a pessoa de Jesus, enviado pelo Pai para anunciar e promover a experiência do Reino de Deus aos rostos desfigurados e mutilados de seu tempo.

A partir da compreensão que o próprio Jesus nos possibilita, o Reino é uma questão que sempre desafia, inquieta, desinstala e exige compromisso profundo com ele. É preciso fazer a experiência de Reino do Deus no cotidiano da vida para poder vivê-lo plenamente.

A Dissertação está estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo, pretende-se aprofundar *o Reino de Deus na perspectiva da História da Salvação e da Teologia latino-americana*. Procura-se revisitar as obras clássicas de autores latino-americanos, como Jon Sobrino, Leonardo Boff e Ignacio Ellacuría porque elas ajudam perceber como entender o Reino de Deus, uma vez que constitui o tema central da prática de Jesus. Que tipo de reflexão gira em torno da pessoa de Jesus, de seu projeto e missão? O Reino de Deus pode ser aprofundado através de diversos ângulos ou enfoques.

No segundo capítulo, descreve-se especificamente *o Reino de Deus nos documentos das Conferências Latino-americanas*. Para isso serão utilizados os documentos das Conferências do CELAM: Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Isto incidirá na opção preferencial pelos pobres, esboçada em Medellín e cunhada em Puebla, não é uma novidade na história da Igreja. De diversas formas esteve presente na vida e nas atividades de Jesus e de tantos homens e mulheres que viveram e vivem de forma radical seu compromisso batismal.

Os Bispos, na Conferência Geral de Medellín, fizeram um estudo atento da realidade e detectaram os clamores e sofrimentos dos povos. Confirmaram a opção fundamental pelos pobres e sua libertação. Essa opção deveria nortear toda a caminhada da Igreja latino-americana pois coincide com a própria missão de Jesus de Nazaré, que se colocou ao lado dos pobres e marginalizados, tornando-os protagonistas de sua própria história. A opção preferencial pelos pobres não é algo que se faz só uma vez, mas é uma adesão, que precisa ser renovada constantemente, e ser reassumida, por todos os cristãos.

No anseio de ser portadora da mensagem da boa notícia do Reino de Deus e atenta aos clamores dos mais pobres, a Igreja, através das Conferências, explicita a opção preferencial pelos pobres, a fim de nortear a sua caminhada. Reconhece nisso a própria missão de Jesus de Nazaré, que se colocou ao lado dos mais pobres.

Por fim, no terceiro capítulo, desenvolve-se o tema: *A Missão Continental: anúncio do Reino de Deus*. Mostra-se que, em Aparecida, a Igreja não só toma consciência de sua índole missionária, mas assume a evangelização como sua tarefa prioritária. Ela não quer anunciar a si mesma, mas a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Mostra-se uma Igreja voltada para a missão. Esta foi uma das principais reivindicações do período preparatório da V Conferência; o que deixou muito claro seu intuito: pela evangelização quer-se reverter o quadro de esfriamento da

fé e abandono da vida eclesial, verificável em nosso Continente¹. Este terceiro capítulo procurou deter-se mais exaustivamente no documento da V Conferência de Aparecida, com o audacioso Projeto da missão continental em que conclama todos os batizados para se colocarem em “estado permanente de Missão”(DA 360), como é dever de todos batizados, se faz necessário ativar a energia, o potencial das pessoas pelo encontro com Jesus, para que se torne protagonista do Reino na família, na comunidade, na sociedade, especialmente naquelas realidades onde se encontram os mais carentes e marginalizados.

Neste capítulo se percorre o caminho das Conferências do CELAM, de Medellín à Aparecida, buscando, pistas para o engajamento eclesial e pastoral entre os que tem seus rostos desfigurados pela globalização excludente.

A Igreja latino-americana é convocada a repensar profundamente e a relançar com audácia e fidelidade a sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode concentrar-se em si mesma, fechada às novas urgências da missão. Isso exige estudo atento da realidade, com métodos adequados, que possibilitam detectar os reais clamores. Com Aparecida apela-se para a necessidade de revitalizar a fé a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, imprescindível para formar discípulos missionários. Isso não depende só de programas e estruturas mas, acima de tudo, de homens e mulheres novos; que assumam o seu compromisso batismal como discípulos missionários de Jesus.

O grande desafio desta V Conferência é de colocar a Igreja toda em estado permanente de missão, “não como uma tarefa opcional, mas como parte integrante da identidade cristã” (DA 144). Não é uma campanha, mas um estado de ser cristão.

Como batizados somos convocados a sermos portadores e anunciadores desta Boa Notícia através das palavras e ações. A Igreja latino-americana, através das Conferências Gerais de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida convoca todos os batizados a entrar na dinâmica de Missão, passando de evangelizados para evangelizadores; isto só será concretizado na medida em que for feita a experiência de Reino de Deus.

Este trabalho quer ser convite e um impulso para reacender a chama da doação e do serviço aos mais necessitados. Procura ser luz na busca de formas criativas para o resgate da vida e da dignidade dos mais sofridos, dos que estão à margem.

¹ Cf. HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. O referencial teológico do Documento de Aparecida. In: *Teocomunicação* v. 37, n. 157 (set. 2007). Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 319-336.

1 O REINO DE DEUS NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO E DA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA

Ao longo dos séculos, percebe-se que, nem a Cristologia nem os Concílios levaram suficientemente em conta o Reino de Deus pregado por Jesus. A idéia de Reino de Deus não foi muito aprofundada pelos teólogos, os quais preferiram centrar sua reflexão na pessoa de Jesus, embora qualquer pesquisador sério do Novo Testamento possa perceber que o Reino de Deus é a chave para compreender o projeto de Jesus².

Revisando as obras clássicas, pode-se constatar que o tema central de reflexão na Cristologia girou em torno da pessoa de Jesus e não de sua mensagem. Tanto teólogos católicos quanto protestantes, aprofundaram-se mais na obra salvífica de Jesus de Nazaré. O que mais se evidencia é o estudo sobre o nascimento, morte e ressurreição. Por isso a compreensão de Reino de Deus, por vezes, parece obscura e incompreensível. A Teologia Latino-americana sentiu-se desafiada a avançar mais neste tema com a Teologia da Libertação.³ O aprofundamento do Reino de Deus em Jesus, pela teologia, provavelmente resultou em ações importantes, como, por exemplo, uma Igreja mais “parecida com Jesus”⁴. O Reino de Deus tem uma dimensão social, pois toda ação de Jesus levou as pessoas de sua

² GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e Práxis Pastoral. Uma Abordagem a partir da Teologia de Jon Sobrino. In: *Ciberteologia* - Revista de Teologia & Cultura - Ano III, n. 23 p. 34.

³ Alexandre Marques em seu artigo sobre: A teologia da libertação: o cristianismo a favor dos excluídos diz que a palavra teologia vem da conjugação de TÉOS e LÓGOS, dois termos gregos. Poder-se-ia dizer que teologia é todo discurso acerca de Deus. Libertação, então, é toda “ação que visa criar espaço para a liberdade” (BOFF, 1980, p. 87).

Teologia da libertação, portanto, é uma corrente teológica que engloba diversas teologias cristãs desenvolvidas no Terceiro Mundo ou nas periferias pobres do Primeiro Mundo, a partir dos anos 70, do século XX, baseadas na opção preferencial pelos pobres contra a pobreza e pela sua libertação. “A Teologia da Libertação é filha do casamento da Igreja com os pobres. O seu nascimento se deu no término do Concílio Vaticano II (1962-1965), reunião de todos os bispos para decidirem os rumos da Igreja (...). Quarenta bispos do mundo inteiro, inspirados pela idéia da Igreja dos pobres, do papa João XXIII, e animados pelo espírito profético de Dom Helder Câmara, em Roma, nas catacumbas (durante o Concílio) formularam um voto: ao retornarem a suas pátrias iriam se despojar dos símbolos do poder sagrado, deixar seus palácios episcopais e viver pobremente. Data: 16 de novembro de 1965. Local: Catacumbas de Santa Domitila fora de Roma” BOFF, Leonardo; REGIDOR, José Ramos; BOFF, Clodovis. A Teologia da libertação: balanço e perspectivas. São Paulo: Ática, 1996.

MONDIN, B. afirma que “A teologia da libertação é um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta práxis mais autenticamente libertadora” (1980, p. 25). Os grandes expoentes da teologia da libertação: Leonardo Boff, Gustavo Gutiérrez, Clodovis Boff. Para continuar aprofundando: BOFF, Leonardo, REGIDOR, José Ramos: BOFF Clodovis. *Teologia da Libertação, Balanço e Perspectiva*. São Paulo: Ática, 1996. REJÓN, Francisco Moreno. *Desafios à Teologia Moral na América Latina*. São Paulo. Paulinas, 1990, p. 14.

⁴ Expressão usada por Jon Sobrino.

convivência a experienciarem a partilha da mesa, a recuperação da saúde, a defesa e o acolhimento dos fracos. A mensagem do Reino, anunciado e vivido por Jesus, estava profundamente conectada com as necessidades do outro. O Reino de Deus tem uma dimensão, sobretudo social, que não pode ser esquecida pelos que se dizem seguidores Dele. Suas ações promoveram vida, paz, liberdade e dignidade. Os teólogos latino-americanos e a Igreja deste Continente, aprofundando a mensagem do Reino, anunciado e vivido por Jesus, percebem que a vivência do Reino de Deus não se compreende fora do seguimento de Jesus e da opção preferencial pelos pobres⁵. Torna-se indispensável o seguimento de Jesus como continuidade da construção do Reino de Deus. Reino este que vai sendo construído na medida em que os seguidores de Jesus saem de si para ir ao encontro do necessitado, com carinho e reverência.

Entre os teólogos que dedicaram seus estudos procurando a centralidade da missão de Jesus, e que outros se destacaram no aprofundamento do Reino de Deus, estão Leonardo Boff, Jon Sobrino, Juan Luiz Segundo e Gustavo Gutiérrez que terei contato neste trabalho. Abordaram o tema de diferentes maneiras. Leonardo Boff fez uma abordagem antropológica do Reino, como utopia de uma existência plena para o ser humano. O Reino é uma utopia a que se aspira em meio aos sofrimentos da história. Para Boff, o Reino de Deus implica em revolução; isto é, conversão no modo de pensar e agir⁶.

Juan Luis Segundo e Gustavo Gutiérrez fazem uma abordagem política e social, apresentando um novo método que articula teologia com ciências sociais. A teologia deve intervir na realidade social e econômica e instigar a mudanças. O Reino de Deus proclamado por Jesus mexeu com a estrutura política e social, causando uma revolução no modo de ser e agir da sociedade de seu tempo. Quem o ouvia e introjetava seus ensinamentos, era impelido a mudar de vida. Não podia continuar agindo da mesma forma (Lc 19, 1-9; Jo 4,1-42). O seguimento de Jesus Cristo, para ser genuíno, exige participação ativa no trabalho de transformação da sociedade. O labor teológico para ser autêntico precisa estar profundamente conectado com a realidade: “Quem segue Jesus precisa ter um ouvido grudado no céu e outro na terra e ter numa mão a Bíblia e na outra o jornal⁷”, para confrontar a realidade com a vontade de Deus e agir conforme Deus quer. O Reino de Deus exige compromisso com o outro. E para os seguidores de Jesus de Nazaré, o encontro e o compromisso com o Deus do

⁵ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso tempo. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 49.

⁷ Expressão utilizada pela Irmã Maria Luiza Dallmoro numa reflexão realizada por ocasião do 15º Capítulo Provincial da Congregação das Filhas do Amor Divino, em Cerro Largo, RS, realizado no período de 05 a 9/01/2011.

Reino se dá na medida em que, por sua graça e fé, assume-se um radical compromisso com o Reino de Deus, em obediência ao desafio do Mestre. Isto percebe-se, também, quando, no sermão do Monte, Jesus exorta: “buscai, em primeiro lugar, o seu Reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6, 33). O único critério dado é o Reino de Deus. A paixão pelo Reino convoca ao exercício da alteridade e é também convocação a uma dinâmica radical de compaixão, que busca a afirmação da vida para todos.

Jon Sobrino afirma que, para entender o Reino, é preciso ir a Jesus. Para conhecer Jesus, é preciso ir ao Reino de Deus. Com essa assertiva inaugura uma teologia do seguimento de Jesus. Em Jesus se dá o caminho para o Pai e para o Reino. Para aqueles que optaram por seguir Jesus, Sobrino é, inevitavelmente, um construtor do Reino de Deus a partir da práxis cristã⁸. O seguimento, para Sobrino, carrega uma conotação hermenêutica e epistemológica para a sua teologia. Hermenêutica porque interpreta a realidade cristã na sua dimensão totalizadora através do seguimento; epistemológica porque para ele o seguimento recupera o Jesus histórico, e fora do seguimento não se pode falar contra ou a favor de Cristo⁹.

1.1 ETIMOLOGIA DAS EXPRESSÕES: REINO DE DEUS OU REINADO DE DEUS

O conceito de Reino de Deus é antigo. Faz-se necessário trazer presente alguns aspectos desta história que poderá ajudar a compreender melhor o significado e a amplitude do anúncio da vinda do Reino de Deus pronunciado por Jesus. O Reino de Deus, que Jesus inaugurou com atitudes e palavras, é o projeto de Deus para cada ser humano e para toda a humanidade.

No hebraico temos três termos que estão ligados à noção de reino: *melukâ*, *malkut* *mamlakâ* que são traduzidos tanto para o grego *Basiléia*, como para o latim *regnum*. O substantivo *malkut*, referido a Deus, significa essencialmente o fato que Deus reina. O termo *malkut*¹⁰ expressa a soberania divina, o Reino que traz a salvação definitiva a Israel.

⁸ GIBELLINI, Rosino. A teologia do século XX. São Paulo: Loyola, 1998, p. 367.

⁹ BOMBONATTO, Vera Ivanise. O compromisso de descer da cruz os pobres. In: VIGIL, José Maria (org.). *Descer da cruz os pobres*. Cristologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 46.

¹⁰ Neutzling aprofunda alguns aspectos históricos do conceito Reino de Deus para uma melhor compreensão do significado e a amplitude a do anúncio da vinda do Reino de Deus. Ele serve dos termos: *Melukâ*, *Malkut*,

A expressão Reino de Deus: em grego, *Basileia tou theou*¹¹ corresponde a Reino de Deus, é melhor traduzido por reinado de Deus. Rausch¹² afirma que o conceito é dinâmico. É o poder salvífico de Deus irrompendo na história de um jeito novo. Não se refere a um lugar, mas a um evento, tendo a conotação da ação de governar: reinado, soberania, domínio.

Reino de Deus é “todo ambiente onde Deus reina”. Leonardo Boff¹³ afirma que o Reino de Deus significa a realização de uma utopia do coração humano de total libertação da realidade humana e cósmica. Em outras palavras, Boff conclui que Reino significa uma revolução total, global e estrutural da velha ordem, levada a efeito por Deus, e somente por Deus. É o reinado ou o governo de Deus. Literalmente, o Reino de Deus é o reinado ou o governo de Deus. O Reino de Deus realiza-se sempre onde quer que a vontade de Deus seja cumprida, pois Deus governa onde a vontade dEle está sendo colocada em ação.

O Reino de Deus não cabe em definições. G. Lima afirma que as definições empobrecem a sua grandeza, mas, didaticamente, pode-se dizer, de maneira genérica, que Reino é a felicidade do ser humano e do mundo como um todo. Foi isso que Jesus pregou e concretizou, e foi por isso que morreu. Deus quer ver o mundo e o ser humano feliz. A felicidade passa por muitas coisas: pelo pão, pela saúde, pelo direito ao trabalho, pela terra, pela liberdade e pelos direitos humanos¹⁴.

No Antigo Testamento, este projeto de Deus começou a se configurar desde a revelação a Abraão, depois com Moisés, os Juízes, os Profetas e, por fim, completou-se com Jesus. É o plano de Deus para o homem e para o mundo.

A representação do Reino, no Antigo Testamento, elaborada pelos profetas, consiste no caráter dinâmico da revelação de Deus que tem o poder de recriar a história. Não é algo estático ou abstrato. Contudo, encontramos algumas diferenças na definição de “Reino” ou “Reinado”.

manbakâ que são traduzidos para o grego e para Latim como Basiléia. NEUTZLING, Inácio. *O Reino de Deus e os pobres*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 33.

¹¹ Em alguns contextos *Basileia tou theou* seria melhor traduzida como “Reindo”, ou “governo de Deus”.

¹² RAUSCH, Thomas P. *Quem é Jesus? Uma Introdução a Cristologia*. Aparecida: Santuário, 2006, p. 141.

¹³BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: Ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 48.

¹⁴ LIMA, Gentil. *A que se propõe a teologia pastoral*. www.freiscarmelitas.com.br/teste/artigos/ Acesso em 3/01/2011.

Reino é, por assim dizer, um sistema abstrato, um sistema de autoridade. Em compensação, 'reinado', é essa mesma autoridade concretamente exercida. Em outras palavras, 'reinado de Deus' nunca poderá significar um *fim*, mas o início de uma situação prolongada na história¹⁵.

Ao que parece, o que melhor expressa o sentido existente; no Antigo Testamento, como na pregação de Jesus é a dinamicidade sem autoritarismo, que não significa um fim, mas o início de um anúncio e de uma missão. Por isso, dever-se-ia usar a expressão reinado de Deus, que melhor expressa a dinamicidade da ação de Deus. Xavier Alegre, concorda com J. Sobrino, que quando Deus reina, o mundo se torna o Reino de Deus. Por isso, antes de falar de Reino de Deus, é necessário mencionar o Reinado de Deus. Esse reinado deseja com ardor o ideal da justiça. O Reinado de Deus não é um conceito espacial nem estático, mas uma realidade dinâmica: não é um Reino, mas um reinado, uma ação permanente sobre a realidade histórica. Deus mostra que reina no mundo através da bondade e da misericórdia para com todas as criaturas (cf. Sl 86, 15; 145,9). Ele transforma a injusta realidade histórica em justiça, na qual prevalece a solidariedade, para que não haja mais pobres (cf. Dt 15,4)¹⁶.

As origens da esperança de Israel dão elementos para melhor entender o conteúdo da expressão Reino de Deus. Desde o Êxodo, o povo de Israel sofreu grandes catástrofes que foram aniquilando muitas de suas esperanças. Contudo, a fé em Iahweh não se aniquilou, e foi através dela que tiveram força para enfrentar as situações adversas e lutar por uma situação melhor.

O Reino de Iahweh foi se alargando com a expansão de um grupo de tribos israelitas que estavam estabelecidas nas montanhas de Canaã e que experimentou em sua carne a hostilidade e discriminação das classes mais abastadas. A aparição de Deus a Moisés mostrou o cuidado amoroso para com o povo sofredor: “Eu vi a aflição do meu povo que está no Egito e ouvi o seu clamor por causa da dureza de seus opressores... Desci para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los sair daquele país para uma terra boa...” (Ex 3, 7-8).

O Reinado de Deus é de fato um Reinado dos pobres, dos oprimidos, dos perseguidos, dos que sofrem realmente os efeitos do pecado do mundo, a negação do amor de Deus na negação do amor ao homem.

¹⁵ SEGUNDO, Juan Luis. *A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 147.

¹⁶ Cf. ALEGRE, Xavier. El Reino de Dios y las parábolas en Marcos. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 67, 2006, p. 8.

A luta incessante do povo de Israel por viver o ideal proposto por Iahweh o fez acreditar que não podia permanecer vivendo na opressão, mas que outro mundo estaria por vir. Diante desse novo horizonte “*surgia a esperança escatológica de uma renovação de sua situação, de uma autêntica libertação e a expectativa de um Messias que realizasse estas esperanças*”¹⁷. Israel esperava a realização da salvação no tempo escatológico, pois no tempo presente não podia ser realizado o Reino de Iahweh.

Para uma compreensão correta do significado histórico do Reino de Deus na perspectiva da história da salvação é de máxima importância captar e compreender até que ponto o Reino de Iahweh constituía um projeto histórico das tribos que se organizaram em Canaã, para juntos escaparem da dominação e exploração que sofriam das cidades-estados.

A Cristologia nos citados teólogos da América Latina, tem no Reino de Deus a sua centralidade. A figura histórica de Jesus ganha contornos expressivos, isto porque o seu ponto de partida é o Jesus histórico. Para entender o Reino, é preciso ir a Jesus. Para conhecer Jesus, é preciso ir ao Reino de Deus¹⁸.

1.2 EXPERIÊNCIA DO REINO VIVIDA NO ÊXODO

A mais grave crise enfrentada pelo povo de Israel foi a dura experiência do Exílio. A dispersão do povo no meio de outros povos tornou-se uma amarga realidade. Ildo Bohn Gass¹⁹ afirma que a experiência feita no deserto foi uma escola que ajudou o povo na superação da ganância por riquezas e da ambição por poder. De outro lado foi um treinamento para a vivência de relações com base na justiça e na solidariedade

A esperança do Reino de Deus remete a tempos muito antigos em Israel. “Iahweh reinará para sempre e eternamente” (Ex 15, 18); “Iahweh vosso Deus é o vosso rei” (I Sm 12, 12). Inicialmente Israel venera Iahweh apenas como rei sobre o povo de Israel. “Assim diz

¹⁷ SOBRINO, Jon. *Cristologia a Partir da América Latina*: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 64.

¹⁸ GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e Práxis Pastoral. Uma Abordagem a partir da Teologia de Jon Sobrino. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano III*, n. 23 p. 34.

¹⁹ GASS, Ildo Bohn. *O Êxodo de Israel*. In *Êxodo um caminho em busca da Liberdade*. Porto Alegre: CRB, 2007, p. 17.

Iahweh, o rei de Israel” (Is 44, 6). Com a influência dos profetas vai tornando-se rei do mundo todo. Ele é o “rei dos povos” (Jr 10, 7).

Já no Êxodo é relatada a escravidão sofrida pelos israelitas no Egito. Em uma situação tão opressora e desumana, o “Reino de Deus” se manifesta na luta por libertação. Moisés pode ser comparado com um pregador do Reino, quando, junto com o povo, luta para que os planos de Iahweh se concretizem. Essa esperança de libertação da escravidão os anima a lutar pela terra prometida. Muitas foram as provações, contudo, maior foi a fidelidade do povo, que; embora caísse alguns infelizes, foi capaz de seguir os planos de Iahweh e alcançar a terra prometida onde corre leite e mel (Ex 3, 7-8).

Ao chegar a Israel, o povo se instala e divide o território em tribos²⁰. Cada tribo nomeia um juiz com a finalidade de ajudar na conscientização e organização do povo. O grupo deseja construir uma sociedade fraterna e justa, e por isso, luta contra todo tipo de opressão. Contudo, o povo cai na tentação de ter um rei e assim passa a um sistema monárquico que muitas vezes o escravizava. O rei possuía autoridade em suas mãos, fazia as leis que deviam ser observadas, e ao mesmo tempo era o juiz que decidia e dava a sentença.

Em a comparação com a constituição tribal anterior “a principal novidade trazida pela monarquia consiste, sem dúvida, na centralização do poder”²¹.

Com as constantes disputas pelo poder e as permanentes invasões dos povos vizinhos, Israel se divide e fica vulnerável, resultando no exílio na Babilônia²². Neste período de exploração e opressão surgem muitos profetas que anunciam o Reino. E anunciam que o Reino é dos pobres e oprimidos. “A proclamação do Reino remete à ação universal de Deus em favor dos mais pobres, como manifestação de sua transcendência”²³. Isaías anuncia a vinda do Reino: “O Senhor chega como rei e pastor; não vem como juiz, mas, fundamentalmente, como salvador” (Is 46,5). Este reinado é novo, no sentido de ser o reinado de Deus. Com ele surge a salvação também como algo novo. Na passagem do livro do profeta Isaías (Is 65,17-

²⁰ O sistema tribal visava o interesse comum igualitário. Não havia pobres ou ricos, sendo o poder partilhado com leis que primavam por esta igualdade, bem como pela economia comum e principalmente pela vida.

²¹ GESTENBERGER, Erhard. *Teologia no Antigo Testamento*. Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2007, p. 33.

²² *Exílio da Babilônia*- O Exílio, que aconteceu no século VI A.C, foi fruto da expansão territorial imperialista da Babilônia é o nome geralmente usado para designar a deportação em massa e exílio dos judeus do antigo Reino de Judá para a Babilônia por Nabucodonosor II. A primeira deportação teve início em 598 A.C. e a segunda deportação ocorre em 587. Leia ainda GASS, Ildo Bohn (Org) *Introdução à Bíblia 5*. Exílio Babilônico e dominação Persa. Centro de Estudos Bíblicos: São Leopoldo, RS São Paulo, 2004, V. 5.

²³ ECHEGARAY, Hugo. *A Prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 120.

25), o autor apresenta a realização do projeto de Deus, como mundo de paz, de harmonia e alegria. Dada a importância desta citação, passo a citá-la na íntegra porque, no seu conjunto, ela mostra aspectos desse mundo novo que são estímulo a lutar para que o projeto dos homens coincida com o projeto de Deus, eliminando tudo aquilo que impede a vida em plenitude.

Com efeito, criarei novos céus e nova terra; as coisas de outrora não serão lembradas, nem tornarão a vir ao coração. Alegrai-vos, pois, e regozijai-vos para sempre com aquilo que estou para criar: eis que farei de Jerusalém um júbilo e do meu povo uma alegria. Sim, regozijar-me-ei em Jerusalém, sentirei alegria em meu povo. Nela não se tornará a ouvir choro nem lamentação. Já não haverá ali criancinhas que vivam apenas alguns dias, nem velho que não complete a sua idade; com efeito, o menino morrerá com cem anos; o pecador só será amaldiçoado aos cem anos. Os homens construirão casas e habitarão, plantarão videiras e comerão os seus frutos. Já não construirão para que outro habite a sua casa, não plantarão para que outro coma o fruto, pois a duração da vida do meu povo será como os dias de uma árvore, meus eleitos consumirão eles mesmos o fruto do trabalho das suas mãos. Não se fatigarão inutilmente, nem gerarão filhos para a desgraça; porque constituirão a raça dos benditos de Iahweh, juntamente, com os seus descendentes. Acontecerá então que antes de me invocarem, eu já lhes terei respondido; enquanto ainda estiverem falando, eu já os terei atendido. O lobo e o cordeiro pastarão juntos e o leão comerá feno como o boi. Quanto à serpente, o pó será o seu alimento. Não se fará mal nem violência em todo o meu monte santo, diz Iahweh (Is 65, 17-25).

Após a experiência da escravidão, o povo de Israel anseia por um mundo novo, onde exista a alegria de viver e a justiça seja a característica básica de um novo céu e uma nova terra, onde haja justiça para com os indefesos e não haja exploração das forças de trabalho, mas todos tenham vida longa. Esse reino novo tão almejado pelo povo de Israel não é apenas uma utopia, mas algo possível e objetivo. Através da fé do povo, o Reino vai sendo construído e se concretizando ao longo da história. Deus vai se manifestando na vida do povo de Israel e ele se torna protagonista; transforma a realidade injusta e opressora. Deus vê, houve e se compadece de seu povo e age em sua história. “Israel tem como essencial à sua fé o fato de Deus poder mudar a realidade má e injusta em realidade boa e justa. Por isso, ao reino de Deus corresponde-se com esperança histórica”²⁴.

A experiência de sofrimento no deserto desafiou o povo a ser protagonista na luta por vida digna. Esta experiência ajudou a concretizar a presença do Reino de Deus no meio deles quando o pão era partilhado e a terra era repartida (Ex 16,18). Deus lhes deu de presente a terra para que a compartilhassem como irmãos. Israel tinha a missão de ser diferente de outros povos, em seu meio não haveria escravos; não se abusaria dos órfãos nem das viúvas; ter-se-ia

²⁴ SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador. A História de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994, p. 112.

compaixão dos estrangeiros. O Deus que caminhou com o povo no deserto une os grupos e os fortalece para lutar contra todo tipo de opressão.

A caminhada pelo deserto foi uma escola e tornou-se um espaço de aprendizado para a prática da partilha do pão de acordo com a necessidade da cada família (Ex 16,1-30). A experiência do êxodo ajudou o povo a democratizar o poder. O poder era partilhado através da organização de grupos e da escolha participativa de lideranças experientes (Ex 18,13-27; Nm 11,10-30; Dt 1,9-18). O povo de Israel fez uma profunda experiência de Deus. Na experiência trágica e difícil, o povo experencia que Deus caminha junto com ele para criar um povo livre de toda opressão e escravidão.

O Messias será um novo rei Davi (Is 11, 1). A esperança no Reino se torna cada vez mais intensa²⁵. O Messias vem para defender os pobres e oprimidos e para libertar os cativos. “Deus será o Rei verdadeiramente justo: só ele poderá realizar o ideal de um rei capaz de proteger os pobres e os marginalizados de todo tipo”²⁶. O povo de Israel frente aos sinais de anti-reino, cada vez mais, foi alimentando a crença de que o Reino só se cumpriria com a instauração de um novo tempo. A esperança apocalíptica foi se tornando cada vez mais intensa e o fim dos tempos apresentava-se como uma realidade sempre mais expressa no povo.

1.3 EXPECTATIVA DO REINO DE DEUS NO TEMPO DE JESUS

O Reino de Deus não seria uma especulação de Jesus, resumia as aspirações e expectativas mais profundas de Israel. Jesus encontrou a esperança no coração de seu povo e Ele soube recriar e dar um significado ao Reino a partir de sua própria experiência de Deus, dando lhes um horizonte novo e surpreendente.

Diante da situação de discriminação e opressão vivenciada pelo povo de Israel, a esperança de que algo novo deveria acontecer na sociedade era alimentada; pois o povo estava passando por sofrimentos que o esmagavam e o colocavam à margem. Diante disto, a expectativa do Reino de libertação alimentava sua esperança. A mensagem da proximidade

²⁵ “O Reino de Deus é uma utopia que responde a uma esperança popular secular no meio de inúmeras calamidades históricas; é, por isso, o bom e o sumamente bom. Mas é também algo libertador, porque vem no meio de e contra a opressão do anti-reino. Necessita e gera uma esperança que é também libertadora da compreensível desesperança historicamente acumulada deste fato: quem triunfa na história é o anti-reino” (SOBRINO, 1994, p. 113).

²⁶ GARCIA, Rubio Alfonso. *O Encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 34.

imediate do Reino de Deus²⁷ é proclamada por Jesus como Boa Notícia, que antecede a todo esforço humano, sendo nisso comparada com a passagem do mensageiro da alegria do dêutero Isaías²⁸ Is 52, 7, que anuncia o Evangelho da libertação que está para irromper em Israel sob o senhorio régio de Iahweh. O anônimo ungido com o Espírito de Iahweh de (Is 61,1ss) é enviado aos pobres, prisioneiros, cegos e oprimidos, pois a seu lado está o próprio Deus. Toda a pregação de Jesus está embasada nesta expectativa da chegada do Reino, em que os doentes são acolhidos, tratados e curados (Mt 4, 23), os possuídos de espírito mau²⁹ são exorcizados e curados e (Mt 12, 28) as crianças excluídas sejam respeitadas (Mc 9, 36), pecadores públicos (Mt 21, 31) tem a oportunidade de recomeçar uma vida nova.

A expressão Reino de Deus era bastante utilizada no judaísmo. A idéia do Reino de Deus tem raízes profundas na tradição judaica. Entre os salmos, encontram-se vários que expressam a fé do povo em Deus como Rei soberano sobre todas as coisas. Os salmos 47, 93, 96-99, 127, entre outros, vêm corroborar a idéia de que de Reino de Deus tem as suas raízes na tradição judaica. Jesus, como um judeu praticante, participa da expectativa do seu povo quando ensina os discípulos a pedir que o Reino venha: “Pai, venha o teu Reino” (Lc 11, 2).

A grande esperança de Israel era o reinado de Deus, que havia de mudar o curso da história, libertando Israel de todas as suas opressões e começando a época de justiça, paz e prosperidade anunciada pelos profetas, principalmente a partir da amarga experiência do Exílio da Babilônia³⁰.

²⁷ A expressão literal “reino de Deus” era recente e de uso pouco freqüente. Foi Jesus que decidiu usa-la de forma regular e constante. Não encontrou outra expressão melhor para comunicar aquilo que acreditava. A expressão Reino de Deus quase não aparece no Antigo Testamento. Geralmente se diz que Deus é Rei ou que Deus Reina. PAGOLA, José Antonio. *Jesus aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 116.

²⁸ *Dêutero Isaías* O Dt (Is 40-55) está inserido no livro do profeta Isaías. Entretanto, percebe-se que esta porção constitui um livro à parte, pois seu conteúdo e contexto histórico são posteriores a obra apresentada nos capítulos de Is 1-39. Anuncia uma profecia da consolação. Apresenta uma mensagem humana de vida e de esperança. Anuncia da Boa Nova. A Boa nova tem um lugar de destaque, desafia ao compromisso. Toda a mensagem é perpassada da ternura e da *misericórdia de Deus que vai ao encontro do seu povo pobre, exilado e sofrendor para libertá-lo*. WEBLER, Jacinta. *Eu te desenhei na palma de minha mão (Is 49, 16)*. 151f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Centro de Estudos Superiores da companhia de Jesus, Belo Horizonte, 2006, p. 30.

²⁹ Para os judeus palestinos do tempo de Jesus, qualquer doença ou debilidade era atribuída ao poder demoníaco (Lc 13,10-16) e ao pecado (Jo 9,1-13). Os exorcismos de Jesus (Mc 1,23-28; 3,32-27) e curas mostram que, com a chegada do Reino de Deus, o poder do mal sobre os seres humanos são anulados. RAUSCH, Thomas P. *Quem é Jesus? Uma Introdução à Cristologia*. Aparecida: Santuário, 2006, p. 143.

³⁰ MATEOS J; CAMACHO F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 43.

Estas expectativas aparecem de diversas formas no tempo de Jesus, contudo sempre marcadas pela paixão política e religiosa. As constantes crises que o povo israelita sofreu, marcou-o profundamente enquanto aguardavam a chegada do Reino. Grande era a expectativa, e todos os grupos político-religiosos se diziam portadores do Reino, sendo que cada qual interpretava a seu modo a chegada deste Reino.

a) Os *saduceus* e os sacerdotes viam no Templo o lugar sagrado do reinado de Iahweh. Tudo giraria em torno dessa obra que começou com Salomão e, depois de muitas vicissitudes, adquiriu o esplendor na construção do Templo de Herodes, o Grande. Um dos discípulos de Jesus se entusiasmou com sua beleza e disse: “Mestre, olha que pedras e que construções!” (Mc 13,1). Esse orgulho arquitetônico simbolizava o poderio religioso e, quando para ele convergirem as multidões, o Reino de Deus chegaria à plenitude. Assim parecia dizer o profeta Isaías ao proclamar o Templo como casa de oração para todos os povos (Is 56, 7).

Os Saduceus “afirmavam que o Reino já havia chegado e não admitiam nenhuma alternativa para a presente situação³¹” pois temiam repercussões no presente, e por isso, procuravam inviabilizar qualquer mudança. “Os saduceus, que por serem classe dirigente e deterem o poder, não desejavam mudança alguma, renunciaram esta esperança, preferindo a composição com a situação política do momento, que assegurava seus privilégios³²”.

b) Os *fariseus e os escribas*, fazendo-se de doutores da Lei, imaginavam que se realizaria o Reino de Deus no momento em que a Lei fosse cumprida rigorosamente. Amontoavam então os preceitos (escritores falam de 613), a fim de proteger o núcleo sagrado do decálogo. Jesus entra em conflito com os fariseus por causa desse rigorismo legal. Na passagem de Jo 8,1-11, em que trazem a mulher, que eles dizem que estava cometendo adultério, para sabatinar Jesus quanto ao cumprimento da lei, mais uma vez Jesus ensina que a pessoa humana está acima de qualquer lei. Os fariseus, considerados os puros, “acreditavam que a chegada do Reino se daria pelo pleno cumprimento da lei³³”.

Buscavam, portanto, manter a pureza da lei exercendo um perfeito legalismo.

Dedicavam-se à prática da piedade, pensando que com isso acelerariam a chegada do reinado de Deus, porém nada faziam para melhorar a situação social injusta. Imaginavam que, se o povo fosse fiel à lei religiosa, Deus interviria em seu

³¹ FERRARO, Benedito. *Cristologia em Tempos de Ídolos e Sacrifícios*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 87.

³² Idem, *Jesus e a sociedade de seu tempo*, p. 44.

³³ FERRARO, Benedito. *Cristologia em Tempos de Ídolos e Sacrifícios*, p. 88.

momento com uma espécie de golpe de estado, por meio do Messias, e mudaria a situação existente”³⁴.

c) *Os herodianos* “procuravam compreender a chegada do Reino como volta ao estado teocrático³⁵, tendo a sua frente o rei como mediador”³⁶.

d) Os *essênios* tinham-se refugiado no deserto para purificar-se, preparando-se para acontecimento da chegada do Reino. Para eles, o Reino “viria com a força e deveria purificar o Templo, contaminado pela presença de estrangeiros, pela *subserviência dos dirigentes judaicos e, sobretudo, pela ilegitimidade do sacerdócio exercido na época*”³⁷. Eles se afastaram da sociedade formando uma comunidade alternativa por acharem que o Reino aconteceria pela fuga do mundo.

e) *Os Zelotas*³⁸ (ou nacionalistas) era o grupo que mantinha vivo o espírito de Judas Macabeu, o líder guerreiro que conseguiu retomar o templo das mãos dos sírios, no século II aC. Em sua maioria, eram da classe oprimida e esperavam o reinado de Deus, porém não cruzavam os braços; eram ativistas e propunham uma revolução violenta, cujo primeiro objetivo seria libertar Israel do domínio romano. Recusavam-se a pagar impostos aos romanos e mantinham-se preparados para a guerra que traria o Reino de Deus. A revolução devia ser ao mesmo tempo social, para melhorar a sorte dos pobres, e política, eliminando os políticos indignos. O partido deles professava, portanto, um reformismo radical”³⁹. “Procuravam apressar a chegada do Reino combatendo (violentamente) os romanos e todos aqueles que colaboravam com eles”⁴⁰. Os Zelotas, também chamados pelos romanos de *sicarii*⁴¹ foram responsáveis por várias revoltas. Uma delas só terminou com a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C.

³⁴ MATEOS J; CAMACHO F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 44.

³⁵ Teocracia: segundo o dicionário Michaelis, da língua portuguesa, é regime político em que o poder, considerado como emanção da divindade é, muitas vezes, exercido pelos seus ministros. É um sistema político caracterizado pela dominação da casta sacerdotal.

³⁶ FERRARO, Benedito. *Cristologia em Tempos de Ídolos e Sacrifícios*, p. 88.

³⁷ Idem, *Cristologia em Tempos de Ídolos e Sacrifícios*, p. 88.

³⁸ Pelo menos um dos discípulos de Jesus, Simão (não Simão Pedro) fora zelote (Lc 6,15).

³⁹ MATEOS J; CAMACHO F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 44.

⁴⁰ FERRARO, B. *Cristologia em Tempos de Ídolos e Sacrifícios*, p. 89.

⁴¹ Assassino, esfaqueador.

A expectativa do Reino, no tempo de Jesus, surgia do contraste entre a experiência passada de senhorio de Iahweh e a situação da dominação romana. Cada grupo tinha sua expectativa com relação ao cumprimento do Reino de Deus e acreditava que a fidelidade a essas propostas apressaria a sua vinda. Conforme Hugo Echegaray⁴², todas essas diferentes formas de preparar o Reino, antes de favorecer o povo colocava em crise pior.

Jesus revolucionou todas essas formas de expectativas dos grupos. Ele tinha idéia muito diferente sobre o Reino de Deus, na terra, e a razão fundamental para isso era a concepção que Ele tinha de Deus. Deus não era como um imperador que dominava o povo e fazia prevalecer a sua autoridade (Mc 10, 42), nem como um ditador benevolente. Jesus experimentava Deus como um pai amoroso, como o seu *Abbá*. Jesus via o reino de Deus como o reino do Pai amoroso. A imagem de Reino de Deus podia ser a de uma família feliz, transbordante de amor. Assim, o Reino de Deus não desceria do alto, mas subiria de baixo, do meio dos pobres, dos pequenos, dos pecadores, dos marginais, dos perdidos.

1.4 O REINO EM JESUS E OS DESTINATÁRIOS DO REINO

Nesse contexto explosivo, Jesus proclama a proximidade do Reino de Deus como uma realidade presente, que já está no meio de nós. Com o correr de sua vida missionária, Ele vai marcando concepção própria e original do Reino de Deus. Contrariando as expectativas de seu tempo, Jesus dá um novo significado para o Reino de Deus. Mais uma vez a sua concepção de Reino de Deus coloca a expectativa de seus contemporâneos em crise. Aquilo por que esperavam “já está no meio de nós” (Lc17, 20-21). A semente, o embrião desse mundo futuro, já está no meio de nós. O Reino é uma realidade dinâmica da poderosa presença salvífica de Deus. Concebia-o como ação salvadora, concreta de Deus na história como verdadeiro Senhor e Rei. Só Ele é Rei, Senhor e Soberano, último e definitivo de todo o criado e da história.

O Reino de Deus delineou a vida pública de Jesus, mediador, absoluto e definitivo, do Reino. Sua realidade histórica se concretiza nele mesmo. “A sua conduta demonstra os sinais do

⁴² ECHEGARAY, Hugo. *A Prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 125.

Reino”⁴³ quando acolhe o pobre, realiza milagres, expulsa os demônios, senta-se à mesa com os publicanos e pecadores, compartilha uma nova imagem para Deus. Neutzling⁴⁴ afirma que o anúncio e a acolhida do Reino se realiza igualmente a partir de quem está com fome, com sede, nu, encarcerado, enfim, do menor, do mais pequenino dos irmãos, com os quais o Deus do Reino se identifica (Mt 25, 31- 46). A lei do Reino, que é o amor, é interpretada e explicada a partir dos pobres. Amar o Deus do Reino é fazer-se ativamente próximo do que está semi-morto, desamparado, caído no caminho (Lc 10, 30-35).

Por que os pobres são os destinatários privilegiados do Reino de Deus? É uma interrogação que intriga e desaponta, deixando perplexa a elite que se beneficia com o dinamismo do anti-reino que oprime, exclui e mata. O amor de Jesus pelos pobres e oprimidos não era um amor exclusivo; era o indício de que ele valoriza a humanidade e não o status, o prestígio. Os pobres e oprimidos não têm nada que os recomendasse a não ser sua humanidade e seus sofrimentos. Jesus valoriza as pessoas como pessoas; portanto, todos os desvalorizados e oprimidos, tornavam-se os preferidos de Jesus e destinatários preferenciais de sua vida e de sua missão.

A oferta de salvação que Jesus faz aos pobres resulta numa oferta escandalosa, absurda. Para Jesus, o Reino pertence aos pobres. É a eles que sua missão é dirigida (cf. Lc 4, 18; 7, 22; Mt 11, 5). J. Sobrino constata a relação entre Reino de Deus e pobres. Nos evangelhos, o Reino é dos pobres de fato e de direito pois se baseia na misericórdia de Deus, manifestada a eles desde o Antigo Testamento. Ser pobre, seja qual for sua situação moral ou pessoal em que se encontram, já faz com que Deus os defenda.

O Reino de Deus constitui a mensagem central de toda vida e pregação de Jesus. Ele não fez de si o centro da própria mensagem, mas mostrava que o centro era algo distinto dele. O anúncio do Reino de Deus constitui para Jesus a síntese da sua pregação. “O Reino de Deus está próximo” (Mc1, 15). O Reino anunciado por Jesus é o grande projeto de felicidade proclamado e realizado por Jesus. Neutzling⁴⁵ afirma que o projeto de felicidade anunciado e concretizado em Jesus tem duas dimensões: é futuro e se destina preferencialmente aos pobres. Sua pregação tinha destinatários próprios. Na proclamação das bem - aventuranças,

⁴³ GONÇALVES, Alonso. *O Reino de Deus e práxis pastoral*. Uma abordagem a partir da teologia de Jon Sobrino. http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/03_Reino_de_Deus.pdf. Acesso dia 20 de novembro, p. 33.

⁴⁴ NEUTZLING, Inácio. *O Reino de Deus e os pobres*. Ed. Loyola. São Paulo. 1986, p. 196.

⁴⁵ NEUTZLING, Inácio, S.J. Jesus o profeta da Alegria. O Projeto de Felicidade anunciado por Jesus de Nazaré aos pobres. In *Jesus de Nazaré Profeta da Liberdade e da Esperança*. São Leopoldo: Unisinos, 1999, p. 139.

Jesus nos assegura que o Reino de Deus é para os pobres⁴⁶ (Lc 6, 20; Mt 5, 3), os beneficiários primeiros são os pobres reais, os pecadores, as crianças; os não ricos. Pobres são todos aqueles que são os marginalizados da sociedade.

Os pobres são aqueles que vivem em situação desumana que injúria a Deus:

Os pobres para Jesus são os que padecem necessidades, os famintos, os sedentos, os nus, forasteiros, doentes e encarcerados, os que têm fome, os que choram, os que estão esmagados por um peso. Nesta linha os pobres são os que estão sob algum tipo de opressão real. O pobre aos quais se dirige a boa notícia do reino acham se em algum tipo de miséria real e se vêem esmagados por um duplo peso: inclui tanto o desprezo publico de que era objeto por parte dos homens, como a falta de perspectiva de algum dia encontrar a salvação diante de Deus⁴⁷.

A vinda, portanto, do Reino de Deus é para os pobres. Jesus, através da sua vida e ação, se aproxima daqueles que foram desclassificados pela sociedade: defende as prostitutas; fala com leprosos, impuros para o culto; louva os samaritanos, deixa-se acompanhar por mulheres em situação de vulnerabilidade social. Estas ações positivas de Jesus fazem a diferença e despertam para uma consciência coletiva de solidariedade. Ele devolve-lhes a dignidade roubada pela sociedade. Ele muda radicalmente, a sua situação. Neutzling⁴⁸ afirma que, se esquecermos deste aspecto da centralidade do anúncio de Jesus, provavelmente não poderemos compreendê-lo em sua profundidade.

Conforme Juan Luis Segundo⁴⁹ os pobres, destinatários do Reino de Deus, compreendem o conteúdo do Reino como Boa Notícia. A Boa Notícia do Reino, pregada e praticada por Jesus, não era acolhida como boa para todos, porque aceitá-la implica mudança

⁴⁶ Pobres: Os pobres são os que gemem sob algum tipo de necessidade. Pobres são: os famintos, sedentos, nus forasteiros os doentes, os prisioneiros, os que choram, os que são oprimidos.

NEUTZLING, I (1986, p.72ss) os pobres no termo hebraico *ebyon* expressa o pobre que mendiga, expressa a realidade daquele que é paupérrimo o sem teto como em 1Sm 2,8 e que está indefeso frente aos poderosos o *ebyon* no Antigo Testamento é o socialmente fraco e mais ainda o que vive o cúmulo da miséria, exposto a toda violência e brutalidade e a quem toda justiça é negada.. No Antigo Testamento o termo mais usado para designar pobre é o termo hebraico *ani* é o oprimido que se encontra frente de seus opressores. Outros termos usados para expressar a realidade do pobre são: *dal*, cuja raiz significa fraqueza, insignificante, é um homem sem importância na sociedade, porque é um oprimido. *Rush* expressa pobreza no sentido social e *mishken* o homem que não tem o necessário para a sua subsistência.

⁴⁷ SOBRINO, Jon. *Cristologia a Partir da América Latina: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 33.

⁴⁸ NEUTZLING, Inácio. *O Reino de Deus e os pobres*. Ed. Loyola. São Paulo, 1986, p. 67.

⁴⁹ SEGUNDO, Juan Luis. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. História e atualidade: Sinóticos e Paulo. São Paulo: Paulinas, 1985, v. II/1, p. 133.

nas estruturas da sociedade em nem todos estão dispostos a deixar seus privilégios, embora a graça de Deus a todos se dirigisse.

Jesus tinha em mente destinatários específicos ao anunciar o Reino de Deus. Conforme Neutzling, “quando Jesus proclama bem aventurados os pobres porque deles é o Reino de Deus”, se dirige àqueles que objetivamente estão à margem da sociedade civil e religiosa de seu tempo, trata-se de pessoas que são pobres e famintas realmente. São pobres no sentido sociológico: pessoas sem propriedades, que passam necessidades materiais. São pessoas verdadeiramente pobres que vivem na pobreza concreta e imediata⁵⁰. Mas no reino anunciado por Jesus tem lugar para todos. “O reino de Deus é realidade oferecida e aberta a todos, mas tem como exigências básicas para a sua acolhida, a conversão e a fé”⁵¹.

A relação entre Reino de Deus e os pobres aparece de forma radical nos evangelhos. O documento de Puebla⁵² lembra que pelo fato de serem pobres, qualquer que seja a situação moral ou pessoal em que se encontrem, Deus os defende e os ama e são os primeiros destinatários da missão de Jesus.

Não resta dúvida que todo o empenho de Jesus em sua missão teve em vista a vinda do Reino. Ele não só anuncia sua vinda, mas que já vem: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15).

O Reino, cuja chegada o Senhor vai realizando por meio de seu ministério evangelizador, consiste exatamente na ação ou processo dos quais Deus se serve para libertar a pessoa de todas as suas misérias, opressões e segregações. O Reino, anunciado por Jesus e instaurado, é oferecido preferencialmente aos sofredores, sendo, fundamentalmente, uma realização da misericórdia divina⁵³.

Assim como o Reino de Deus está no centro da pregação de Jesus, a relação com o Pai está intimamente ligada com toda a missão de Jesus. Estas duas realidades, ‘Reino de Deus’ e ‘Pai’, se complementam. A palavra Pai, em Jesus, expressa a realidade pessoal que dá sentido último a sua vida. Toda a missão de Jesus, em instaurar o Reino, tem sentido se entendida a

⁵⁰ NEUTZLING, Inácio. *O Reino de Deus e os pobres*. Ed. Loyola: São Paulo, 1986, p. 91.

⁵¹ NODARI, P. CESCÓN, E. *Aprendendo com o evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 25.

⁵² CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979, n 1142.

⁵³ MIÔR, Orildes. *A Misericórdia e a Solidariedade de Jesus à luz de sua relação com a pessoa sofrida*. 111f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 42.

partir da realidade e vontade do Pai. Desta forma é possível compreender a cruz em Jesus como consequência de sua fiel missão. “O reino (sic) dá a razão do ser de Deus como ‘Abba’ e a paternidade de Deus dá fundamento e razão de ser do reino”⁵⁴.

A pregação de Jesus nunca deixa evidente o que é o Reino, o que provoca muitas divergências: “Nem sequer nas chamadas parábolas do Reino Jesus define o que é o Reino, embora acentue sua novidade, sua exigência, seu escândalo..., mas nunca o define.”⁵⁵ Jesus sempre relaciona o Reino com parábolas embora nunca diga o que seja. Usa as parábolas para mostrar aproximações do Reino. O Reino é como, ou o Reino se assemelha... Está além de toda esperança e imaginação humana e por isso não pode ser descrito. Esta tentativa de aproximação do Reino por meio de parábolas pode ser expressa nas bem-aventuranças e na oração do Pai-Nosso.

Na leitura das bem-aventuranças⁵⁶ (Lc 6, 20-23 e Mt 5,3-12) percebe-se que, o sofrimento é afastado, trazendo um mundo novo, sem males e sofrimentos, um mundo, em que prevalece a justiça, a fraternidade e a paz, assemelha-se à imagem do paraíso. “*O reino de Deus é sempre como nova criação*”⁵⁷.

Já no caso da oração do Pai-nosso (Mt 6, 9-15 e Lc 11, 2-4), Jesus ensina a rezar, a fim de que venha o Reino de Deus. Para isso, Deus deve estar acima de tudo e, ser aceito na vida de cada um como seu Deus, Abba - Pai.

Em ambas as passagens, as bem-aventuranças (Mt 5,1-12) e a oração do Pai-nosso (Mt 6, 9-15 e Lc 11, 2-4), apresentam o Reino de Deus como um dom do amor, fruto do amor, que se transforma em doação. Diante desse presente tão valioso “*não existe esforço humano capaz de conquistá-lo ou de comprá-lo: só pode ser recebido como dom. Ao ser humano cabe abrir-se a esse dom estupendo, acolhendo-o com alegria e gratidão*”⁵⁸. Todos são convidados a participar do Reino; Jesus lembra que também os pobres participam de suas bênçãos. As três

⁵⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador! I – A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994, p. 105.

⁵⁵ SOBRINO, J. *Jesus, o libertador! I – A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994, p. 108.

⁵⁶ “As bem-aventuranças é um resumo do ensinamento de Jesus sobre o Reino e da transformação que o Reino produz. As bem-aventuranças são o anúncio de felicidade, porque proclamam a libertação, e não o conformismo ou alienação. Elas anunciam a vinda do Reino através da palavra e ação de Jesus. Elas tornam presente no mundo a justiça do próprio Deus. Justiça para aqueles que são inúteis ou incômodos para uma estrutura de sociedade baseada na riqueza que explora e no poder que oprime. Os que buscam a justiça do Reino são os “pobres em espírito” sufocados no seu anseio pelos valores que a sociedade injusta rejeita”. (Nota de Rodapé da Bíblia Ed. Pastoral: Mt 5, 12).

⁵⁷ SCHELKLE, Karl Hermann. *Teologia do Novo Testamento: Reino de Deus, Igreja, Revelação*. São Paulo: Loyola, 1979, p. 25.

⁵⁸ RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo, Paulinas, 1994, p. 38.

primeiras bem-aventuranças declaram que as pessoas tidas como infelizes e amaldiçoadas são felizes e estão aptas para receber as bênçãos do Reino.

1.5 A PREGAÇÃO DE JESUS

Jesus começou a andar pela Galiléia. Traz fogo em seu coração. Sente necessidade de anunciar àquelas pessoas uma notícia que lhe queima por dentro: Deus já vem libertar o seu povo do sofrimento e opressão. Ele fala ao povo sobre o Reino de Deus⁵⁹ que estava chegando (Mc 1, 4-15). O Reino é o núcleo central da pregação de Jesus e sem dúvida sua convicção mais profunda, a paixão que anima toda sua atividade. Tudo o que ele diz e faz está a serviço do Reino de Deus. O Reino é a chave para captar o sentido que Jesus dá a sua vida.

Ele quer difundir a Boa Notícia do Reino de Deus por toda parte, a partir do contato direto e estreito com as pessoas mais necessitadas de alívio e libertação. Onde ele encontra gente para escutá-lo, fala da Boa Nova de Deus. Faz isso nas sinagogas, durante a celebração da palavra no sábado (Mc 1, 21; 3,1; 6, 2). A sinagoga era o lugar de encontro, onde as pessoas rezavam, cantavam salmos, discutiam os problemas do povo ou se informavam dos acontecimentos importantes da vizinhança. Comentavam-se as Escrituras, e oravam a Deus, pedindo a suspirada libertação. “Era o melhor contexto para dar a conhecer a Boa Notícia do Reino de Deus”⁶⁰. Faz o mesmo nos encontros informais nas casas de amigos (Mc 2, 1-2.15;7, 17; 9, 28; 10, 10); andando pelo caminho com os seus discípulos (Mc 2, 23); ao longo do mar na praia, sentado num barco (Mc 4, 1); no deserto, na montanha, nas praças das aldeias e cidades, onde o povo carregava os doentes; no Templo de Jerusalém e nas romarias. O povo já não precisa sair para o deserto a fim de preparar-se para o juízo iminente de Deus. É o próprio Jesus que percorre as aldeias convidando a todos a “entrar” no Reino de Deus que já está irrompendo em suas vidas⁶¹.

⁵⁹ Cf Neutzling, o anúncio do Reino de Deus é central na pregação de Jesus. A expressão Reino de Deus perpassa os Sinóticos, em Marcos atesta a categoria Reino de Deus (13 vezes) e sempre na boca de Jesus. já em Mateus é usado de forma diferenciada de Reino de Deus (4 vezes), Reino dos céus (32) vezes Reino do Pai (5 vezes) e Reino do Filho do Homem (2 vezes). Em Lucas o termo Reino de Deus (32 vezes) Reino do Pai (2 vezes) Reino do Filho (4 vezes) e uma vez ele usa de forma absoluto o Reino de Deus (Lc 12,32). NEUTZLING Inácio. *O Reino de Deus e os pobres*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 29.

⁶⁰ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação Histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 113.

⁶¹ Idem, *Jesus: Aproximação Histórica*. Petrópolis. P. 113.

Ao pregar que o Reino de Deus estava próximo não queria dizer que o Reino estava chegando só naquele momento, mas sim, que Deus já fez a sua parte e que o Reino já estava aí, independente do esforço feito!

Aquilo que todos esperavam, já estava presente no meio do povo, e eles não o sabiam nem o percebiam (cf. Lc, 17,21). Jesus o percebeu! Pois Ele lia a realidade com um olhar diferente. E é esta presença escondida de Jesus no meio do povo, que vai revelar e anunciar aos pobres da sua terra. É esta a semente do Reino que vai receber chuva da sua Palavra e o calor do seu amor. A Boa Nova é a Boa Nova de Deus. Deus é a maior Boa Notícia para a vida humana. Ele responde as aspirações mais profundas de nosso ser⁶².

Em suas pregações Jesus não dá uma definição precisa do Reino de Deus, a única coisa que diz é: está próximo, ou o Reino de Deus já chegou. Jesus ao proclamar que o tempo se cumpriu, que esgotou o prazo, que está chegando o Reinado de Deus, convoca para a conversão do coração (Mc 1, 15). Conforme Jon Sobrino⁶³, Ele não proclama nada de novo, mas vai recolhendo as expectativas da melhores tradições dos povos. Ele não prega apenas o Reino mas o faz chegar com sua palavra e sua ação libertadora. “No Evangelho de Marcos, o Reino de Deus irrompe com a vinda de Jesus. Na compreensão de Marcos, não é possível separar a pessoa de Jesus e o Reino de Deus. Assim à medida que a identidade e a pessoa de Jesus vão se esclarecendo, ao mesmo tempo o Reino de Deus vai se revelando e se tornando mais compreensível”⁶⁴.

No centro da pregação de Jesus está a Boa Nova do Reino de Deus. É possível que tenha sido o próprio Jesus o primeiro a usar a expressão Reino de Deus no Novo Testamento. O Reino de Deus, no entanto, está profundamente enraizada no Antigo Testamento. Ela tem

⁶² CLAR. Conferência Latina Americana dos Religiosos. Seguir Jesus: Leitura orante do Novo Testamento 2. Uma vida Religiosa Mística - Profética a Serviço da vida 2009. Subsídio: Jesus captava os sinais dos tempos e lhes dava a sua resposta. Equipe de elaboração: WEILER, Lucia; MESTERS Carlos; MIZOTTI José; OROFINO, ZUGNO Vanildo, p. 14-18.

⁶³ SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina. Seu Significado para a fé e a Cristologia*. São Paulo: Loyola, Vozes 1985, p. 126.

⁶⁴ NODARI, P; CESCÓN, E. *Aprendendo com o evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 14.

origem na idéia do reinado de Iahweh. Mesmo antes do estabelecimento da monarquia, Iahweh era visto como Rei de Israel (Dt 33, 5; 1Sm 8, 7)⁶⁵.

Jesus, em sua missão, anuncia o Evangelho do Reino num ambiente de dominação e opressão. Procura resgatar a memória de salvação e libertação que estava presente na história de Israel.

A pregação de Jesus teve início com o anúncio da Boa Nova do Reino a todas as pessoas, sejam judeus ou pagãos. Ele estava consciente de que era esta a missão que o Pai lhe havia reservado. Os evangelistas são unânimes em mostrar que o Reino de Deus é a grande e central missão de Jesus. “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado” (Lc 4, 43). Thomas Rausch⁶⁶, escreve que “o Reino de Deus está no cerne da mensagem de Jesus”. J. Sobrino⁶⁷ diz que Jesus não fez de si mesmo o centro de sua pregação e missão. Jesus viveu para o Pai e para Reino de Deus.

Diferentemente dos que diziam que o Reino só se cumpriria em tempo futuro, por meio de variadas formas de prepará-lo, Jesus apresenta o Reino como uma realidade presente, que já está se cumprindo. “*Em Jesus, o que o Reino futuro trará já é presente*”⁶⁸. Ele não o apresenta como algo para além do povo, como sendo um fim, mas como o início de uma situação prolongada na história; sendo que para fazer parte dele deve haver conversão e preparação. “*Jesus não apenas anuncia o Reino antes que chegue: prepara-o*”⁶⁹. Contudo, em sua mensagem Jesus não se preocupa essencialmente com o dia ou a hora em que virá o Reino de Deus. Ele não vem como um fato sensacional, antes como uma realidade não submetida à temporalidade, que ultrapassa essa dimensão. A temporalidade do Reino não era a preocupação de Jesus que anunciava a permanente presença de Deus na humanidade. A vinda do Reino de Deus não é observável. Não se poderá dizer: ‘Ei-lo aqui! Ei-lo ali!’, pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17, 20-21). Ele está presente em qualquer lugar onde a ação de Jesus é continuada.

Ao anunciar que o Reino de Deus está próximo (Mc 4, 15), que está se cumprindo entre nós (Lc 17, 21), Jesus desperta no povo não só a esperança do cumprimento do Reino,

⁶⁵ RAUSCH, Thomas P. *Quem é Jesus? Uma Introdução a Cristologia*. Aparecida - SP: Santuário, 2006, p. 139.

⁶⁶ Idem. *Quem é Jesus? Uma Introdução a Cristologia*. Aparecida SP: Santuário 2006, p.140.

⁶⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador! I – A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994, p.105.

⁶⁸ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus Histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 267.

⁶⁹ SEGUNDO, Juan Luis. *A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 167.

mas a certeza da sua concretização. Jesus proclama que Deus mesmo entrou em ação. O Reino de Deus anunciado por Jesus é uma realidade futura que, no entanto já irrompe no presente. Para tanto Jesus quebra com toda presunção histórica de que o Reino se daria numa realidade futura, distante da nossa percepção, onde se viveria em harmonia perfeita. “*Jesus tem a audácia de proclamar o desenlace do drama da história, a superação, finalmente, do anti-reino, a vinda inequivocamente salvífica de Deus. E os sinais que acompanham suas palavras mantêm essa esperança*”⁷⁰.

O Reino de Deus, não só deve levar a uma mudança de sentido, ou seja, superar a concepção apocalíptica negativista para uma esperança otimista, mas principalmente deve levar a uma nova prática. De nada vale receber a Boa Nova do Reino, se esta não nos leva a um novo agir. Para tanto, é necessária conversão e mudança: aos pobres, não permanecerem acomodados com a situação, mas abrir-se à esperança que motive à transformação; aos opressores, cabe mudar radicalmente sua conduta de opressão em vista de que todos tenham uma vida digna⁷¹.

Quando essa Boa Notícia é assumida, ela leva a viver e colocar em prática as atitudes do Reino de Deus. Ela nos leva a “recuperar a humanidade plena que, de mil maneiras, (a humanidade) foi perdendo”⁷². Não há instauração do Reino onde não há libertação e justiça, onde não há transformação e superação de toda e qualquer opressão. “O Reino é uma transformação de uma situação má, de uma situação de opressão e que a ação de Deus só pode ser concebida como superação de uma situação negativa”⁷³. Neste sentido, José Pagola está de acordo com Sobrino quando diz que o “Reino de Deus abre caminho lá onde os enfermos são resgatados do sofrimento, os endemoninhados se vêem libertados de seus tormentos e os pobres recuperam a dignidade. Deus é “antimal”: procura “destruir” tudo o que causa dano ao ser humano”⁷⁴.

Assim, o Reino de Deus é caminho, marcha. É transformação histórica de opressão pela libertação e justiça. É compromisso pela causa dos indefesos e vulneráveis a todo tipo de

⁷⁰ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador! I – A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994, p. 119.

⁷¹ Idem, *Jesus, o libertador! I – A história de Jesus de Nazaré*, p. 120.

⁷² SEGUNDO, Juan Luis. *A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 149.

⁷³ SOBRINO, Jon. *Cristologia a Partir da América Latina: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 68.

⁷⁴ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação Histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p.125.

exploração. Pagola complementa a concepção de Sobrino quando diz que o Reino de Deus vai se gestando ali onde ocorrem coisas boas para os pobres⁷⁵.

Nesta perspectiva, “o Reino que tudo abrange, para tudo transformar⁷⁶” se assemelha ao fermento na massa (Mt 13, 33). Uma pequena quantidade é suficiente para transformar toda a massa, embora tenha um começo modesto, apresenta grande e repentino desenvolvimento. O mesmo é relatado na parábola da semente de mostarda (Mc 4, 30-32 ; Mt 13, 31s ; Lc 13, 18s), em que diante da insignificante pequenez da semente, esta cresce e se transforma, tornando grande árvore. Ambas as parábolas descrevem a oposição entre a pequenez oculta do começo e a grandeza do fim que é inteiramente obra de Deus.

Embora todo nosso esforço para que o Reino de Deus se estabeleça entre nós, o seu pleno cumprimento só se concretizará futuramente, no fim dos tempos (Mc 14, 25; Lc 11, 2; Mt 21, 31). Contudo, a dimensão presente e a futura estão intimamente ligadas, como que se complementam. Estão vinculadas, não são duas realidades contrapostas. “Esta vinculação está na origem da conhecida tensão entre o ‘já’ (atuação do Reino na ambigüidade de nossa história) e o ‘ainda não’ (o Reino na plenitude futura), tensão essa que faz parte, de maneira básica, da existência histórica cristã⁷⁷”.

A pregação de Jesus é marcada pelo paradoxo entre o anúncio do Reino iminente e o seu pleno cumprimento no fim dos tempos. Contudo, ao que parece, sua missão está muito mais voltada à primeira dimensão. Mais que anunciar o Reino, Jesus busca a sua realização, que só será possível se cumprir mediante a graça de Deus.

1.6 O REINO DE DEUS É GRAÇA E RESPONSABILIDADE

O Reino de Deus é dom absoluto, totalmente gratuito, oferecido aos seres humanos em especial àqueles que estão em situação de abandono e opressão. É uma graça⁷⁸, um dom que

⁷⁵ Idem, *Jesus: Aproximação Histórica*. Petrópolis p. 114.

⁷⁶ ECHEGARAY, Hugo. *A Prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 122.

⁷⁷ RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo, Paulinas: 1994, p. 49.

⁷⁸ SOBRINO, J. 1993, p. 273 diz que a “graça é um modo de vida; no fundo é viver segundo o amor”. LA PEÑA, Juan Luis, na sua obra, *Criação, Graça, Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998, afirma que a graça é Cristo que se dá a si mesmo nos capacitando para viver, sentir, pensar e agir como ele. A graça é um ato de liberdade

deve ser acolhido construtivamente, isto é, impõe a necessidade de agir. O projeto do Reino é oferecido de graça, mas exige uma ação por parte de quem recebe. O Reino de Deus anunciado aos pobres é motivação e uma possibilidade de vida nova, de um novo agir. Jesus faz a pessoa ser partícipe protagonista na construção o Reino de Deus, que embora sendo gratuito exige disposição pessoal e não pode ser acolhido na passividade. Ao ser humano cabe abrir-se a esse dom estupendo, acolhendo-o com alegria e gratidão. A ela cabe a decisão de deixar-se presentear, receber o Reino de Deus como dádiva, como a criança que recebe um presente Mc 10, 15; Lc 18, 17 e essa decisão o compromete a proclamar com a vida e a ação, um não a determinada organização e relacionamento social pois a acolhida do Reino privilegia os pobres, as crianças, os pecadores, doentes, publicanos, as prostitutas, ou seja aqueles que estão à margem da organização social. A atitude fundamental do ser humano resume-se na abertura, na receptividade, no acolhimento.

O Reino não pode ser compreendido como resultado e fruto do esforço humano, mas sim como graça. Para o teólogo Jon Sobrino, o Reino de Deus se aproxima em graça e não em justiça, não na correspondência às obras. Não existe disposição humana capaz de exigir esta vinda. A primeira intenção de Deus não é remunerar segundo às obras, mas recriar a situação de todo homem. É a expressão da gratuidade⁷⁹. Nos evangelhos encontramos inúmeras passagens onde a Boa Notícia do Reino chega como um presente, aos que estão subjugados pelo sistema de discriminação e opressão. A pessoa que se deixa presentear torna-se protagonista na superação de sua vulnerabilidade. Jesus na sua Missão de anunciador da Boa Notícia, convida os pobres para entrar em ação na dinâmica do Reino dizendo: “Levante-se e vem para o meio” (Mc 3, 3), “levante-se, pega a sua cama e anda” (Jo 5, 8...). “Vai mostrar-te ao sacerdote” (Lc, 17, 14...). “pode ir seu filho está vivo” (Jo 4, 50), “vocês é que tem de lhes dar de comer” (Mc 6, 37). “Minha filha, sua fé curou você. Vai em paz e fique curada dessa doença” (Mc 5, 34), “pode ir a sua fé curou você e no mesmo tempo o cego começou a ver de novo e seguia Jesus pelo caminho” (Mc 10, 52). O Reino de Deus, embora sendo dom gratuito, não suprime a necessidade do agir e a ação em favor do Reino. Não nega a sua gratuidade. Esta gratuidade de Deus não se opõe à atividade humana, embora pareça. Ela não significa a não-ação para com o Reino. O que não compete a nós é querer, por nosso

genuína. Graça é liberdade; a liberdade verdadeira é manifestação concreta da graça. O sim a graça é na verdade, um ato de genuína liberdade.

⁷⁹ SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 218.

mérito, forçar a vinda do Reino, o que era muito comum pelos grupos contemporâneos de Jesus. “*Deus vem por amor gratuito, não como resposta à ação dos homens*”⁸⁰.

Acontece com o Reino de Deus o mesmo que com o homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos. Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe lança a foice, porque a colheita chegou (Mc 4, 26-29).

O Reino tem uma força intrínseca que independe dos trabalhadores. O agricultor faz sua vida independente e a semente nasce e cresce sem ter nada a ver com o agricultor, fora o fato de ser semeada por ele no início. Desta forma, o Reino não é mérito de alguns, mas está sempre presente, já atuando de maneira oculta e secreta. Só é preciso esperar que chegue a colheita. Ele é oferecido por primazia aos pobres que nada têm (Mt 5, 3), àqueles que se colocam com simplicidade e obediência como as criancinhas que são aclamadas por Jesus fazendo parte de sua ceia.

O reino é dádiva de Deus. É dado aos pobres que não têm nada (Mt 5, 3). Por isto, as criancinhas entram no Reino (Mc 10, 15). Aí não se fala da inocência infantil merecedora do céu. As crianças são aqueles que sabem que não podem fazer mais do que deixar que os adultos, superiores a elas, lhes dêem presentes. Sendo que o reino nunca é merecido, mas sempre dado de presente, os pecadores, as prostitutas e os publicanos entram nele antes dos justos (Mt 21, 31). Como herança (Mt 25, 34), ele é sempre dádiva; como herança, dom imerecido⁸¹.

Contudo, ao ouvirem a mensagem, são exortados a permanecerem voltados a Deus para entrar no seu Reino.

O Reino dos Céus é semelhante ao tesouro escondido no campo; um homem o acha e torna a esconder e, na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo. O Reino dos Céus é ainda semelhante ao negociante que anda em busca de pérolas finas. Ao achar uma pérola de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra (Mt 13, 44-46).

⁸⁰SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador! I – A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994, p. 119.

⁸¹ SCHELKLE, Karl Hermann. *Teologia do Novo Testamento: Reino de Deus, Igreja, Revelação*. São Paulo: Loyola, 1979, p. 24.

Encontrar o Reino provoca uma enorme alegria, chegando a ponto de abandonar tudo para ficar com ele. Ele é uma riqueza inegociável e insubstituível. Contudo, para perceber esta riqueza inegociável é preciso abrir-se ao dom gratuito do Reino, resultando assim, na sua aceitação. O Reino anunciado por Jesus não é uma grandeza abstrata que se promete para um futuro distante. O Reino de Deus se deixa encontrar com maior valor frente ao qual todo o resto fica relativizado. Esta descoberta provoca de fato uma mudança e uma transformação na ação. A mudança é proveniente da alegria (Mt 13, 44), pelo que foi encontrado. De nada vale Deus, no seu imenso amor, nos oferecer o Reino, se não o recebermos. Por isso, diante da graça de Deus, é necessário abertura e acolhimento. Somente recebe o dom do Reino, aquele que reconhece sua pequenez diante da majestade de Deus. O Reino é para os simples, humildes, para aqueles que reconhecem “a própria incapacidade de auto-salvar-se”⁸².

O Reino só se estabelece para aqueles que, sem mérito ou auto-suficiência, acolhem com humildade e alegria a Boa Nova. Para aqueles cuja única segurança está em Deus, ou seja, para os pobres (Lc 6, 20), os publicanos, as prostitutas (Mt 21, 31), e as criancinhas (Mc 10, 13-16).

A gratuidade do Reino é melhor visualizada quando analisamos os destinatários do Reino. Não está fundada sobre méritos ou grupos sociais de Israel. Jesus compreende que a sua missão deveria estar direcionada aos pobres⁸³. “Fui enviado para anunciar a boa-nova aos pobres” (Lc 4, 18). Diante da situação de injustiça e opressão o Deus do Reino vem em socorro aos mais pobres, aos marginalizados e indefesos.

O pobre é convidado a participar do Reino não porque seja melhor, mais hospitaleiro ou mais solidário do que o rico. O pobre pode ser tudo isso, mas Lucas não está falando no merecimento nem nas qualidades do pobre. É a situação miserável e injusta em que a pessoa do pobre se encontra que faz com que o Deus do Reino intervenha em seu favor⁸⁴.

Jesus nunca louvou os pobres por suas virtudes e qualidades. Provavelmente aqueles camponeses não eram melhores do que os poderosos que os oprimiam; também eles abusavam de outros mais fracos e exigiam pagamento das dívidas sem compaixão alguma (Mt 18, 28-30). Ao proclamar as bem aventuranças, Jesus não diz que os pobres são bons ou virtuosos, mas que

⁸² RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo, Paulinas, 1994, p. 39.

⁸³ “Pobre é todo aquele cujos direitos são violados e que é oprimido por poderosos” (THEISSEN, 2002, p. 294).

⁸⁴ RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo, Paulinas, 1994, p. 40.

estão sofrendo. Deus se põe do lado deles não porque o mereçam, mas porque precisam. O Deus da justiça e acima de tudo, do amor, não poderia deixar de intervir exclusivamente em favor dos excluídos e desprezados da sociedade, por aqueles que nada têm.

Podemos compreender, a partir dos Sinóticos, que os pobres são caracterizados por dois aspectos: os que sofrem por suas necessidades básicas, os famintos, os que lhe são privados do mínimo básico; e os que são desprezados e excluídos da sociedade.

Pobres são os que vivem curvados sob o peso de alguma carga – que Jesus interpretará muitas vezes como opressão –, aqueles para quem viver e sobreviver é uma carga duríssima. Pobres são os desprezados pela sociedade vigente, os tidos por pecadores, publicanos, prostitutas (Mc 2, 16; Mt 11, 19; 21, 32; Lc 15, 1s), os simples, os pequeninos, os menores (Mt 11, 25; Mc 9,36; Mt 10, 42; 18,10. 14; Mt 25, 40. 45), os que exercem profissões desprezadas (Mt 21, 31; Lc 18, 11). Neste sentido, pobres são os marginalizados, aos quais sua ignorância religiosa e seu comportamento moral fechavam, segundo a convicção da época, a porta de acesso para a salvação. Poderia ser dito que são os pobres sociológicos, no sentido de que lhe é negado o ser socius (símbolo de relações inter-humanas fundamentais) e, com isso, o mínimo de dignidade⁸⁵.

Independentemente se são pobres economicamente ou se são pobres por não ter dignidade e serem socialmente desprezados, Deus, em Jesus, está ao lado deles. “Deus defende aqueles que ninguém defende”⁸⁶. As diversas pregações e atitudes de Jesus mostram que os pobres são os destinatários⁸⁷. O Reino de Deus pertence àqueles indefesos, que são marginalizados. É o caso das crianças que eram desvalorizadas. “Traziam-lhe crianças para que as tocasse, mas os discípulos as reprendiam. Vendo isso, Jesus ficou indignado e disse: Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus” (Mc 10, 13-14).

Jesus pede que as criancinhas não sejam barradas e possam ir até Ele, pois diferentemente dos adultos, que estabeleciam relações comerciais com Deus, elas aceitavam o que os adultos lhe ofereciam como gratuidade, assim como também acolhem o Reino como dom, presente.

Igualmente os pequeninos, os camponeses, pescadores, os simples, que não têm nenhum mérito ou títulos, que não têm nada para apresentar a Deus, são os merecedores do

⁸⁵ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador! I* – A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994, p. 125-126.

⁸⁶ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes: 2010, p. 132.

⁸⁷ Embora a fórmula de Mateus “pobres de espírito” (Mt 5, 3) enfatize o espírito de pobreza, tanto no rico como no pobre, parece que Jesus quer salientar em geral é a pobreza efetiva, sendo Ele mesmo tornou-se exemplo para os demais.

Reino de Deus. Este é oferecido àqueles que o recebem simplesmente como um dom, àqueles que não exigem pagamento por suas falsas virtudes (cf. Lc 10, 25).

Para escândalo de muitos, Jesus apresenta os pecadores – publicanos, prostitutas, os que exerciam profissões impuras – como merecedores do Reino de Deus. Ao serem considerados pecadores passavam a ser marginalizados e desprezados pelo sistema social. “Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precederão no Reino de Deus” (Mt 21, 31).

Diante dessa realidade de exclusão, Jesus se põe do lado deles e estes o seguem, pois frente à exclusão e condenação da sociedade só lhes restava a misericórdia infinita de Deus. Estes que estavam abertos à proposta libertadora do Reino, reconheceram a necessidade de conversão e mudança. Contudo, muitos ‘piedosos’ que se diziam fiéis seguidores, acreditavam não necessitar da misericórdia de Deus, pois já eram ‘puros’.

Frente à “realidade de pobreza”⁸⁸ Jesus busca ser um sinal de esperança no meio deles. Não uma esperança isolada, mas que vai contagiando a todos para a construção e vivência do Reino desde já.

O Reino de Deus é desses pobres. Aqueles para quem é sumamente difícil dominar o fundamental da vida, aqueles que vivem no desprezo e na marginalização, aqueles que vivem oprimidos, aqueles, em suma, para os quais a vida não oferece horizonte de possibilidades, aqueles, além disso, que se sentem afastados de Deus porque sua sociedade religiosa introjetou isso neles, a esses Jesus diz para terem esperança, que Deus não é como seus opressores fizeram pensar, que o fim de suas calamidades está perto, que o reino de Deus se aproxima e é para eles⁸⁹.

Há universalidade do Reino quando a todos é dada a possibilidade de viver. A possibilidade de restituição da vida plena. Sendo os pobres os grandes destinatários desta Boa Nova. Sendo eles a grande maioria e até a eles, aos quais nunca chegou, é chegada a vida, então podemos falar da universalidade do Reino. Do resgate da vida a todos, começando pelos mais debilitados.

Os atos de Jesus são, fundamentalmente, sinais da vinda do Reino, como Ele mesmo afirma aos que foram enviados por João Batista para saber se Ele era o Messias ou se deviam esperar outro: “os cegos vêem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem,

⁸⁸ SOBRINO, Jon *Jesus, o libertador! I – A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994, p. 127.

⁸⁹ Idem, p. 128.

os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11, 5). Para Sobrino⁹⁰, esta resposta pressupõe que o Reino é uma transformação de uma situação má, de uma situação de opressão e que a ação de Deus só pode ser concebida como superação de uma situação negativa. O Reino de Deus se aproxima como libertação.

⁹⁰ SOBRINO, Jon. *Cristologia a Partir da América Latina*: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 68.

2. O REINO DE DEUS NAS CONFERÊNCIAS LATINO-AMERICANAS

A Igreja latino-americana, a partir do Concílio Vaticano II⁹¹ e mais especificamente, das Conferências Episcopais de *Medellín* e *Puebla*, percebe que neste contexto se faz presente uma realidade anti-evangélica. Ela voltou-se para o mundo dos pobres, assumindo o projeto do Reino de Deus com sua missão de ser solidária e porta-voz dos sem voz e sem vez.

Os pobres ocupam lugar privilegiado na Teologia Latino-americana. Revelam no mundo o rosto de Deus desfigurado pela opressão, marginalização e injustiça social. Estes e outros são sinais do anti-reino presente entre o povo latino-americano e caribenho. Estas realidades desafiam os cristãos a reagirem perante situações de injustiça, exploração e marginalização que afetam a imensa maioria do povo. Os cristãos são convocados a investirem suas forças em favor de vida humana mais digna para todos.

No contexto latino-americano, a elite detém o poder, o saber e o ter. Confiscam para si o destino de povos inteiros, impondo seus interesses e mantendo seus privilégios com todas as armas disponíveis. Os pobres se situam em condições desumanas de sobrevivência. Clamam por dignidade, por direitos fundamentais, por relações igualitárias na sociedade e por mecanismos de participação mais efetivos. Esse clamor eleva-se até o coração de Deus.

O contexto de anti-reino e de não-vida constitui-se num desafio à missão evangelizadora da Igreja. A fidelidade a Deus e a seu Reino exige necessariamente fidelidade a esses pobres sofridos e oprimidos. Convoca a assumir de forma criativa em seu favor, gestos concretos de acolhida, solidariedade e de luta para que o Reino de Deus, como projeto de felicidade, continue se concretizando na América Latina e Caribe. Deus nos faz partícipes do evento do Reino. Esperar por ele passivamente é retardar a consumação do Reino.

Neste segundo capítulo, continua a disposição ao desafio e aprofundamento da opção da Igreja latino-americana e caribenha pelos pobres, como opção fundamental em defesa da vida, segundo o exemplo do próprio Jesus que investiu toda a sua vida para que o Reino de Deus se concretizasse na sua realidade.

⁹¹ O Concílio Vaticano II foi o vigésimo primeiro Concílio da história da Igreja, realizado no período de 1962-1965, foi convocado pelo Papa João XXIII. Constitui, sem dúvida, um marco referencial na história da Igreja católica e na sua relação com a sociedade. Convocou a Igreja a abrir-se aos novos tempos, criou novos paradigmas teológicos e pastorais. Para *continuar aprofundando*: GONÇALVES Paulo Sergio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Organizadores) *Concílio Vaticano II. Análises e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

O objetivo deste capítulo consiste em mostrar a situação de pobreza e marginalização presente no continente latino-americano e o desafio da opção preferencial pelos pobres assumida pela Igreja latino-americana e caribenha. A situação peculiar vivida na América Latina faz redescobrir com particular força do Deus do Reino que quer libertar a pessoa e inaugurar o senhorio de Deus já neste mundo, começando pelos pobres e sedentos de justiça. L. Boff afirma que o lugar privilegiado do encontro com o Deus de Jesus Cristo “é o pobre e o marginalizado”⁹².

Este capítulo pretende aprofundar o tema do anúncio do Reino de Deus no pensamento da Igreja latino-americana, especialmente nas Conferências do CELAM⁹³, contribuindo para que se fortaleça o sentido de pertença eclesial, estimule todos os batizados que anunciem e ajudem a concretizar a mensagem do Reino de Deus e passem de evangelizados a evangelizadores, promovendo a vida onde ela se encontra ameaçada.

2.1 MEDELLÍN: O ANTI-REINO E O CLAMOR PELO REINO DE DEUS⁹⁴

Em 1968, realizou-se em Medellín, Colômbia, a II Conferência Geral do CELAM. O tema central foi: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”.

Na década de 60, as cidades aumentaram assustadoramente. As metrópoles com grandes massas de migrantes, que se instalaram nas periferias encontravam-se em situação de grande pobreza e miséria. No campo, os grandes proprietários dominaram as políticas agrícolas. Aumentaram as camadas de miseráveis e empobrecidos, e o capital concentrou-se nas mãos de uma minoria.

Conforme L. Boff⁹⁵, as preocupações dos cristãos comprometidos com a transformação da sociedade e com a reflexão séria que a acompanhava, ecoaram fortemente

⁹² BOFF, Leonardo. *Vida segundo o Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 172ss.

⁹³ Conselho Episcopal Latino Americano.

⁹⁴ MEDELLÍN - A cidade de Medellín fica na Colômbia foi habitada pelos povos indígenas desde o quinto século a. C. aproximadamente; foi visto pelos espanhóis em agosto de 1541. Medellín é uma das grandes cidades da Colômbia. Está localizada no centro do país, um pouco mais a norte de Bogotá. A sua população é estimada em pouco mais de dois milhões de habitantes e é a segunda cidade mais populosa do país. É a capital da região de Antioquia. Acesso em <http://colombia.costasur.com/pt/medellin>. No dia 10/11/2010

⁹⁵ BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 32.

nos trabalhos da II Conferência em Medellín, sendo uma primavera para o Continente; rica em criatividade e propostas pastorais.

A partir de 1968, instalaram-se, em quase todos os países latino-americanos, governos militares altamente repressivos, que somavam forças com as oligarquias, isto é, apoiavam-se mutuamente. Verifica-se que o progresso do continente está se processando às custas do empobrecimento do povo, favorecendo as minorias opulentas de cada país. Esse processo de crise e a nova consciência da realidade mobilizam diferentes grupos sociais.

Surgem grupos revolucionários, mesmo diante da situação de repressão, que reivindicam mudanças na sociedade; e isto começa a ameaçar a hegemonia das classes burguesas e a própria segurança do Estado. Os grupos dominantes assustam o povo e refreiam os nascentes movimentos populares. Multiplicam-se os golpes de estado. Quase todos os países da América Latina passam pela experiência da ditadura militar, inspirada na Doutrina da Segurança Nacional. “Organizações culturais, sindicais ou políticas, que defendem mudanças substanciais na sociedade, são dissolvidas ou passam pelo crivo impiedoso da censura. Os direitos humanos são violados sistematicamente, com respaldo institucional”⁹⁶.

A Igreja vive os primeiros anos pós Concílio; isto é, encontra-se num momento de renovação eclesial profunda. Há um anseio profundo de aplicar o Concílio Vaticano II, contexto da América Latina. Medellín se serve do método ver, julgar e agir, nascido da ação católica, especialmente da JOC (Juventude Operária Católica) e que aproxima a Igreja do povo. Brunelli⁹⁷ fala que a Igreja começa a perceber a grande diferença entre o mundo moderno e a realidade do continente. Descobre aqui um submundo formado por milhões de pobres, explorados e espoliados pelo sistema de dominação que “embeleza” o mundo moderno. Na opinião de Ramón Serrano⁹⁸ o primeiro passo importante dado na Conferência de Medellín foi o estudo atento da realidade, tanto econômica, política e social, quanto eclesial do continente latino-americano. O segundo passo consistiu em identificar as interpelações que brotavam da realidade, analisando-as à luz da Palavra de Deus, com a ajuda vinda do Vaticano II, do Magistério e da experiência de toda Igreja.

Em Medellín, a hierarquia da Igreja latino-americana tomou colegialmente consciência da presença dos pobres e da situação dos marginalizados e da marginalização própria da

⁹⁶ BRUNELLI, Delir. *Profetas do Reino*. Grandes linhas da atual teologia da Vida religiosa na América Latina Rio de Janeiro: CRB, 1986, p. 37.

⁹⁷ Idem, *Profetas do Reino*. Grandes linhas da atual teologia da Vida religiosa na América Latina p. 37.

⁹⁸ SERRANO, Ramón de Cazallas. A Conferência de Medellín. In. *Pelos caminhos da América*. São Paulo: Missões, 2007, p. 14.

América Latina. Aloísio Lorscheider⁹⁹ fala que o passo novo dado em Medellín foi a “descoberta de um submundo”. Em Medellín vem à tona a tremenda dependência opressora. No documento de Medellín n° 8, sobre a pobreza da Igreja, lemos:

O Episcopado Latino-Americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantém a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que em muitos casos chega a ser miséria desumana. Um surdo clamor brota de milhões de homens pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte¹⁰⁰.

Fortemente interpelada por este surdo clamor dos pobres, a Igreja Latino-americana toma consciência de sua responsabilidade evangélica, diante da história concreta que vai construindo nossos povos, e da necessidade de promover uma evangelização libertadora. Raul Ruijs¹⁰¹ diz que o documento de Medellín não se conscientizou das causas que geraram esta situação, nem da necessidade de analisá-las para poder propor pistas de ação efetivamente transformadoras desta situação. Reconhece antes e, de forma perplexa, que a própria Igreja é a réplica fiel das distorções sociais vigentes.

No contexto de pobreza e até miséria em que vive a grande maioria do povo Latino-Americano, nós bispos, sacerdotes e religiosos têm o necessário para a vida e também uma certa segurança, enquanto os pobres carecem do indispensável e se debatem em meio a angústia e incertezas. Não faltam casos em que os pobres sentem que seus bispos, párocos, religiosos não se identificam realmente com eles, com seus problemas e angústias e que nem sempre apóiam os que com eles trabalham ou advogam sua sorte¹⁰².

⁹⁹ LORSCHIEDER, Aloísio. *500 anos de Evangelização da América Latina: Desafios e Perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 28.

¹⁰⁰ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1987. MD, pobrezan. 8. (A partir de agora esta obra será referida com MD, seguida pelo n° referido)

¹⁰¹ RUIJS, Raul. Pobres e Pobreza de Medellín a Puebla. *REB*, Petrópolis, vol. 38/152, p. 681-695, 1978, p. 685.

¹⁰² Idem (MD, pobreza da Igreja. 3).

O resultado desta constatação e reflexão é o deslocamento eclesial, desta vez, do centro para a periferia. Delir Brunelli¹⁰³ afirma que a Igreja, aos poucos, vai deixando seu lugar junto às classes dominantes e se transfere para o lugar social dos pobres. A partir deles olha para si mesma e para o mundo e compreende o sentido de sua vocação e missão. A prática pastoral vai adquirindo um novo rosto, uma forma nova e tem sua principal expressão nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). A Conferência de Medellín fez com que se expandisse por toda a América Latina a corajosa opção pelos pobres.

Essa nova postura da Igreja faz com que o campo de atuação da Igreja se amplie, atingindo não apenas o campo religioso e humano, mas também o campo social, o mundo do homem latino-americano, marcado por relações anti-evangélicas e anti-humanas. Dá-se relevo à dimensão política da fé e ao compromisso com o cristão na linha libertadora.

Esse deslocamento do centro para as periferias é uma resposta de conversão da própria Igreja e tem implicações, às vezes dolorosas, mas reconhecidas como evangélicas: abandono de privilégios, renúncia às formas dominadoras do poder, despojamento, sujeição à perseguição e ao martírio.

Conforme Leonardo Boff¹⁰⁴, as comunidades cristãs conhecem em seus próprios arraiais a repressão, a prisão, a tortura e o martírio. Centenas de leigos, religiosos/as e muitos sacerdotes foram expulsos, outros torturados, e alguns até assassinados. Tudo isso por causa da denúncia profética e do compromisso com a justiça. Comblin¹⁰⁵ vem completar, dizendo que Medellín entrou no cativo com a Teologia da Libertação. Produziu milhares de mártires. Vários bispos foram assassinados, dezenas de sacerdotes e de religiosos/as morreram, milhares de leigos, catequistas, delegados/as da Palavra, animadores/as de comunidades ou militantes de movimentos foram mortos violentamente.

O período entre Medellín (1968) e Puebla (1979) - sobretudo a partir de 1973- é fecundado pelo sangue de inúmeros Mártires. Em cinco anos a Igreja Latino - americana teve maior número de mártires do que quase cinco séculos de existência! Trata-se de homens e mulheres, entre sacerdotes, religiosos/as e simples membros de comunidade, cujas vidas foram ceifadas no testemunho pela justiça do Evangelho¹⁰⁶.

¹⁰³ BRUNELLI, Delir. *Profetas do Reino*. Grandes linhas da atual teologia da Vida religiosa na América Latina Rio de Janeiro: CRB, 1986, p. 38.

¹⁰⁴ BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 34.

¹⁰⁵ COMBLIN, José. Medellín: Vinte Anos Depois. *REB*, Petrópolis: n. 48, 1988, p. 821.

¹⁰⁶ MATOS, Henrique Cristiano José. Introdução à história da Igreja. Belo Horizonte: *O Lutador*, 1987, p. 179.

Dom Cândido Padin *apud* Estevão Raschiatti¹⁰⁷ afirma que Medellín foi, para a Igreja latino-americana, um segundo *Kairós*¹⁰⁸, como foi o Concílio Vaticano II para a Igreja Universal. Foi um acontecimento histórico que mudou os rumos da ação da Igreja católica em todo nosso continente.

A opção preferencial e solidária pelos pobres é uma formulação própria de Puebla, mas já estava presente em Medellín de várias maneiras. Lembramos algumas passagens no Documento sobre pobreza da Igreja: “Queremos que a Igreja seja evangelizadora e solidária com os pobres” (MD pobreza da Igreja 8); “devemos tornar aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres” (MD pobreza da Igreja 10). Esta solidariedade significa fazer nossos os problemas dos pobres e saber falar por eles. Isto se concretiza na denúncia da injustiça e opressão, na luta contra a intolerável situação em que se encontram, freqüentes vezes, os pobres, na disposição de dialogar com os grupos responsáveis por esta situação, a fim de fazê-los compreender suas obrigações.

Comblin¹⁰⁹ afirma que Medellín reconheceu que os pobres estão no centro da Bíblia, e que a Igreja deve ser a Igreja dos pobres. Desde sempre a Igreja se preocupou com pobres, essencialmente, pela esmola e assistência. Porém, segundo Comblin, os pobres que sempre foram objeto da caridade cristã, agora se tornam, sujeitos.

A Igreja reconheceu que a pobreza tem suas raízes na injustiça. Não se resolve o problema dando esmolas, mas praticando a justiça. A pobreza é um problema social. Ela tem raízes na história latino-americana. Não constitui uma fatalidade, mas pode ser remediada corrigindo essa história. Os pobres não devem deixar de ser objeto para se tornarem sujeito de libertação. [...]. Medellín pretende inaugurar um novo período em que a Igreja estará convivendo com os pobres, participando dos seus sofrimentos e das suas lutas. O compromisso da Igreja com os pobres não é substancial e nem oportunista, mas deriva da própria natureza do povo de Deus¹¹⁰.

Para que os pobres deixem de ser objeto de manobra nas mãos das classes mais privilegiadas é preciso conversão e transformação da própria Igreja. Sabe-se que a Igreja por

¹⁰⁷ RASCHIETTI, Estevão. 40 Anos de Medellín. In. *Revista Missões*. Acesso em 26/01/2011. <http://www.revistamissoes.org.br>

¹⁰⁸ *Kairós* - Na mitologia grega, *Kairos* (καίρος, “o momento certo” ou “oportuno”) <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kairos>.

¹⁰⁹ COMBLIN, José. Medellín: Vinte Anos Depois. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: n. 48, 1988, p. 811.

¹¹⁰ Idem Medellín: Vinte Anos Depois. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: n. 48, 1988, p. 811.

muito tempo ligada a classes privilegiadas. Para ela ser porta voz da mensagem do Evangelho e anunciadora da Boa Notícia para todos/as, é preciso que se coloque, de fato, do lado dos mais fracos. A opção de estar com os pobres e lutar junto com eles, é uma opção que precisa ser renovada sempre, reconhecendo ser, é a opção própria de Jesus.

A Conferência de Medellín considera que essa situação de pobreza é o maior desafio ao qual deve fazer frente o anúncio do Evangelho. A proclamação de um Reino de amor e paz é incompatível com a "violência institucionalizada" em que vivem os pobres da América Latina (cf MD, Paz 16). Não é possível, ficar "indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina" (MD, Pobreza da Igreja 1). Daqui nasce a intuição básica de Medellín que é a "opção pelos pobres". Optar pelos pobres é fazer a opção que Jesus fez, quando acolheu, defendeu e promoveu a vida dos pobres que encontrou.

A reflexão em torno desta Conferência trás conseqüências práticas para a missão da Igreja Latino-americana e caribenha. O anúncio do Reino de Deus provoca transformação. Transformação é a palavra chave para, compreender e viver Medellín. "Igreja de Medellín", amadurecida à luz do Concílio, propõe e realiza a abertura de novos caminhos para a América Latina, na superação do autoritarismo e da centralidade eclesial; na valorização da vida comunitária e social, na articulação fé e vida, na luta pelos direitos humanos e dos povos, na substituição do assistencialismo pela verdadeira promoção humana e social na construção de sociedades solidárias e democráticas que evidenciem sinais do Reino de Deus. Necessitamos todos de uma profunda conversão para que chegue a nós o "Reino de Justiça, de amor e de paz" (MD 1, 3).

O lugar social da Igreja muda. Agora não é mais fora ou até contra o mundo, mas no mundo, com a finalidade de fermentá-lo com o fermento bom do evangelho, oferecendo a todos, sem exclusão: oportunidades iguais, direitos reconhecidos, dignidade respeitada, enfim, vida nova e plena.

O Reino de Deus é maior e mais importante que a Igreja. A Igreja é sinal (sacramento) que deve apontar para o Reino. Sua vocação específica é a de ser a humilde servidora do Reino de Deus no mundo, onde a humanidade vive em meio às tristezas e alegrias, dores e esperanças (cf. GS 1). O Reino de Deus anunciado por Jesus é Reino de amor, de justiça, de verdade e de vida. A missão da Igreja passa obrigatoriamente pela transformação das realidades sócio-econômicas e político-religiosas para conformá-las aos ideais do Reino. "Queremos que a Igreja na América Latina seja evangelizadora e solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos [...] os povos" (MD 14, 8). O Reino de Deus é o eixo central que direciona toda a missão proposta pela Conferência

de Medellín. A atualidade e relevância de Medellín para a missão da Igreja no continente e no mundo continua nos desafiando, como Jesus, no final do discurso das parábolas em Mateus, a nos tornarmos discípulos do Reino e a sermos semelhantes ao pai de família do Evangelho “que tira do seu baú, coisas novas e velhas” (Mt 13, 52).

2.2 PUEBLA: O REINO DE DEUS E AS OPÇÕES PASTORAIS¹¹¹

A III Conferência de Puebla se realizou na cidade mexicana de Puebla, entre os dias 27 de janeiro à 13 de fevereiro de 1979. O tema foi “A evangelização no presente e no futuro da América Latina”. Ramón Serrano¹¹² diz que as fontes inspiradoras desta terceira Conferência foram os documentos do Concílio Vaticano II, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI. Puebla assinala explicitamente a sua continuidade com a Conferência Medellín e esta continuidade se expressa na maneira com que Puebla trata alguns temas como: a opção "preferencial" pelos pobres - pelos jovens - pela comunhão e participação e pela dignidade da pessoa humana

Gustavo Gutiérrez¹¹³ quando fala da “opção preferencial”, afirma que, tanto em suas primeiras linhas, como ao concluir suas considerações, Puebla segue as pegadas de Medellín.

Raul Ruijs¹¹⁴ afirma que as grandes linhas que nortearam, deram as coordenadas da III Conferência de Puebla são: primeira, os pobres e marginalizados são os destinatários do Reino de Deus; segunda, os pobres também são os portadores e mensageiros da Boa-Nova do Reino. Essa percepção já é fruto do compromisso de solidariedade com os pobres, ou seja, da conversão à causa dos pobres, impulsionada, especialmente, pela II Conferência de Medellín.

O Documento de Puebla ajuda a descobrir, na realidade atual da América Latina, no clamor e na luta de nossos povos pobres, a humanidade do Deus do Evangelho.

¹¹¹ Puebla é uma cidade do México capital do Estado de mesmo nome. O nome oficial é Heroica Puebla de Zaragoza. Tem cerca de 2.1 milhões de habitantes (área metropolitana). Foi fundada em 1531 pelos espanhóis. Nesta cidade foi realizada a histórica conferência de Puebla. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Puebla>. Puebla foi a III. Leia Mais: AGOSTINI, Nilo. *As Conferências Episcopais. América Latina e Caribe*. Aparecida: Santuário, 2007, P.41-54.

¹¹² SERRANO, Ramón de Cazallas A Conferência de Puebla. In. *Pelos caminhos da América*; São Paulo: Missões, 2007, p. 19-25.

¹¹³ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Pobres e libertação em Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 9.

¹¹⁴ RUIJS, Raul. Pobres e Pobreza de Medellín a Puebla. *REB*, Petrópolis, vol. 38/152, 1978, p. 667.

A assembléia dos bispos, reunidos em Puebla, cita Medellín para afirmar que “o clamor surdo brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de parte alguma”¹¹⁵. No passado esse “clamor pode ter parecido surdo. Mas agora é claro, crescente, impetuoso e em certas ocasiões ameaçador” (DP 89).

A Igreja se sente questionada, desafiada e impelida por este clamor a se colocar na luta na defesa dos pobres. Deus se colocou do lado dos mais fracos, como diz o texto de Ex 3, 7-9: “Eu vi a miséria do meu povo, ouvi seus gemidos e desci para libertá-los, para fazê-los subir”. Diante da situação de fome e de injustiça, os cristãos são convidados a aguçar seus ouvidos, a sua sensibilidade para não ficarem indiferentes às situações subumanas em que vivem milhões de latino-americanos. O grito desse povo que sofre, pede e exige “Justiça, liberdade e respeito pelos direitos fundamentais dos homens e dos povos” (DP 87). É um povo que pede “o pão da Palavra de Deus e reclama a justiça” (DP 93). O Documento de Puebla continua dizendo, de outra forma: “O povo pobre da América Latina anseia por uma sociedade de maior igualdade, justiça e participação em todos os níveis” (DP 1207). A realidade de pobreza que afeta inumeráveis setores em nosso continente é considerada por Puebla como anti-evangélica e como o maior devastador e humilhante flagelo (cf. DP 89). Ela constitui, segundo a célebre expressão de Medellín, uma situação de violência institucionalizada (cf. MD, Paz 16).

Quando se fala em pobreza na América Latina se fala da destruição de pessoas e povos, culturas e tradições; particularmente, da pobreza dos mais despojados: índios, negros e suas mulheres duplamente marginalizadas e oprimidas; pobreza anti-evangélica que é sinônimo de exploração, de opressão, de desumanização, pobreza da dimensão sócio-política, isto é, generalizada e estrutural. O termo pobreza em Puebla tem uma acentuação de caráter histórico e significa privação do necessário.

A pobreza não é resultado do castigo divino como muitas pessoas e acreditam. Não provém da vontade de Deus, nem do acaso, mas da vontade das pessoas e de seu modo de organizar o mundo, como lembrou o Papa João Paulo II, na sua visita ao Brasil: “não digam que é vontade de Deus que vocês fiquem numa situação de pobreza, doença, má habitação, isto contraria a sua dignidade, humana. Não digam: É Deus que quer”¹¹⁶. Conforme

¹¹⁵ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979. n° 88 (A partir de agora esta obra será referida com DP, seguido pelo n° correspondente).

¹¹⁶ João Paulo II no discurso proferido ao povo na favela de alagados em Salvador Bahia no dia 7 de julho de 1980, por ocasião de sua visita apostólica ao Brasil. Acesso em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/.

Comblin¹¹⁷, a pobreza não é consequência de um fenômeno natural, mas o resultado da violência e da injustiça.

O povo latino-americano vive numa situação de pobreza que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, falta de moradia adequada, problemas de saúde, salário de fome, subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migração maciça forçada e sem proteção (DP 29). Esta realidade de extrema pobreza produz, na vida real do povo latino-americano, feições concretíssimas, nas quais se devem reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor que nos desafia diante do sistema capitalista de nosso continente.

O Documento de Puebla traz uma análise que retrata situações e as feições de rostos sofridos de nossos irmãos, que vivem à margem e são desassistidos em suas necessidades básicas. Retrata também, feições de crianças golpeadas pela pobreza antes de nascer (cf. DP 32). O grande número de atentados que sofrem, os pequeninos e indefesos de nosso continente é alarmante. É elevado o índice de abortos provocados. São milhões de menores abandonados, vítimas de uma sociedade permissiva e puramente consumista que não leva em conta os valores da família. Estes pequenos e indefesos seres humanos não têm ninguém por eles, e sua casa é a rua.

O continente Latino-americano é um continente jovem, habitado por muitos jovens, e no entanto, a maior parte destes vive à margem da sociedade, desorientados e machucados no seu âmago. Muitos estão jogados no vício, sem forças, envelhecidos pela carga de sofrimentos que carregam. Os que são conscientes de sua missão no mundo e na Igreja, muitas vezes, são desacreditados por serem jovens. Puebla desafia a Igreja a contemplar “as feições de jovens desorientados” (DP 33) que, na sua situação de vulnerabilidade social, perderam o sentido da vida, vivem abandonados, desorientados e esmagados pelo sofrimento.

Os povos indígenas e afro-americanos vivem em situação de marginalização e pobreza, ameaçados em seus direitos, arrancados de suas terras e de seus ambientes, privados de sua cultura e de seus costumes. Muitas vezes não são considerados como pessoas humanas. Puebla convoca a olhar as feições de sofrimento e de pobreza dos povos indígenas e afro-americanos (cf. DP 34).

Falando sobre as ambiguidades das propostas de Medellín, Comblin¹¹⁸ ressalta que a segunda Conferência foi realizada para uma Igreja branca e latina. Parece supor que índios e negros foram absorvidos numa cultura única, cujos problemas são evidentemente brancos. A

¹¹⁷ COMBLIN, José. Os pobres como sujeitos da história. *RIBLA*, São Paulo: n.3, 1989, p. 38.

¹¹⁸ COMBLIN, José. Medellín: Vinte Anos Depois. *REB*, Petrópolis: n.48, 1988, p. 827.

Igreja não havia percebido que os índios e negros tem sua identidade e que são portadores de uma cultura; que de modo algum foi aceita ou integrada numa totalidade latino-americana. O grande desafio é contemplar as feições destes povos e somar forças com eles para que sejam acolhidos e respeitados na sua cultura.

A ganância, a fome de querer sempre mais, faz com que grupos sejam empurrados para a margem. Entre estes, Puebla elenca as feições de sofrimento dos camponeses (cf. DP 35) que vivem em situações de sofrimento, porque lhes roubam as terras. “Milhões de latino-americanos são excluídos de suas glebas e estão a caminho procurando um pedaço de terra para viver e trabalhar”¹¹⁹. Por causa de sua simplicidade são enganados, explorados, instrumentalizados e desfavorecidos nos projetos de desenvolvimento dos países. “Vivem submetidos a sistemas que os enganam e exploram”¹²⁰.

Os operários são explorados e mal remunerados. São altamente dependentes de uma máquina e manipulados pela força do sistema. Muitas vezes, são impedidos de defenderem seus próprios direitos, sendo ameaçados de demissão. Vivem normalmente angustiados por não terem condições de sustentar suas famílias, dando a elas condições de viver dignamente. Puebla convida a olhar as feições dos operários (cf. DP 36) e convoca a todos os cristãos a se colocarem com eles na luta e a denunciarem as situações de injustiças que massacram e exploram milhões de latino-americanos.

Uma chaga dolorida presente na vida do povo da América Latina é o subemprego e o desemprego. O Documento de Puebla (cf. 37) chama atenção e convida cada cristão a olhar o contorno das feições dos subempregados e desempregados e a contemplar esta chaga que consome milhões de pessoas tirando-lhes a dignidade. Estes são despedidos de seus empregos para dar lugar às máquinas super produtivas. São considerados objetos e por isso não são respeitados em seus direitos. Sofrem a angústia de viver na incerteza e na insegurança. Sem condições de competir ou de viver dignamente com as outras classes sociais, aos poucos, vão sendo empurrados para as periferias das cidades, vivendo em ambientes inadequados à pessoa humana, padecendo de males físicos, sem estrutura para conseguirem pelo menos se erguerem para encontrar meios de sobrevivência.

É preciso encontrar as “feições dos marginalizados” (DP 38). Talvez são os que mais sentem o distanciamento social por viverem à margem da sociedade. Sentem a angústia de serem considerados preguiçosos e todas as outras denominações dadas aos desempregados,

¹¹⁹BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 40.

¹²⁰ SERRANO, Ramón de Cazallas. A Conferência de Puebla. In. *Pelos caminhos da América*. Missões, São Paulo: p. 19-25, 2007, p. 20.

que residem nas periferias de nossas metrópoles. “Correm o risco de serem considerados cidadãos de segunda classe” (DP 1291). Élio Gasda afirma “na América Latina existem 23 milhões de pessoas em condição de desemprego aberto e 103 milhões que trabalham na informalidade, com o qual o déficit do emprego formal afeta 126 milhões de pessoas, ou seja, mais da metade (53%) da população economicamente ativa”¹²¹.

O Documento de Puebla (cf. 39) continua olhando as feições de sofrimento e chama atenção às “feições de anciãos”, abandonados nos asilos, expulsos de suas famílias de origem e da própria sociedade, por não se enquadrarem mais nos padrões de uma sociedade que visa somente a produção. Os anciãos são considerados descartáveis por não produzirem mais e, muitas vezes, tidos como um estorvo para o crescimento e desenvolvimento social.

Olhando a realidade da América Latina, visivelmente marcada pelo neoliberalismo e pela segurança da minoria e pela pobreza, a injustiça e a opressão da maioria, pode-se contemplar ainda a face de milhões de pessoas famintas. Esta é uma dura realidade, um fato que não pode ser negado. Diariamente pode-se contemplar imagens de crianças, idosos, e adultos em lixões, procurando restos de comida que sobram da mesa dos mais poderosos para saciar a fome. É um retrato degradante e desumano.

A fome na América Latina, como no mundo inteiro, tem uma dimensão social, aspecto que precisa ser enfrentado, pois essa situação é um escândalo. Se houvesse justiça na distribuição dos bens, haveria condições de alimentar adequadamente a população. As vítimas da fome são milhões, que, com seu trabalho, não conseguem ganhar o suficiente para matar a sua fome. “Na América Latina, entre os anos 1999 e 2003, o número de trabalhadores que viviam com apenas R\$ 1,00 por dia, aumentou em 4 milhões”¹²².

Conforme R. Antoncich¹²³, os pobres reclamam muitos direitos, mas sobretudo o de serem pessoas, sujeitos responsáveis da história, começando por serem eles mesmos os autores de um processo libertador.

A Igreja não pode ficar alheia a esta situação degradante em que vivem os povos. Seguindo o exemplo de Jesus que se colocou ao lado do pobre, do fraco, do marginalizado, a

¹²¹ GASDA, Élio Estanislau. Com os pobres para que todos tenham vida. *Convergência*, Rio de Janeiro: n. 403 2007, p. 308.

¹²² Idem, *Com os pobres para que todos tenham vida*. p. 308.

¹²³ ANTONCICH, Ricardo. *Os Cristãos diante da Injustiça*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 117.

Igreja é chamada e convocada a fazer a opção pelos mais fracos “os pobres merecem uma atenção preferencial qualquer que seja a situação moral ou pessoal que se encontre”¹²⁴.

A autenticidade da tarefa evangelizadora da Igreja será medida, em boa parte, pelo amor preferencial e solicitude pelos pobres (cf. DP 382). O cerne do documento de Puebla reside na opção da Igreja pelos pobres. Com isso ela abriu as portas certas do serviço à vida, dos que precisam de vida.

A III Conferência Geral do episcopado latino-americano retoma as grandes intuições do Vaticano II no que diz respeito à relação Igreja-Reino de Deus nos números 226-231, Logo no início faz questão de lembrar que o Reino, “sem ser uma realidade separável da Igreja (LG 8a.), transcende seus limites visíveis, pois se realiza em qualquer lugar onde reine o amor. Esta ação acontece também no coração de todas as pessoas, mesmo as que vivem fora do âmbito perceptível da Igreja. Para Puebla, a Igreja é sinal e instrumento do Reino. É sinal porque nela “se manifesta de modo visível o que Deus está realizando silenciosamente, no mundo inteiro”. É instrumento porque “recebeu a missão de instaurar o Reino em todos os povos”¹²⁵.

O documento da Conferência de Puebla está perpassado por decisões, desafios que se assumindo na integridade provoca transformações em todos os níveis, sinal visível da presença do Reino de Deus. Para esta Conferência o Reino de Deus passa por realizações históricas, não se esgota nem se identifica com elas¹²⁶. As pessoas que se sentem chamadas, vocacionadas e comprometidas com a Igreja, fieis a Jesus Cristo, sentem-se comprometidas na construção do Reino. A Igreja é o instrumento que introduz o Reino entre os povos, proporcionando-lhes vida em abundância (cf. Jo 10, 10), para conduzi-los a sua meta definitiva.

¹²⁴ Idem, *Os Cristãos diante da Injustiça*, p. 119.

¹²⁵ DP 227; LG 5.

¹²⁶ DP 193.

2.3 SANTO DOMINGO: AS CULTURAS DOS POBRES E O REINO DE DEUS¹²⁷

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino Americano foi realizada em Santo Domingo, capital da República Dominicana, de 12 a 20 de outubro no ano de 1992. A Conferência Geral de Santo Domingo teve um objetivo específico: comemorar os 500 anos de presença evangelizadora no continente latino-americano, cujo tema foi “Nova Evangelização, promoção humana e cultura Cristã”. Paulo Suess¹²⁸ afirma que a Nova Evangelização é a idéia central e iluminadora e corresponde à tarefa específica da Igreja; a promoção humana se refere à delicada e difícil situação em que atualmente se encontra a América Latina. A CNBB¹²⁹, tratando da realidade daquele período, afirma que a América Latina estava passando por um processo de mudanças profundas e rápidas, fato já previsto desde o Vaticano II.

Tais mudanças fazem parte do processo de modernização que atinge, de forma diferenciada, todas as esferas da sociedade e os diversos aspectos da vida humana. Atinge a economia, agravando distâncias entre os diversos setores, entre ricos e pobres. Atinge a política, enfraquece ideologias e partidos tradicionais, dificultando a governabilidade, acirrando conflitos. Atinge a cultura, gerando uma pluralidade de concepções do mundo, substituindo valores tradicionais seja por uma visão utilitarista, seja pelo individualismo ou pelo subjetivismo. As mudanças se manifestam mais rapidamente no mundo urbano, caracterizado na América Latina pelo crescimento explosivo das metrópoles. Isto provoca gravíssimos problemas em que a vida e a esperança são duramente golpeadas, trazendo assim inúmeros desafios para toda a Igreja Latino-americana.

A grande novidade que Santo Domingo vem trazer, em relação a Conferências anteriores, é o aprofundamento sobre da evangelização das culturas¹³⁰. Sua ênfase foi dar

¹²⁷ Santo Domingo ou São Domingos é uma província da República Dominicana. Sua capital é a Cidade de Santo Domingo. http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Domingo. Para aprofundar mais leia: SERRANO Ramón Cazallas. IV Conferência de Santo Domingo. In *Pelos Caminhos da América. Os desafios da Missão á luz das Conferências do CELAM*. Coletânea de artigos. Missões. São Paulo: Parma. (Artigos publicados pela revista Missões setembro de 2006 – abril de 2007, p. 26-33).

¹²⁸ SUESS, Paulo. O esplendor de Deus Em vasos de Barro: cultura Cristã e inculturação em Santo Domingo In: BOFF, Clodovis; GUTIÉRRES, Gustavo. *Santo Domingo Ensaio Teológico-Pastoral*. Petrópolis: Vozes/Soter/ Amerindia, 1993, p. 167.

¹²⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Contribuição para a IV Conferência geral do Episcopado Latino-Americano: Subsídios aos delegados Brasileiros a Santo Domingos. *REB*, Petrópolis: n. 52, p. 660-680, 1992, p. 660.

¹³⁰ O Dicionário Michaelis entre outros conceitos define a cultura como estado ou estágio de desenvolvimento cultural de um povo ou período, caracterizado como conjunto das obras, instalações e objetos criado pelo homem

destaque à cultura. Sob dois aspectos: em primeiro lugar, voltou-se para as culturas oprimidas dos povos latino-americanos. Mereceu “particular atenção as culturas indígenas e afro-americanas”¹³¹. Em segundo lugar apontou a cultura de morte a ser combatida por uma cultura da vida, valorizando a vida e a dignidade humana. Assim, ao dar ênfase à promoção humana e à cultura cristã, esta Conferência abriu espaço para a aceitação e acolhimento das culturas oprimidas, ou seja, de todos aqueles que estão à margem.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo (1975), Paulo VI lamentou: “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas” (n. 20). Costurar essa ruptura entre cultura e o Evangelho é a intenção profunda da inculturação.

O Evangelho não tem cultura própria. Por isso pode ir ao encontro de todas as culturas, isto é, tem necessidade de inculturar-se, sem identificação com e sem importação de culturas. Inculturação significa evangelizar com o culturalmente disponível. Não é possível atingir um povo com a mensagem do Evangelho, a não ser através da sua cultura. Leonardo Boff afirma que a inculturação “é um processo mediante o qual a cultura assimila o evangelho a partir das suas próprias matrizes culturais; só assim se dá a verdadeira evangelização, como encontro entre uma determinada cultura e a proposta evangélica”¹³².

A invasão colonizadora do século XVI e seus desdobramentos até os dias de hoje, torna a realidade cultural da América Latina extremamente complexa. Aqui as grandes culturas ameríndias foram em parte exterminadas. Os primeiros colonizadores com a sua cultura dominante conseguiram penetrar no nosso continente, inibindo e anulando as expressões culturais presentes. Isto acabou impedindo os negros e índios viverem e produzirem uma cultura autônoma que expressasse a sua identidade. Negros e índios têm cultura própria que não pode ser considerada inferior à dos europeus.

A primeira evangelização não levou em conta este dado importante, menosprezou a cultura e utilizou a violência e a imposição para converter os povos. O que mais importava era compelir a todos para integrar a ordem religiosa e a cultura. Os ritos e costumes de uma multidão

desse povo ou período; conteúdo social. Dentre centenas definições de cultura a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* no n° 53 da uma definição de cultura de forma mais integral ela reza que pela palavra cultura, em sentido geral, indica todas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve as variadas qualidades da alma e do corpo; procura submeter a seu poder pelo conhecimento e pelo trabalho o próprio orbe terrestre; torna a vida social mais humana , tanto na família como na comunidade civil....

¹³¹ CONFERENCIA EPISCOPAL LATINOAMERICANA. *Conclusões da Conferência de Santo Domingo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1992 n° 22 (A partir de agora esta obra será referida com SD, seguido pelo n° correspondente).

¹³² BOFF, Leonardo. *Nova Evangelização: perspectiva dos oprimidos*. Fortaleza: Vozes, 1990, p. 24.

de negros trazidos da África eram considerados deploráveis e como satânicas as suas práticas e manifestações religiosas. Isso dificultou que o Evangelho os atingisse em profundidade.

A questão cultural emergiu na Igreja com todo seu vigor, sobretudo, a partir do grito e do sofrimento de povos e de grupos sociais colonizados ou culturalmente perseguidos ou prejudicados que reivindicaram sua autonomia e/ou identidade cultural¹³³.

A Igreja sente-se desafiada a estar ao lado das multidões pobres, evangelizando e valorizando as culturas, tanto afro-americana como a cultura indígena, contribuindo para a sua inclusão na sociedade. Durante os quatro séculos passados, milhões de africanos negros foram transportados como escravos, violentamente arrancados de suas terras, separados de suas famílias e vendidos como mercadoria. A escravidão dos negros e a matança dos índios foram o maior pecado da expansão colonial do ocidente¹³⁴. A Igreja de Santo Domingo pede perdão¹³⁵ e se dispõe a desenvolver uma evangelização inculturada e a crescer no conhecimento crítico de suas culturas para apreciá-las à luz do Evangelho. Toma consciência de que é preciso promover uma inculturação da Liturgia: acolher seus símbolos, ritos e expressões religiosas compatíveis com a fé, acompanhar sua reflexão teológica, respeitando suas formulações culturais e promover nos povos indígenas seus valores culturais autóctones, mediante uma inculturação da Igreja, para fomentar a realização do Reino de Deus¹³⁶.

Na década de 80, aumentou a concentração da riqueza nas mãos de uma minoria e os recursos de nossos povos drenaram para os países ricos. “Os mecanismos da economia de

¹³³ SUESS, Paulo SUESS, Paulo. O esplendor de Deus em vasos de Barro: cultura Cristã e inculturação em Santo Domingo In: BOFF, Clodovis; GUTIÉRRES, Gustavo. *Santo Domingo Ensaio Teológico-Pastoral*. Petrópolis: Vozes/ Soter/ Ameríndia, 1993, p. 167.

¹³⁴ SD 246.

¹³⁵ Na audiência geral, quarta-feira 21 de outubro de 1991 o papa pede perdão pela forma que aconteceu a evangelização no Continente Latino Americano. "Em atitude penitencial como pastores:- pedimos perdão aos povos indígenas e aos negros americanos pelas vezes que não soubemos reconhecer a presença de Deus em suas culturas, pedimos perdão pelas vezes que confundimos evangelização com imposição da cultura ocidental; pedimos perdão pela tolerância ou participação na destruição das culturas indígenas e africanas; pedimos perdão aos negros americanos pelas vezes que nos servimos do Evangelho para justificar sua escravidão; - pedimos perdão pelas vezes que nos beneficiamos desta escravidão nos conventos, paróquias ou cúrias." CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes de Santo Domingo, 1992. Acesso em 30 /11/2010 <http://www.catoliconet.com/pub/publicacoes/>

¹³⁶ No discurso inaugural da conferência de Santo Domingo no nº 22 o Papa diz: é preciso ir assimilando e pondo em relevo tudo o que há de profundamente humano e humanizador nas culturas negra e indígena. (Discurso Inaugural do Santo Padre. Nova evangelização, Promoção humana e Cultura Cristã. *Documento da IV Conferencia do Episcopado Latino Americano*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 7-42).

mercado produziram no terceiro mundo “massas sobrantes”, excluídas dos benefícios do modelo de desenvolvimento adotado e por ele sacrificadas”¹³⁷. Pode-se constatar que os mecanismos econômicos produzem massas sobrantes. O modelo capitalista sacrifica a vida humana para garantir o modelo de desenvolvimento. “A opção pelos pobres exige que lutemos para evangelizar a cultura dominante”¹³⁸. Ramón Serrano registra que Santo Domingo constatou:

A não eqüitativa distribuição dos bens da terra, desigualdade no exercício da cidadania, discriminação, corrupção nos serviços públicos, violação constante dos direitos humanos fundamentais, desemprego. Isto faz com que cresça o índice de violência, seqüestros, roubos, assassinatos, que dá a razão de serem acrescentados outros rostos sofredores, todos eles desfigurados pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições desumanas de vida, angustiados pela sobrevivência familiar¹³⁹.

O concílio Vaticano II formulou de forma arrojada qual é a lei de toda evangelização: adaptar o Evangelho, enquanto possível à capacidade de todos (cf. GS 44) ele não pode ser reduzido a uma única expressão válida. Isto seria negar a presença do Espírito que fecunda as culturas e lhes confere a força de resistência e sobrevivência e suscita nos empobrecidos criatividade para abrir novos caminhos.

A VI Conferência de Santo Domingo conclama a todos os cristãos a investirem forças para que aconteça a inculturação do Evangelho nas mais diferentes culturas, especialmente nas culturas negra e indígena, culturas estas que foram desvalorizadas e colocadas à margem com relação às discriminações sociais ela afirma: “conscientes do problema da marginalização e do racismo que pesa sobre a população negra, a Igreja, na sua missão evangelizadora, quer participar dos seus sofrimentos e acompanhá-los em suas legítimas aspirações em busca de uma vida mais justa e mais digna para todos” (SD 249).

É preciso relacionar de forma dinâmica o Evangelho com as diferentes culturas, de tal modo que se preservem os valores culturais próprios de cada povo e ao mesmo tempo se

¹³⁷ CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Contribuição para a IV Conferência geral do Episcopado Latino-Americano: Subsídios aos delegados Brasileiros a Santo Domingos. *REB*, Petrópolis: n. 52, p. 660-680, 1992, p. 666.

¹³⁸ CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Contribuição para a IV Conferência geral do Episcopado Latino-Americano: Subsídios aos delegados Brasileiros a Santo Domingos. *REB*, Petrópolis: n. 52, p. 660-680, 1992. p. 667.

¹³⁹ SERRANO, Ramón de Cazallas. A Conferência de Santo Domingos. In. *Pelos caminhos da América. Missões*, São Paulo: p. 26-33, 2007, p. 29.

aprofunde e encarne a sua mensagem. A inculturação mantém a vitalidade e a força do Evangelho como Boa Nova e projeto de libertação.

É importante observar que Jesus, em sua missão junto aos mais rejeitados e excluído de seu tempo, se serviu da cultura do povo para explicar os mistérios do Reino de Deus numa linguagem compreensível a todos. Ele não fez empréstimos ou importações culturais nem utilizou um linguajar rebuscado, mas se serviu da cultura, dos costumes, dos elementos da natureza, dos acontecimentos do cotidiano para anunciar e aprofundar mensagem da boa nova do Reino de Deus e assim restituir a dignidade aos oprimidos.

Sabe-se que nosso Continente Latino-americano e caribenho tem um amplo patrimônio cultural. As classes menos favorecidas da sociedade lutam para manter viva a sua cultura, mas nem sempre conseguem. Diante das situações desumanas de miséria e sofrimento deixam se ofuscar o que de mais precioso possuem e acabam introjetando e assimilando a cultura do dominador.

É preciso adentrar na cultura dos pobres, e como Jesus, evangelizar a partir da realidade deles que exige abertura para ser acolhida. A inculturação é um processo dinâmico e lento, que implica numa ação consciente e traz algumas exigências, como o diálogo e a abertura, aos diversos sujeitos sociais. A evangelização que parte das culturas de resistência deverá resgatar todo o potencial de libertação e de transformação presentes nelas. “O paradigma da inculturação não substitui o paradigma da libertação, mas ajuda para aprofundá-lo. A meta da inculturação é a libertação e o caminho da libertação passa pela inculturação”¹⁴⁰.

A Igreja não pertence a nenhuma cultura, mas pode, pelo anúncio e missão, fecundar a todas. Inculturar o Evangelho é imperativo, especialmente nos lugares de maior exclusão e mobilidade social.

Olhando para a realidade de sofrimento em que vive a população do continente latino-americano, o Documento de Santo Domingo constata que a falta de coerência entre fé e vida agrava ainda mais a situação de miséria¹⁴¹. A coerência entre fé e vida deve impulsionar os cristãos a se engajarem, e a penetrar nos setores de decisões, responsáveis pelas lideranças ideológicas e pelas organizações de convivência social, econômica e política, visando uma transformação social onde todas as pessoas são respeitadas em seus direitos e em sua cultura.

A Conferência de Santo Domingo toma consciência do grande mosaico político, étnico e religioso do continente, posicionando-se pela diversidade étnica e cultural.

¹⁴⁰SUESS, Paulo. *Inculturação*. Questões introdutórias em torno do paradigma da Inculturação. Acesso no dia 30/11/2010 em <http://www.missiologia.org.br/> p. 11.

¹⁴¹Cf. SD 24.

A Igreja latino-americana opta pela Evangelização inculturada embora tenha certa resistência e dificuldade de ir ao encontro do outro, do pobre, do índio, do negro, dos camponeses, das mulheres, dos jovens drogados, soropositivos, portadores de necessidades especiais. Espera antes que venham a ela.

Adaptando as suas diretrizes, toma consciência de que ela tem uma grande dívida com as culturas oprimidas, porque esteve ao lado da cultura dominante legitimando a discriminação e a opressão. A proposta da Conferência de Santo Domingo a toda Igreja do continente é a evangelização inculturada e integral; mas para garantir seu caráter de Boa Nova e para responder aos desafios da cultura oprimida, deverá se orientar na defesa da vida e da cultura dos pobres. “A inculturação do Evangelho é um imperativo do seguimento de Jesus e é necessária para restaurar o rosto desfigurado do mundo” (LG 8; SD 13). Jesus Cristo tornou presente o Reino de Deus, um Reino de justiça, de amor e de paz (SD 204).

A conferência de Santo Domingo afirma que o ministério ordenado é um serviço prestado à humanidade com vistas ao Reino. Pois a entrada no Reino de Deus se realiza mediante a fé na palavra de Jesus, selada pelo batismo, testemunhada no seguimento¹⁴² Evangelizar, nas palavras de Paulo VI, é anunciar o nome, a doutrina, a vida, as promessas do Reino, o ministério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus¹⁴³.

Assim como ensina Santo Domingo, o anúncio da Palavra de Deus deve ser realizado com uma linguagem que torne o Evangelho próximo das realidades culturais de hoje e encarne na realidade empobrecida, conflitiva e esperançosa, a fim de que nenhuma cultura de qualquer época se extinga, mas, ao contrário, possamos recorrer a cada uma delas para enriquecer-nos¹⁴⁴. A concretização do Reino de Deus se dá lá onde as pessoas se acolhem e lutam por vida digna e abundante para todos, pois “a natureza do Reino de Deus é a comunhão de todos os seres humanos entre si e com Deus”¹⁴⁵.

¹⁴² SD 5.

¹⁴³ EN 22 e SD 27.

¹⁴⁴ João Paulo II. Discurso Inaugural. n° 6 Nova evangelização, Promoção humana e Cultura Cristã. *Documento da IV Conferencia do Episcopado Latino Americano*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 7-42).

¹⁴⁵ JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Redemptoris Missio*, n° 15.

2.4 APARECIDA: DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS DO REINO DE DEUS

A V Conferência Episcopal da América Latina (CELAM) se realizou na cidade de Aparecida, São Paulo, Brasil, de 13 a 31 de maio de 2007. O tema escolhido para orientar os trabalhos foi: “Discípulos Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, sob o lema bíblico *Eu sou o caminho a verdade e a vida* (Jo 14, 6).

A vida em abundância como sinal e enquanto presença do Reino de Deus na história compõe o núcleo do tema e do texto do Documento de Aparecida. O Reino aparece como um dos temas que merece uma atenção especial. A expressão Reino aparece 23 vezes, dando ênfase ao chamado, à formação, ao testemunho, substituição do reino de morte para o reino de vida como oferta de vida plena. O termo Reino de Deus aparece 20 vezes e o Reino de Vida aparece 6 vezes. O Reino de vida dá condições de viver dignamente. O chamado que Jesus fez a seus discípulos e lhes revelou os segredos do Reino para que fossem os continuadores de sua missão, revela que o anúncio da mensagem do reino não deve ser de qualquer jeito. Não pode acontecer na ingenuidade, mas mediante a um conhecimento profundo das necessidades do povo.

No documento de Aparecida podemos perceber um aspecto importante ou até mesmo indispensável para compreender melhor a realização da missão da Igreja em nosso continente: o lugar teológico da prática missionária de Jesus. Jesus realiza a sua missão como pobre e do lugar do pobre. Esta é opção fundamental para animar a Igreja de discípulos missionários na América Latina.

Adentrando na nossa realidade histórica podemos encontrar uma Igreja, ou setores da Igreja, comprometida com a causa dos mais pobres e oprimidos da sociedade. A missão da Igreja na América Latina está profundamente vinculada a este compromisso e opção pelos pobres. A Boa Notícia do Reino de Deus, anunciado por Jesus, é central na vida cristã e na missão da Igreja.

O tema da opção pelos pobres aparece claramente no documento de Aparecida. Os bispos reafirmam as decisões das Conferências anteriores e fazem uma nova releitura, elencando uma nova categoria de excluídos, gerados pela globalização que abre novas possibilidades para alguns, mas fecha as portas para a grande maioria da população. Ela é responsável pelos novos rostos da pobreza, os quais, mais que empobrecidos, são esquecidos, descartáveis e prescindidos pelo mercado.

A Conferência de Aparecida diz que a globalização faz emergir novos rostos de pobres entre os nossos povos, entre outros:

O rosto dos imigrantes, vítimas da violência, dos deslocados e refugiados, das vítimas do tráfico de pessoas e seqüestros, dos desaparecidos, dos enfermos de HIV¹⁴⁶ e de enfermidades endêmicas, dos tóxicos dependentes, dos idosos, dos meninos e meninas de rua, que são vítimas da prostituição, da pornografia e da violência ou do trabalho infantil, das mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, das pessoas com capacidades diferentes, grande grupo de desempregados/as, dos excluídos pelo analfabetismo tecnológico, das pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, dos indígenas e afro-americanos, dos agricultores sem terra e dos mineiros¹⁴⁷.

A presença destas fisionomias desafia a Igreja a uma conversão pastoral. Faz ver que a pregação da Palavra e a celebração dos Sacramentos são serviços essenciais, prioritários, destinados a esses pobres. Mariângela e Luis Wanderley¹⁴⁸ falam que, em contraposição à globalização hegemônica que produz cada vez mais pobres na nossa sociedade, os bispos propõe outra forma de globalização, marcada pela solidariedade, justiça e respeito aos direitos humanos. Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres.

A opção preferencial pelos pobres marca a fisionomia da Igreja Latino-americana e do Caribe¹⁴⁹. A Igreja empenha grandes esforços para que a dignidade da pessoa humana seja restaurada nos rostos sofredores de nossos irmãos e irmãs. Porém, necessita ainda empenhar força e audácia maior, assumindo e riscos e desafiando estruturas de nossa sociedade, para que todos os povos sejam atendidos na sua individualidade. É necessário se envolver-se com mais fervor e lutar junto com o público em situação de vulnerabilidade social, para que, de fato, haja uma mudança nas estruturas políticas, sociais e religiosas, em vista de melhores condições para todos.

¹⁴⁶ HIV É vírus que ataca as células de defesa do nosso corpo. O Vírus da Imunodeficiência Humana, conhecido como (sigla originada do inglês: Human Immunodeficiency Virus).

¹⁴⁷ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas/ Paulus, 2007. nº 402 (A partir de agora esta obra será referida com DA, seguido pelo nº correspondente).

¹⁴⁸ WANDERLEY, Mariângela; WANDERLEY, Luiz. O social e a pobreza: visões de caminho. *Religião e cultura*, São Paulo: Paulinas, n.12 vol. VI, p. 99-119, 2007, p. 114.

¹⁴⁹ DA 339.

Olhando para o contexto de pobreza, José Bernardi¹⁵⁰ afirma que diante desta realidade não dá para ser cristão sem fazer a opção pelos pobres e excluídos. “Os Cristãos, como discípulos missionários, são chamados, desafiados a contemplar o rosto de Cristo nos rostos de nossos irmãos sofredores.” Para Benedito Ferraro¹⁵¹ tudo que tem a ver com Cristo tem a ver com os pobres e tudo que estiver relacionado com os pobres está relacionado com Jesus Cristo. Jesus aponta esta verdade ao dizer “que todas as vezes que fizeram isso a um desses pequeninos foi a mim que fizeste” (Mt. 25, 40). Jesus em sua prática e em sua pregação mostra predileção pelos desprovidos de bens, doentes, coxos, desgraçados no corpo e no espírito, rejeitados, mal afamados e pecadores.

A opção pelos pobres não pode se resumir num mero assistencialismo. No passado houve iniciativas religiosas que surgiram para ajudar os pobres, nasceram de uma sincera compaixão por eles. Mas acabou sendo uma compaixão ingênua. O coração era evangélico, mas os olhos poucos críticos. Viam casos individuais e não condições coletivas. Viam só pessoas e não as estruturas que envolviam as pessoas. A prova é que todo esse imenso e comovedor esforço para vencer a pobreza. Saldou-se num fracasso doloroso. A pobreza não diminuiu, mas aumentou¹⁵².

Essa opção deve desafiar a Igreja a ser advogada da justiça e defensora dos pobres, para fazer deles agentes de transformação da sua realidade (DA 397). Os bispos expressam na Conferência de Aparecida, o compromisso que se estende a cada agente de pastoral quando afirmam:

Comprometemo-nos a trabalhar para que a Igreja Latina-americana e Caribenha continue sendo, com maior afinco companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio. Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres nas Conferências anteriores¹⁵³.

¹⁵⁰ BERNARDI, José. A opção pelos pobres no Documento de Aparecida. *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre, n. 39/2, p. 42-50, 2007, p. 48.

¹⁵¹ Opção pelos pobres no Documento de Aparecida. *Vida Pastoral*. Paulus: ano 48 n. 257.p. 10-14, 2007, p. 13.

¹⁵² PIXLEY Jorge; BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 21.

¹⁵³ DA 396.

A opção preferencial pelos pobres e excluídos é uma das características que marca o rosto da Igreja latino-americana e caribenha (DA 391); ela continua sendo a pedra de toque da Igreja. Benedito Ferraro¹⁵⁴ complementa dizendo que a opção pelos pobres é a base que define os modelos eclesiais. Ela não deve ser de um grupo específico ou de algumas pastorais, mas deve ser de todos os grupos, de toda Igreja. “Somos todos e todas convidados/as a fazer essa opção pelos pobres e contra a pobreza”¹⁵⁵.

O comprometimento com os pobres é de todos os que optam por Jesus Cristo e pelo seu Reino, pois Ele se fez pobre com os pobres. Não se compreende seguimento de Jesus sem envolvimento afetivo e efetivo com os menos favorecidos. “Optar por Jesus Cristo é necessariamente optar pela justiça e optar pela justiça é optar pelos pobres”¹⁵⁶. Jesus nasceu pobre, viveu pobre e morreu pobre, amou particularmente os pobres e com eles se identificou. Eles eram para ele como a pupila dos olhos. M.Miranda¹⁵⁷ fala que a longa experiência de todos aqueles que dão a vida pelos pobres é que constitui a riqueza da América Latina. Não basta a idéia de uma Igreja voltada para os pobres, sensível a seus sofrimentos e lutar por minorá-los, mas é preciso que o imperativo da pobreza evangélica atinja também as práticas pastorais e a Igreja enquanto instituição.

O Documento de Aparecida desafia a não deixar-se contagiar pela onda do consumismo e pelo individualismo que engole a maioria dos indivíduos da nossa sociedade. Caso isto aconteça, a opção corre o risco de ficar no plano teórico.

Essa opção pelos pobres deve manter-nos acordados para a realidade de injustiça social, provocada pela globalização excludente. Ela exige aproximação e solícita e tempo para estar com os excluídos, dando-lhes atenção nos momentos difíceis. “Só a proximidade que nos faz amigos e nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos anseios e seu modo próprio de viver a fé” (DA 398). A Vª Conferência indica que a opção pelos pobres deve conduzir à amizade com os pobres e a vê-los como sujeitos de sua própria libertação.

A proposta de Aparecida, mais uma vez, vem confirmar que os pobres são os preferidos de Jesus e que o segredo para cumprir a vontade do Mestre está na maneira de

¹⁵⁴ FERRARO, Benedito. Opção pelos pobres no Documento de Aparecida. *Vida Pastoral*. Paulus: ano 48 n. 257. p. 10-14, 2007, p. 13.

¹⁵⁵ Idem, *Opção pelos pobres no Documento de Aparecida*, p. 13.

¹⁵⁶ PIXLEY Jorge; BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 147.

¹⁵⁷ MIRANDA, M. de França. A eclesiologia do documento de Aparecida. *REB*, Petrópolis: n.67, p. 863, 2007, p. 863.

como se luta pelos pobres. A receita já é se sabida: colocar a mão na massa para que a receita dê certo e ocorra a transformação para que todos possam sentir o seu sabor. A grande incógnita de Aparecida é a questão do comprometimento concreto com os pobres. Promessas e constatação de rostos de pobreza já se tem o suficiente. Constatar só, não basta. É preciso assumir ações concretas.

Uma Igreja que defende e promove a vida, precisa estar com as multidões de anônimos, com os que padecem opressões de classe, gênero, etnia e geração, com as pequenas organizações que em rede globalizam a solidariedade e a esperança. Precisa colocar-se junto aos movimentos sociais que lutam contra o represamento das águas pelo latifúndio, e que defendem a preservação dos mananciais.

Desde Medellín até Aparecida foram elencadas contribuições importantes que precisam ser assumidas, contextualizadas e transformadas em ações concretas para a construção de uma sociedade justa e solidária. “O povo de Deus está cansado de sempre novas conferências, análises e interpretações sem encaminhamentos concretos”¹⁵⁸. Muitas propostas ficam paradas no meio do caminho. O grande desafio da opção, concreta pelos pobres persiste, porque exige um comprometimento audacioso em favor deles.

Diante da situação de injustiça e opressão, o Deus do Reino vem em socorro dos mais pobres, dos marginalizados e indefesos.

O pobre é convidado a participar do Reino não porque seja melhor, mais hospitaleiro ou mais solidário do que o rico. O pobre pode ser tudo isso, [...] não está falando no merecimento nem nas qualidades do pobre. É a situação miserável e injusta em que a pessoa do pobre se encontra que faz com que o Deus do Reino intervenha em seu favor¹⁵⁹.

É imprescindível que se dê testemunho do Reino nas diferentes esferas da sociedade¹⁶⁰, velando pelo bem comum¹⁶¹ sendo fermento do Reino¹⁶². Para que a Boa Notícia do Reino seja

¹⁵⁸SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão convocar e enviar: Servos e Testemunhas do Reino*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 158.

¹⁵⁹ RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 40.

¹⁶⁰ DA 212.

¹⁶¹ DA 518.

¹⁶² DA 516.

de fato uma Boa Notícia, é indispensável saber ler os Sinais dos Tempos para se colocar a serviço¹⁶³. Este mesmo Jesus continua chamando homens, mulheres, jovens e os faz discípulos seus, envia-os a defender e promover a vida de todos, como expressão do Reino de Deus.

Ser discípulos missionários de Jesus Cristo leva-nos a assumir evangelicamente e a partir da perspectiva do Reino, as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação do ser humano e a trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano. Jesus através de nós, guiados pelo seu Espírito, quer demonstrar toda sua força transformadora em nossa Igreja e em nossa sociedade. O Documento reza que existem sinais do Reino de Deus.

Sinais da presença de Deus acontecem quando há a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, quando os pobres são evangelizados, quando se cumpre a vontade do pai, quando há martírio pela fé, o acesso de todos os bens da criação, o perdão mútuo, a aceitação da pluralidade e a luta para não sucumbir à tentação e não ser escravo do mal¹⁶⁴.

A vivência do Reino de Deus se dá na relação com o outro; pois a experiência de se sentir chamado incita a pessoa a partilhar a alegria de ser enviada, de ir ao mundo e tornar realidade o amor e o serviço, indo ao encontro e servindo os mais necessitados, construindo juntos o Reino de Deus¹⁶⁵. A construção do Reino de Deus exige envolvimento concreto. A Igreja é fermento do Reino de Deus mediante a proclamação e vivência da palavra, celebração da liturgia, a comunhão fraterna e o serviço, especialmente aos mais pobres e aos que mais sofrem.

Aprendendo de Jesus a optar e trazer para o seu convívio a classe menos favorecida da sociedade, os fiéis de toda a Igreja, são convidados e desafiados através da força de seu Batismo, a colocar em prática as decisões das quatro Conferências Latino-Americanas, desde Medellín até Aparecida.

No capítulo que segue, será dado um passo a mais aprofundando o projeto da Missão Continental, o qual vem desafiando toda Igreja latino-americana e Caribenha a se colocar em estado permanente de missão.

¹⁶³ DA 33.

¹⁶⁴ DA 383.

¹⁶⁵ DA 278e.

A mensagem da Boa Notícia na América Latina, desafia todos os batizados a dar contornos novos de libertação aos diversos rostos marcados pelo sofrimento e aos que tem os rostos tristes desfigurados pela fome, a alegria e satisfação de ter pão na mesa para partilhar. Aos que estão desfigurados pelo abandono, longe das suas famílias, de sua terra o contorno da acolhida do abraço fraterno. Aos que estão sem casa, sem trabalho o contorno da alegria de ter um lar, lugar digno com tudo que necessita para suprir as suas necessidades básicas. E assim pode-se elencar listas de fisionomias de sofrimento já detectas pelas Conferências Latino-Americanas de Medellín, Puebla Santo Domingo, Aparecida e outros. A Missão desafia a todas para anunciar e denunciar as situações de injustiças e assim contribuir na transformação da realidade para que de fato a Boa Notícia do Reino de Deus seja uma Boa Notícia para os povos do Continente latino-americano e caribenho. Surge daí, a necessidade de conhecer, detectar e optar pelos lascados da sociedade, contribuindo para que se tornem pessoas conscientes e protagonistas na sua realidade, para assim transformar as feições sofridas, em rostos pascais.

A missão pode ser compreendida, segundo Paleari¹⁶⁶, como movimento para fora, movimento centrífugo para os povos e culturas, para situações exteriores, para além fronteiras. Missão é um movimento para o coração de Deus a fim de ser enviado/a para melhor servir os irmãos e irmãs.

¹⁶⁶ PALEARI, Giorgio. *Espiritualidade e Missão*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 27.

3 A MISSÃO CONTINENTAL¹⁶⁷: ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

A Missão continental é uma proposta lançada pela Conferência de Aparecida a todas as Igrejas Particulares da América Latina e Caribe. O lançamento oficial em nível continental aconteceu em 17 de agosto de 2008, por Dom Raymundo Damasceno Assis¹⁶⁸, em Quito (Equador), no encerramento do 3º Congresso Missionário Americano (CAM 3)¹⁶⁹ e 8º Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 8)¹⁷⁰. Missão Continental quer promover a consciência e a ação missionária permanente para que o espírito missionário penetre toda nossa vida e as estruturas da Igreja. Visa unir, na fé e no ardor missionário, os povos latino-americanos e caribenhos. É dirigida a todos os batizados, em especial, aos não suficientemente evangelizados.

O Documento de Aparecida apresenta como ponto de partida para a missão evangelizadora a realidade em transformação com muitas situações desumanas, que interpelam e contradiz o “Reino de Vida”¹⁷¹, o projeto de felicidade que Cristo veio trazer, e o ponto de chegada é a plenitude da Vida, para a pessoa inteira e para todos os povos (DA 399; 359).

O anúncio do Evangelho precisa estar conectado com a realidade. Faz-se necessário adentrar na cultura dos povos. É preciso levar em conta as transformações da “cultura atual”¹⁷². É indispensável, para isso, um trabalho conjunto, em parceria, envolvendo pessoas, instituição e organismos para poder criar estruturas que consolidem a ordem política,

¹⁶⁷ A palavra Missão aparece explicitamente no DA de em cerca de 100 parágrafos, as palavras ‘discípulos missionários’ e ‘missionários’ aparecem mais de trezentas vezes. Estas palavras iluminam também todos os outros parágrafos do documento. Elas são o paradigma, a referência, o fio condutor do documento. Mosconi, Luiz www.arquidiocesedenatal.org.br/smp/27/04/2010.

¹⁶⁸ Dom Raymundo Damasceno Assis é Arcebispo de Aparecida e presidente do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM).

¹⁶⁹ CAM 3 - 3º Congresso Missionário Americano. Em 1999, na 6ª edição do Congresso Missionário Latino-Americano - Comla 6, na cidade de Paraná, Argentina, a pedido do Papa João Paulo II, se constituiu o 1º Congresso Missionário Americano – CAM 1. O objetivo era tornar efetiva a integração da Igreja no Continente como fruto da Exortação Apostólica *Ecclesia in América*.

¹⁷⁰ COMLA 8 – 8º Congresso Missionário Latino-Americano.

¹⁷¹ No documento de Aparecida n.358 aparece a expressão Reino de Vida, este é o Reino que Cristo veio trazer!. O Reino de Vida, É um Reino incompatível com as situações desumanas. Fechar os olhos diante dessa realidade seria dizer: não somos defensores da vida do Reino.

¹⁷² A Conferência de Aparecida afirma que diante da mudança da cultural compete a Igreja denunciar claramente os modelos antropológicos incompatíveis com a natureza e a dignidade da pessoa. n, 480.

econômica e social¹⁷³. Para que isso se torne realidade, é preciso libertar-se do comodismo que paralisa e impede os cristãos de traduzir no cotidiano a dimensão missionária da vida de Cristo e assim a Igreja toda Missionária viva em “estado permanente de missão”¹⁷⁴. O documento da V Conferência afirma:

A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, á margem do sofrimento dos pobres do continente. Necessitamos que cada comunidade cristã transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos em novo pentecoste que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove a nossa alegria e nossa esperança¹⁷⁵.

O documento continua insistindo que todos os bispos, presbíteros, diáconos, religiosos, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral (DA 365); e, para isso, insiste na formação missionária (DA 279-327), no abandono de estruturas ultrapassadas (DA 366), na renovação eclesial (DA 367) e no assumir uma pastoral missionária (DA 370).

Para uma melhor compreensão da dimensão missionária da Igreja se faz necessário voltar ao Concílio Vaticano II, o qual abriu uma nova perspectiva para Igreja e para a dimensão Missionária. Ele possibilitou para Igreja um novo ponto de partida onde ela foi convidada a repensar a si mesma e mudar de postura com relação a si e ao mundo.

No primeiro capítulo do decreto *Ad Gentes*¹⁷⁶, do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária da Igreja, encontra-se a seguinte afirmação: “A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina na missão do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo os desígnios de Deus Pai”¹⁷⁷. Neste texto encontramos, de maneira clara a origem, o propósito, o dinamismo e a orientação da missão da Igreja. O Concílio Vaticano II

¹⁷³ DA 384.

¹⁷⁴ DA 551; 145.

¹⁷⁵ DA 362.

¹⁷⁶ Decreto *Ad Gentes* fala sobre a atividade Missionária da Igreja. Foi aprovado no dia 30 de novembro de 1965. Depois da oitava redação de 2.394 votos contra 5 . Através do Decreto Conciliar, *Ad Gentes*, a Igreja reflete a sua consciência missionária, como enviada por Deus as nações, abre-se uma nova perspectiva para a Igreja e para a missão. Podemos dizer que é um ponto de partida, para uma nova caminhada, pois a Igreja tomou consciência que deveria mudar a sua postura em relação a si mesma, às outras Igrejas e em relação ao mundo.

¹⁷⁷ AG 2.

através do decreto *Ad Gentes*, em consonância com *Lumen Gentium*¹⁷⁸, *Gaudium et Spes*¹⁷⁹ e *Nostra Aetate*¹⁸⁰, dá uma virada na compreensão da ação missionária. A idéia de missões em terras distantes dá lugar a uma compreensão de uma única missão para toda a Igreja, sendo fundamental a afirmação de que toda Igreja é missionária e que por isso a missão faz parte da natureza da mesma Igreja (AG, n 2).

Em suma, o Concílio considera a missão como uma função essencial da Igreja e como uma tarefa comum da Igreja inteira. O Concílio pretendeu renovar a vida da Igreja, de acordo com as necessidades do mundo contemporâneo e assim sublinhou o seu caráter missionário, fundamentando-o, dinamicamente, na própria missão Trinitária. O impulso missionário pertence, pois, a natureza íntima da vida cristã. “A missão compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais”¹⁸¹. Na *Redemptoris Missio* o Papa João Paulo II distingue três situações de missão: o cuidado pastoral; a Nova Evangelização; e a Missão *Ad Gentes*. Os caminhos da missão passam pelo testemunho, como primeira forma de evangelização¹⁸²; pelo anúncio e proclamação da palavra (RM 44); pela conversão ao cristianismo e ao batismo (RM 46); pela fundação e crescimento da Igreja local, (RM 48) pela promoção humana (RM 59) e pelo diálogo como expressão autêntica da missão.

Esta compreensão da missão da Igreja está bem desenvolvida no texto conclusivo de Aparecida especialmente no capítulo VII, que aborda a missão dos discípulos a serviço da vida plena¹⁸³.

A missão, à luz de Aparecida, leva a tomar a “firme decisão missionária e deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias,

¹⁷⁸ A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja foi aprovada em sessão pública solene do Concílio no dia 21 de novembro de 1964, presidindo o Papa Paulo VI. Os oito capítulos da constituição foram aprovados por 2.151 votos favoráveis (*placet*), contra apenas 5 contrários (*non placet*). A assembléia conciliar demonstrou visivelmente sua satisfação com uma prolongada salva de palmas.

¹⁷⁹ Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. Ela é chamada pastoral porque baseia nos princípios doutrinários, tem a intenção de exprimir as reações da Igreja com o mundo e os homens do mundo de hoje. Esta constituição foi aprovada em sessão pública no dia 6/12/1965 com 2.391 votantes. O documento recebeu aprovação de 2.309 padres conciliares, contra 75 votos negativos e 7 nulos. Foi promulgada por Paulo VI.

¹⁸⁰ Declaração *Nostra Aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não Cristãs foi votada na sessão pública de 28/10/1965 recebeu 2.221 votos favoráveis. 88 contra e 3 votos nulos. Foi promulgada por Paulo VI.

¹⁸¹ JOÃO Paulo II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio*; sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991, n. 2 (A partir de agora este documento será referida com RM, seguido o nº correspondente).

¹⁸² Idem n. 42.

¹⁸³ DA 348-379.

comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária, e abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé” (DA 365). A Missão a partir da realidade eclode e assumem fisionomias diferentes de acordo com a realidade e necessidade do povo de um determinado lugar. Adentrando na realidade latino-americana percebe-se que a ação missionária precisa levar em conta as faces de sofrimento presente neste Continente para que de fato o anúncio da palavra e toda ação missionária seja uma Boa Notícia do Reino de Deus.

A proposta da V Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Aparecida, é a realização da Missão Continental. O grande acontecimento de Aparecida conclama a colocar o continente americano em “estado permanente de missão”¹⁸⁴. A Missão aviva a esperança de que outro mundo é possível, ainda que em situações difíceis. Necessita de profetas e peregrinos que denunciem as situações de pecado e as estruturas injustas, e anunciem os valores da vida plena realizada em Cristo. Assim, a Igreja assume com entusiasmo a nova evangelização e a missão *ad gentes*, no desejo de que o evangelho chegue a todos os homens e mulheres sedentos de Deus.

Nosso intuito neste capítulo é oferecer algumas reflexões sobre o projeto da Missão Continental, proposto pela assembléia presente na Conferência de Aparecida.

Para melhor compreender este projeto se faz necessário ressaltar que a missão tem sido objeto de reflexão da Igreja, uma vez que sua natureza é a missão. Nasceu a partir Missão de Jesus Cristo e encontra a sua razão de ser na realização desta missão¹⁸⁵. O texto conclusivo da V Conferência, transpira de início ao fim a centralidade da missão da Igreja para o Continente. Tudo é direcionado para a missão. É um convite a repensar a Igreja a partir da missão e a repensar a missão a partir do mistério da Igreja.

Assumindo este compromisso e detectando a necessidade de dar um renovado impulso aos cristãos da América latina e Caribe, a Vª Conferência de Aparecida convocou a Igreja na América Latina e no Caribe a colocar-se em “estado permanente de missão”.¹⁸⁶ Retomar o

¹⁸⁴ O Documento da Aparecida convida toda Igreja a se colocar em estado permanente de missão. Para isso se faz necessário levar nossos navios mar a dentro, com o poderoso sopro do Espírito Santo, sem medo das tempestades, seguros de que a providencia de Deus nos proporcionará grandes surpresas. DA 551.

¹⁸⁵ Na América Latina, desde a II Conferência Geral dos Bispos, em Medellín, em 1968, a Igreja já vinha dando um destaque a evangelização, sobretudo na III e na IV Conferências gerais dos Bispos, em Puebla (1979) e em Santo Domingo (1992). Neste Continente, quase todas as Conferências Episcopais nacionais foram paulatinamente assumindo a evangelização como referência-pivô para exprimir a missão da Igreja no pós-Vaticano II, sendo o veio central na qual se apóia todo o trabalho pastoral e as respectiva diretrizes gerais.

¹⁸⁶ DA 551; 362.

entusiasmo missionário, é para a Igreja condição essencial de fidelidade a Jesus Cristo, que, sendo enviado pelo Pai, envia os seus discípulos em missão¹⁸⁷.

Só uma Igreja missionária e evangelizadora experimenta a fecundidade e a alegria de quem realmente realiza a sua vocação. Assumir permanentemente a missão evangelizadora é, para todas as comunidades e para cada cristão, a condição fundamental para preservar e reviver o clima pascal de alegria no Espírito, que animou a Igreja em seu nascimento e a sustentou em todos os momentos de sua história¹⁸⁸.

A Missão Continental, conforme inspira Aparecida, é um compromisso que exige aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que converte cada cristão em discípulo missionário enviado para edificar o mundo na perspectiva do Reino de Deus. A missão está a serviço do Reino¹⁸⁹. Com o projeto da missão Continental todos os batizados são convocados para, neste momento da história, intensificar o espírito missionário, envolvendo-se de forma afetiva e efetiva na missão continental. “A paixão pelo Reino de Deus nos leva a desejá-lo cada vez mais presente entre nós”¹⁹⁰. Para isso torna-se inevitável assumir a convocação que Aparecida faz para uma efetiva conversão pastoral. Um dos objetivos essenciais da missão Continental é tomar consciência de que a dimensão missionária é parte constitutiva da identidade da Igreja e do discípulo do Senhor. Por isso, a partir do Kerigma, ela pretende viabilizar o encontro com Cristo vivo e fortalecer o sentido de pertença eclesial, para que todos os batizados passem de evangelizados a evangelizadores e, através de seu testemunho e ação evangelizadora, os povos latino-americanos e caribenhos cheguem a ter vida plena em Jesus Cristo¹⁹¹.

¹⁸⁷ Cf. Jo 20, 21.

¹⁸⁸ *Diretrizes gerais de ação Evangelizadora da Igreja do Brasil* n. 87, 2008-2010. São Paulo: Paulinas. (A partir de agora este documento será referida com DGAE, seguido o n° correspondente).

¹⁸⁹ DA n°. 33, 190, 223.

¹⁹⁰ DGAE n. 213.

¹⁹¹ Por isso, o núcleo da mensagem do Documento é uma Igreja em estado permanente de missão, composta de discípulos que, na alegria do chamado, se fazem defensores e promotores da vida em abundância, que Jesus veio trazer pela inauguração do Reino de Deus. Cf. BRIGHENTI, Agenor. *Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-contexto, o con-texto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 80.

Outra novidade de Aparecida é que a missão não é tarefa apenas de alguns do clero, de alguma congregação religiosa, nem tampouco algo esporádico, uma campanha ou uma atividade ocasional. A Igreja inteira é missionária, tanto em cada um de seus integrantes como em suas ações e estruturas. Por natureza, a Igreja inteira está em estado permanente de missão¹⁹².

A proposta apresentada em Aparecida tem a firme decisão missionária de promoção da cultura da vida, que deve impregnar todas as estruturas e os planos de pastoral, em todos os níveis eclesiais, bem como toda a instituição, abandonando as estruturas ultrapassadas¹⁹³.

A missão segundo Paulo Suess tem dois movimentos, os quais são comparados com os movimentos da circulação sanguínea, indispensáveis para a sobrevivência do ser humano: diástole e da sístole¹⁹⁴.

A *diástole* do envio à periferia do mundo e a *sístole* que convoca, a partir dessa periferia, para a libertação do centro, é o coração da Igreja. Sob a senha do Reino, propõe um mundo sem periferia e sem centro. O Reino de Deus é o kerigma¹⁹⁵ central apresentado no DA várias vezes, o texto convida os discípulos missionários a serem o que são desde seu batismo missionários de Jesus Cristo que vivem a sua vocação cristã não apenas através de múltiplas tarefas, mas “em estado de missão” [213] à serviço do Reino de Deus. Converter-se ao Reino é tarefa cotidiana dessa Igreja Povo de Deus. Ser discípulo missionário significa anunciar, como Jesus fez, o Evangelho do Reino de vida como “Boa Nova do Reino aos pobres” [30/29]. A missão está a serviço do Reino [33, 190, 223], e a missão está, num sentido amplo, a serviço dos pobres [516]¹⁹⁶.

¹⁹² Idem, *Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-contexto, o con-texto e o texto* p. 83.

¹⁹³ Cf. DA, nº 365.

¹⁹⁴ “A cada contração do músculo cardíaco (quando o coração bate), o sangue é bombeado para fora do coração. Isso é chamado sístole. Na sístole, o músculo dos ventrículos *se contrai* ativamente; fecham-se as valvas mitral e tricúspide, abrem-se as valvas pulmonar e aórtica, e o sangue é expelido para os vasos sanguíneos através das artérias pulmonar e aorta. E quando o músculo cardíaco relaxa, o coração se enche de sangue (antes da próxima batida). Isso é chamado diástole. Durante a diástole o músculo está *relaxado*, as valvas tricúspide e mitral estão abertas e as valvas pulmonar e aórtica, fechadas: o coração se enche com o sangue venoso proveniente das veias cavas e das veias pulmonares”. Dr. Wilson Ribeiro Junior. <http://iatreion.warj.med.br/coracao.asp>.

¹⁹⁵ “Kerigma” é uma palavra de origem grega. Buscando suas origens, chegaremos a seguinte explicação: *Keryx*, significa “quem proclama”. *Kerysso*, “a ação de proclamar”. *Kerigma*, “o conteúdo da proclamação.” Explicando melhor melhor: Palavra grega que significa “proclamação”. *Kerix* é o mensageiro, o que traz a Boa Notícia. Por isso se dá o nome de kerigma ao anúncio do Evangelho (cf. Mt 12,41; Lc 11,32; Rm 16,25; 1Cor 1,21; 2,4; 15,14; 2Tm 4) do Grego *kérygma* (produz querigma/querigmático).

¹⁹⁶ SUESS, Paulo. *Missão, o paradigma-síntese de Aparecida* <http://www.cimi.org.br> acesso 02/05/2010

Os discípulos missionários através da sua vida e ação tornam o Reino de Deus presente. Pois o compromisso do missionário com a realidade e com a sociedade se fundamenta na rocha firme da Palavra de Deus e no batismo. A missão da Igreja povo de Deus é "contagiar" de esperança todos os povos. Por isto, Cristo chama, justifica, santifica e envia os seus discípulos para serem presença do Reino de Deus, a fim de que todos se sintam incluídos. No Reino não existem marginalizados. Todos têm o mesmo direito de participar e de ser protagonista na sua realidade.

No texto conclusivo da V Conferência encontram-se alguns "sinais evidentes da presença do Reino que são: a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, a evangelização dos pobres, o conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, o martírio pela fé, o acesso a todos aos bens da criação e o perdão mútuo sincero e fraterno"¹⁹⁷.

Embora evidencie alguns sinais da presença do Reino, o documento de Aparecida aponta para as múltiplas transformações que precisam acontecer na sociedade para que a presença do Reino de Deus se torne perceptível na vida e nas ações do Povo de Deus. O Reino está em nosso meio¹⁹⁸.

As estruturas eclesiais e pastorais precisam também estar envolvidas e comprometidas com a vida dos mais fracos. A missão evangelizadora na América de todos os tempos é deficitária desse reconhecimento dos outros e de suas culturas.

Há 40 anos, Medellín começou abrir as primeiras clareiras de descolonização, identificando o destinatário da missão no pobre, um pobre com rosto concreto (cf Puebla, 31-39), reconhecido em seu "valor inestimável aos olhos de Deus" (Medellín, 15, 7). Somente os olhos de Deus conseguem ver nas "ovelhas perdidas" a imagem copiosa da "grande colheita" (cf Mt 9, 36). A opção pelos pobres é fundamentalmente uma opção de fé e uma opção pelo ser humano ao mesmo tempo (se é que há intervalo de tempo entre as duas coisas). Uma opção para salvar a pessoa da dependência opressora e da dominação injusta, e uma opção para encontrar a Deus (cf DA 257). Isso implica para a Igreja um deslocamento fundamental, uma saída de si, em termos de perceber e questionar a realidade do mundo do ponto de vista das vítimas, dos crucificados e dos injustiçados. Implica também, e sobretudo, a adesão a um projeto de mundo global mais justo e solidário, significativamente "outro" daquilo que temos diante dos olhos¹⁹⁹.

¹⁹⁷ DA 383.

¹⁹⁸ DA 143.

¹⁹⁹ RASCHIETTI, Estevão. <http://www.revistamissoes.org.br/artigos/ler/id/63>. Acesso aos 20/10/2010

A verdadeira transformação acontece na medida em que todos os batizados vivem os seus compromissos de construtores do Reino. A missão da Igreja, povo de Deus é tornar o Reino de Deus presente aqui e agora no cotidiano da vida. A razão da missão é o anúncio do Reino de Deus e compromisso com um povo concreto. Este é um objetivo preciso da missão de Jesus.

3.1 CONCEITUAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA DA MISSÃO

Embora a palavra "missões" não se encontre nas Escrituras, a idéia está inserida em toda a Bíblia Sagrada, de Gênesis a Apocalipse. A palavra "missão" vem do latim "*mitto*" e significa "enviar". No Novo Testamento o próprio Jesus emprega uma palavra com o mesmo significado - a palavra apóstolo. É o envio de uma pessoa ou de pessoas para determinado lugar ou situação com determinada tarefa, para uma ou mais pessoas. O conceito de missão é amplo e envolvente. A missão se origina do coração do Pai. A fonte da missão é o projeto de Deus pai.

No Antigo Testamento, a missão se refere a uma realidade determinada. “É uma escolha, e eleição de alguma pessoa, por parte de Deus, e o envio para outras pessoas com uma mensagem a transmitir ou uma atividade realizar”²⁰⁰.

No Antigo Testamento, não encontramos o termo missão como utilizamos hoje, mas segundo Álvaro Mores afirma que encontramos 800 vezes o verbo enviar e mandar.²⁰¹ Portanto são missionários todos aqueles que recebem um chamado e um mandato especial de mediação entre Deus e seu povo, começando por Abraão, passando por Moisés e os profetas. Deus é o ponto de partida da missão e porque ama, chama, capacita, dá a missão, envia, acompanha e sustenta com o Espírito. Em Ex 13, 5 encontramos, encontramos um missionário modelo, que é chamado pelo próprio Deus e enviado com uma missão bem determinada de libertar o povo da escravidão do Egito e conduzi-lo a uma “terra onde corre leite e mel.”

²⁰⁰ Idem, *Missão para todos. Introdução a missiologia*. p. 14.

²⁰¹ MORES, Álvaro. Caminhos da Missão In PILONETTO; ZAMPIERI; BERNARDI *Caminhos da Missão: Curso de Teologia a Distância 2*. Porto Alegre; ESTEF 2009, p. 166-2005, p. 176.

O esquema missionário do Antigo Testamento, segundo Mores²⁰² contém uma dinâmica com os seguintes elementos: *Necessidade de um envio, de uma missão*. Sem o envio e a missão, os que se proclamam profetas são falsos. A missão não é iniciativa própria. Há um povo que chama, Deus ouve e atende. “Eu te chamei”, “Eu te escolhi”, “Eu te envio”, são palavras centrais na vocação profética (Is 6,7-13; 7,3-17; 43,1). *A missão vem sempre de Deus*. Deus acompanha o missionário, enviando-lhe o Espírito Santo: “Eu coloquei sobre ele o meu Espírito” (Is 42, 1); “Não tenha medo”...; “Eu estarei com você” (Is 43, 2.5; 48, 16-18). *A Missão está ligada à proclamação da palavra*²⁰³. *A missão requer uma atitude; a de obediência e serviço*. O missionário não inventa a missão ele é chamado para fazer aquilo que Deus quer. Ele precisa saber ler os sinais de Deus e a necessidade do povo. O missionário é um investigador. A missão requer uma atitude de obediência e serviço. O enviado não inventa, mas precisa fazer aquilo que Deus quer. *A missão é confirmada por sinais* (Ex 4, 17. 28; Is 42, 7; 43 6; 61, 1-3) pois, os sinais atestam a autenticidade da missão. A missão assume sempre mais contornos universais. A missão é voltada para todos, pois Deus quer que todos sejam salvos: “Vou fazer de ti a luz das nações, para propagar a minha salvação até os confins do mundo” (Is 49, 6).

No Novo Testamento, o conceito de missão tem o sentido de enviar, é expresso por diversos verbos, sendo que os mais comuns são os verbos em grego, *apostello e pempo*²⁰⁴. No primeiro tempo recai sobre o enviado que recebe uma missão, e o segundo tempo se refere a pessoa que envia. O Pai me enviou [*apostello*], também eu vos envio [*pempo*] (Jo 20, 21). Este dois verbos exprimem a ação do envio e não o conteúdo da missão confiada ou recebida. Este conteúdo é expresso através de outros verbos: anunciar, pregar a conversão (Mc 3, 1; Lc 3, 3) proclamar o Reino (Lc 9, 2).

No Novo Testamento não temos a descrição da missão como temos hoje. Nem mesmo o termo missão é empregado. Porém são utilizadas muitas expressões que se referem à dinâmica da missão, entre as quais encontramos com frequência os verbos ungir, consagrar, enviar, anunciar, pregar²⁰⁵.

²⁰² MORES, Álvaro. Caminhos da Missão. In PILONETTO; ZAMPIERI; BERNARDI. *Caminhos da Missão: Curso de Teologia a Distância 2*. Porto Alegre; ESTEF 2009, p. 166-2005, p. 177.

²⁰³ Cf. MORES, encontramos, no Antigo Testamento, 225, vezes a ordem de proclamar a palavra, p. 177.

²⁰⁴ PANAZOLLO, João. *Missão para todos. Introdução a missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 14.

²⁰⁵ MORES, Álvaro. Caminhos da Missão. In PILONETTO; ZAMPIERI; BERNARDI *Caminhos da Missão: Curso de Teologia a Distância 2*. Porto Alegre, ESTEF 2009, p. 166-2005, p. 179.

A finalidade da missão, na perspectiva do Novo Testamento, é testemunhar e anunciar a experiência do amor de Deus que se manifesta na vida, na história e, de maneira definitiva na vida, morte e ressurreição de Jesus.

A Igreja é chamada por Deus a realizar uma missão no mundo. Tal missão se inspira da prática de Jesus Cristo, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos” (Mc 10, 45). “A Igreja é por sua natureza missionária” (AG, 2; RM, 62). A missão é um serviço que ela deve prestar. A missão vai se solidificando, vai se aprofundando na medida em que fica atenta aos sinais dos tempos e às mudanças na história humana. Se a Igreja não refletir sobre as transformações, ela acaba ofuscando a missão.

Convém ressaltar que o elemento fundamental da missão é que ela não é antes de tudo obra da Igreja, mas ação de Deus. O Pai é a fonte da missão e atua no mundo através das suas duas mãos: o Filho e o Espírito Santo. O Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium*, apresentando a Igreja como fruto da Missão do Filho e do Espírito Santo, enviados pelo Pai LG 2-4. João Paulo II faz uma afirmação importante sobre a missão da Igreja na carta Encíclica *Redemptoris Missio*, quando diz que “o protagonista da missão é o Espírito Santo”²⁰⁶. Em At 2, 4 percebemos que o Espírito forja missionários e indica os lugares da evangelização (DA 150).

O Concílio Vaticano II faz uma afirmação importante: “Toda a Igreja é missionária e a obra de evangelização é um dever fundamental do povo de Deus”²⁰⁷. Missão significa envio com responsabilidade. É um serviço ao mundo, ou mais propriamente, ao Reino de Deus. A Igreja é desafiada, como Jesus a anunciar o Reino de Deus e chamar à conversão; mas deve também, como Jesus, realizar aquelas obras ou sinais, que revelam o amor de Deus pela humanidade. “Sem o dinamismo da missão, a Igreja perde a sua identidade mais profunda e se torna estéril”²⁰⁸. A Conferência de Aparecida lança um projeto ambicioso, o projeto da Missão Continental. Seu objetivo é a promoção da vida dos povos latino-americanos e caribenhos, para que, uma vez evangelizados, tornem-se evangelizadores; ela se dirige aos católicos batizados, porém pouco ou não Evangelizados²⁰⁹.

²⁰⁶ O tema do protagonismo do Espírito Santo na missão foi enfatizado, pelo Papa João Paulo II (carta Encíclica *Redemptoris Missio*, 1990, cap. III, nn. 21-30).

²⁰⁷ Cf AG 35, a afirmação é retomada pelo papa Paulo VI no n.º. 59, da *Evangelii Nuntiandi* (1975).

²⁰⁸ MORES, Álvaro. Caminhos da Missão *In PILONETTTO; ZAMPIERI, BERNARDI. Caminhos da Missão. Curso de Teologia a Distância. Porto Alegre: ESTEF 2009, p. 173.*

²⁰⁹Cf. DA 286.

Com o projeto da Missão Continental, a Conferência de Aparecida convoca a Igreja na América Latina e do Caribe a colocar-se em estado permanente de missão (cf. DA 551; 362). A comunidade missionária está convocada à missão, para que todos os povos tenham vida em abundância (Jo 10,10).

O Documento nos recorda que “o Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com as situações desumanas em que vive a maior parte do povo deste continente. Se fecharmos os olhos diante tantas fisionomias tristes e sem perspectivas, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte. É necessário sublinhar a inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo” (DA 358). Assumir evangelicamente a luta pelo Reino significa “trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano”, colaborando com outros organismos para a organização de estruturas mais justas em todos os níveis (cf. DA 384). Onde e como trabalhar pelo Reino? Esse trabalho pode acontecer em qualquer realidade em que se encontra o cristão comprometido com a defesa da vida. Aparecida nos apresenta feições que requerem uma atenção especial. Os novos rostos detectados por esta conferência exigem de todos os batizados uma presença profética. São rostos que deparamos no cotidiano da vida e que requerem de nós atenção e solidariedade.

O rosto dos imigrantes, vítimas da violência, dos deslocados e refugiados; das vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, dos desaparecidos; dos enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, dos tóxicos dependentes, dos idosos, das meninas e meninos de rua, que são vítimas da prostituição, da pornografia e da violência ou do trabalho infantil, das mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, das pessoas com capacidades diferentes, grande grupo de desempregados/as, dos excluídos pelo analfabetismo tecnológico, das pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, dos indígenas e afro-americanos, dos agricultores sem terra e dos mineiros (DA 402).

A “missão”, palavra geradora de Aparecida, não é propriamente um paradigma novo. Acompanha a Igreja desde seus primórdios, com luzes e sombras. João Paulo II na sua Encíclica *Redemptoris Missio*, sobre a validade permanente do mandato missionário afirma:

Na expansão missionária das origens, encontramos, ao lado dos Apóstolos, outros agentes menos conhecidos, que não podemos esquecer: são pessoas grupos, comunidades. Um típico exemplo de Igreja local é a comunidade de Antioquia, que de evangelizada passa a evangelizadora, enviando seus missionários aos gentios (cf. At 13, 2-3). A Igreja Primitiva vive a missão como tarefa comunitária, embora

reconheça, no seu seio, “enviados especiais” ou “missionários consagrados aos pagãos”, como o caso de Paulo e Barnabé²¹⁰.

A proposta missionária de Aparecida conseguiu desvincular a palavra “missão” do contexto histórico de colonização e submissão, e colocá-la num contexto de uma caminhada libertadora dos pobres.

A Conferência de Aparecida, atenta à realidade da Igreja, vem animar os cristãos na sua vocação missionária fortalecendo as raízes de sua fé e despertando sua responsabilidade para que todas as comunidades cristãs se ponham em “estado de missão permanente”²¹¹.

Trata-se de despertar nos cristãos a alegria e a fecundidade de ser discípulos de Jesus Cristo, celebrando com verdadeiro gozo o “estar-com-Ele” e o “amar-com-Ele” para sermos enviados em missão. O Espírito nos convoca a sairmos ao encontro das pessoas, das famílias, comunidades e dos povos, especialmente dos que estão desprotegidos e sofrem discriminação e exploração da sociedade, passando por situações deploráveis; e ajudá-los a concretizarem o projeto de felicidade anunciado e praticado por Jesus em defesa da vida e da esperança. Assim, a missão nos leva a viver o encontro com Jesus num dinamismo de conversão pessoal, pastoral e eclesial capaz de impulsionar à santidade e ao apostolado os batizados, e atrair os que abandonaram a Igreja, os que estão distantes do influxo do Evangelho e os que ainda não experimentaram o dom da fé.

3.2 CONTEXTO HISTÓRICO DA MISSÃO CONTINENTAL

A Igreja da América Latina e Caribe está consciente que precisa ser muito mais missionária se não quiser ter enormes dificuldades num futuro não muito longínquo. “A evasão de católicos para outras confissões religiosas ou para a total indiferença religiosa vem ocorrendo nas últimas décadas, em escala alarmante”²¹². A Conferência de Aparecida de certa forma expressa uma sensação de mal estar frente à perda referencial da Igreja Católica na

²¹⁰ João Paulo II. Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário de São Paulo: Paulinas 1991, nº 61.

²¹¹ DA 213 e 551.

²¹² HUMMES, Cláudio. *Discípulos e missionários de Jesus Cristo: Ser Cristão no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 9.

sociedade latino-americana. Diante deste desconforto a comunidade cristã é chamada a encontrar novas formas, a organizar novos projetos para que de uma forma sincera e decidida encontre caminhos de conversão.

A missão é o “paradigma síntese” da Conferência de Aparecida e do texto conclusivo. *Toda a Igreja é convocada a ser missionária*, a colocar-se em “estado permanente de missão” porque missão é comunhão. A missão da Igreja não é responsabilidade de alguns, mas de todos. O desafio é pensar a Igreja a partir da missão e a missão a partir do mistério da Igreja. Ou a Igreja é missionária ou não é Igreja. Contudo, essa reviravolta implicará necessariamente em transformação de nossas estruturas eclesiais.

Na V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, a Missão e a missionariedade ganhou um destaque especial. Isto se deve ao fato de haver certo encolhimento do catolicismo no Brasil e conseqüentemente em todo o Continente Latino-americano.

O fato do encolhimento do catolicismo no Brasil e, por tabela, na América Latina, a perda de 1% dos adeptos a cada ano, enquanto os mórmons no Brasil, por exemplo, cresceram nos últimos seis anos 460%, levaram as instâncias responsáveis a escolherem o Brasil como país e Aparecida como lugar para a realização desse evento. Alguns setores esperam com o imaginário de Nossa Senhora Aparecida e com a missão como marketing mais agressivo reverter a tendência do retrocesso estatístico. Nesta perspectiva, a Missão seria apenas um tema estratégico em torno de preocupações estatísticas²¹³.

A preocupação maior que corresponde à natureza missionária da Igreja deve girar em torno de uma possível perda da qualidade ou funcionalidade de nossa presença missionária, no meio do povo. Qualidade e funcionalidade implicam olhares diferentes, porém, têm também pontos de convergência.

Na economia, o conceito do crescimento se tornou uma palavra chave. É crescente o número de pessoas que vivem na miséria. A camada menos favorecida da nossa sociedade vive em situação degradante. O índice de população que vive abaixo da linha da pobreza cresce e, mesmo tendo a Igreja latino-americana feito a “opção preferencial pelos pobres”, as Igrejas estão vazias. Isto nos faz perceber que os pobres não estão mais conosco, contrariando até a previsão de Jesus: “Pobres sempre tereis convosco” (Jo 12, 8). Também o contentamento com a existência eclesial como “pequeno rebanho” pode revelar um aspecto elitista em contraste com a universalidade da missão (cf. Lc 12, 32). Tudo isso são apenas tendências e

²¹³ SUESS, Paulo. *Lugar da Missão em Aparecida*. <http://www.pom.org.br/pom> 09. Acesso dia 11/10/2010.

possibilidades. A realidade da Igreja Latino-americana é muito mais complexa. É o que dificulta a construção de um consenso pastoral. Afinal, o êxodo eclesial aponta para um excesso ou para a falta de radicalidade evangélica (cf. Jo 6, 67)? Em dois aspectos, no campo econômico e no campo ético, as comunidades evangélicas que acolhem os migrantes católicos não facilitam a vida dos seus neófitos. Exigem o pagamento do dízimo em dia, e não permitem bebidas alcoólicas.

Numa auto-avaliação, ainda bastante genérica, podemos afirmar que o encolhimento numérico dos fiéis é uma consequência da perda de “atratividade” eclesial. Ela pode significar falta de coerência evangélica e relevância sociopolítica para o mundo dos *pobres-outros*. As perdas estatísticas podem apontar para o espírito da época, que tem dificuldades de assumir compromissos a longo prazo, mas também, para perdas de profundidade, radicalidade e credibilidade da nossa presença. Afinal, fizemos muitas promessas ao povo, que não cumprimos.

A Igreja da América Latina faz uma revisão de como deve caminhar a partir dos próximos anos. A Conferência de Aparecida lembra que 50% dos católicos do mundo são latino-americanos e o CELAM coloca responsabilidade em nosso jeito simpático de ser Igreja.

3.3 O DINAMISMO DA MISSÃO CONTINENTAL: CONVERSÃO PASTORAL

A interrogação que nos desinstala no projeto da V Conferência é o “que fazer” para que, a missão seja o fio condutor de toda a pastoral da Igreja latino-americana? O grande desafio está aí! O documento revela um grande entusiasmo pela missão. Será preciso, porém, muita decisão e clareza, mudanças estruturais na vida da Igreja, para que ela aconteça de verdade, no meio e a serviço das multidões. Há experiências significativas em andamento que ajudam a dar passos. Mas não há toque de mágica.

Missão não é mercadoria que se compra no supermercado. Missão necessita de convicções firmes e estas brotam de uma profunda experiência mística com a Trindade Santa. Mística e Missão são inseparáveis. Mística gera liberdade,

criatividade, fecundidade, ousadia. É de tudo isso que a Missão precisa para ela acontecer²¹⁴.

Todo o conjunto da Conferência de Aparecida é animador, embora, se saiba que há limites, mas, o conjunto, revela um forte desejo de comunhão eclesial. O documento não é chegada, é ponto de partida, é luz para a caminhada; convida a ser criativos e fecundos, a dar corajosos passos para frente.

Aparecida com o seu audacioso projeto da Missão Continental desafia a Igreja Latino-americana e caribenha a repensar a sua prática pastoral. Adentrar neste projeto significa fazer a tão sonhada conversão pastoral. “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”²¹⁵.

A conversão pastoral exige significativas resoluções para que o projeto alcance seus objetivos, isto é, ele visa uma ação missionária. Segundo Libânio,

todo o povo de Deus se envolve, e não somente o clero ou os missionários propriamente ditos. Avocação missionária de todo católico funda-se no batismo. Não se trata de uma vocação adicional, extraordinária, mas interna, constitutiva e permanente do próprio ser cristão desde o dia-a-dia até gestos maiores de lançar-se na missão ad gentes²¹⁶.

A vocação missionária é intrínseca ao cristão, mas falta uma conscientização do compromisso que assumiu, talvez tenha sido insuficiente a preparação e o esclarecimento dos compromissos que implica ser batizado. O clamor e a proposta de Aparecida querem ajudar os batizados a estarem conscientes, convocando-os e desafiando-os a se colocarem em “estado permanente de missão”, como sujeito e protagonista do seu ser cristão.

A Missão Continental é um projeto desafiador e por isso mesmo encantador. Convoca a Igreja para uma abertura radical em favor da vida. A Igreja precisa se abrir e ser criativa para encontrar um jeito novo de despertar, alimentar e formar o espírito missionário. A

²¹⁴ MOSCONI, Luiz. *Missão no documento de Aparecida*. www.arquidiocesedenatal.or.br/smp Acesso: 27/04/2010.

²¹⁵ DA 370.

²¹⁶ LIBÂNIO, João Batista. *Desafios para a estrutura da Igreja a partir de Aparecida*. Publicado 01/09/2009, acesso 30/06/2010 em <http://www.jbllibanio.com.br>.

dinâmica interna da Igreja precisa de uma energia nova para animar e movimentar em todos os ângulos a vida da Igreja para gestar a mentalidade missionária. “A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DA 11).

Libânio²¹⁷ propõe para isso um ingrediente absolutamente indispensável: “A vivência eclesial a consciência de missão. O cristão não existe para si. Aparecida enriquece-nos, sem dúvida, ao insistir na indissolubilidade da dupla vocação de discipulado pessoal, comunitário na Igreja e abertura espiritual, pastoral evangelizadora”.

A novidade de Aparecida traduz-se da no duplo plano da consciência e da ação. Cabe-nos trabalhar a consciência missionária do fiel de tal modo que não consegue entender-se, pensar-se como tal, sem referência ao anúncio da mensagem do Evangelho aos demais. E de tal consciência brota a necessária ação. Existe relação dialética entre consciência e práxis. Quanto mais explícita, clara e trabalhada se tornar a consciência missionária, tanto mais dela surgirá a práxis missionária com inventividade²¹⁸.

O projeto de Aparecida nos desafia a buscar novas alternativas novas e formas criativas para integrar na pastoral as novas realidades e as novas questões. Brighenti afirma que:

Um dos grandes valores nesta crise da modernidade, é a emancipação da subjetividade individual. Nós precisamos criar espaços em nossas comunidades para os indivíduos e para a subjetividade. As pessoas são muito ciosas de sua liberdade e nós precisamos aprender a ver o outro não como destinatário, mas como interlocutor, estabelecendo com ele relações dialógicas, de modo que todos sejam sujeitos nesse processo²¹⁹.

Outro desafio nesse processo é a questão da gratuidade. Isso nos causa dificuldade desconforto, somos bastante ativistas, permanecemos o tempo todo ocupados com mil e uma

²¹⁷ LIBANIO, João Batista. Desafios para a estrutura da Igreja a partir de Aparecida. Publicado 01/09/2009, acesso 30/06/2010 em <http://www.jblianio.com.br>.

²¹⁸ Idem. Desafios para a estrutura da Igreja a partir de Aparecida. Publicado 01/09/2009, acesso 30/06/2010 em <http://www.jblianio.com.br>.

²¹⁹ BRIGHENTI, Agenor O verdadeiro sujeito da missão é aquele que recebe. Entrevista realizada por Frei Gustavo Wayand Medella, OFM em 09/04/2010, no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis-RJ. Acessada em 20 de junho de 2010 em <http://www.franciscanos.org.br/itf/noticias/especiais/007>.

atividades. É preciso encontrar um jeito criativo de integrar na ação a contemplação, a festa. Brighenti salienta que a “proposta cristã é vivermos um eterno domingo em todos os dias da semana e nós precisamos trazer para a temporalidade essa experiência de eternidade”²²⁰.

Poderíamos também enumerar outros aspectos desafiantes, como o fato de vivermos ainda em um mundo marcado pela lógica da exclusão. O cristianismo, que se propõe a ser e a fazer comunhão, precisa buscar formas de inclusão.

O Documento de Santo Domingo faz uma triste descoberta ao identificar que na sociedade latino-americana existe uma “massa sobrando” que são os portadores de necessidades especiais. Os enfermos solitários, as crianças abandonadas, os presos, os portadores de HIV, os rostos de todos aqueles, cujos direitos humanos são violentados pela pobreza, o rosto dos povos aborígenes e dos camponeses que foram despojados de suas terras e sofrem o peso das crises econômicas e da desordem institucional (SD 174).

O grande desafio da opção pelos pobres é sair do papel e passar para a prática. Sabe-se que muitas coisas foram feitas tendo em vista a opção pelos pobres, mas há muito ainda a fazer. Nos pobres e excluídos a dignidade humana está profanada.

A opção pelos pobres não pode ficar restrita a um plano teórico e emotivo. Precisa solidamente manifestar-se em gestos visíveis, principalmente na defesa da vida (...) a Igreja precisa continuar sendo, com afincado ainda maior companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres²²¹.

Igreja precisa ser, no mundo de hoje, esperança dos pobres, como disse Aparecida, precisa ser advogada dos pobres (DA 395, cf. 533), casa dos pobres. (DA 8, cf. 524).

Entre as situações que habitualmente desencadeiam ansiedade nas pessoas, está a violência e a drogadição! As famílias vivem presas dentro de suas próprias casas. Instalou-se uma espécie de fobia social. As pessoas não se visitam mais, cada uma vive presa no seu mundo. A Igreja não pode ficar indiferente a este contexto. É preciso estimular a visita. João

²²⁰ BRIGHENTI, Agenor O verdadeiro sujeito da missão é aquele que recebe. Entrevista realizada por Frei Gustavo Wayand Medella, OFM em 09/04/2010, no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis-RJ. Acessada em 20 de junho de 2010 em <http://www.franciscanos.org.br/itf/noticias/especiais/007>.

²²¹ DGAE nº 177.

Batista Libânio sugere que se invista na pastoral da vizinhança²²², do parentesco, da amizade, da proximidade no trabalho e no lazer, como forma de presença evangelizadora. “Colocar todos os cristãos em estado permanente de missão” é também apostar na pastoral da vizinhança.

Para sistematizar a perspectiva missionária do Documento de Aparecida e não nos perder na selva de palavras do texto, Paulo Suess aponta sete aspectos importantes para a ação pastoral na Igreja.

Proponho a abertura de sete clareiras, que ora sejam eixos, ora representem sínteses, prioridades ou perspectivas para as nossas comunidades: (1) Os cristãos descobrem sua vocação missionária quando inseridos na realidade do mundo, onde experimentam a possibilidade de intervir e transformar; (2) a origem da missão dos discípulos missionários nas relações intra-trinitárias do amor divino; (3) esse amor transborda na missão de Jesus histórico e do Espírito Santo; (4) Jesus, conduzido pelo Espírito Santo, aponta para a convocação e o envio do povo da Nova Aliança, a Igreja, que nasce na festa de Pentecostes; (5) a Igreja, instrumento de salvação, está a serviço do Reino – Reino de uma vida integral, de justiça e paz –, que fornece os parâmetros para as transformações diárias do mundo; (6) os discípulos missionários são os sujeitos dessa transformação, que, segundo o DA, acontece, em círculos concêntricos da pastoral missionária: na paróquia missionária, na Missão Continental e na *missão ad gentes*; em todos esses âmbitos está presente o diálogo ecumênico e inter religioso; (7) num mundo que gira em torno da exploração, do lucro e da acumulação, a missão aponta, através de imagens de esperança, sinais de justiça, gestos de gratuidade e compromissos, para transformações concretas que delineiam o horizonte do Reino²²³.

O Documento de Aparecida aponta aspectos relevantes no campo pastoral que merecem uma atenção especial dos discípulos missionários da Igreja Latino-americana e caribenha²²⁴.

No campo social, urgentes transformações precisam acontecer em nossa sociedade. Os cristãos pela força do seu batismo são convocados a serem sujeitos e protagonistas no meio em que vivem. Eles não podem ficar indiferentes aos os problemas políticos, econômicos, e

²²²LIBANIO, João Batista. *Desafios para a estrutura da Igreja a partir de Aparecida*. Publicado 01/9/2009 Acesso 30/6/2010 em <http://www.jblianio.com.br>.

²²³ SUESS, Paulo. Lugar da missão, perspectivas missionárias e compromissos pastorais no Documento de Aparecida. Palestra proferida no 7º Encontro Nacional de Organismos e Instituições Missionárias (*Enoim*), São Paulo, 15.11.2007, p.4. Acesso: www.revistamissoes.org.br 20 de 20/2010.

²²⁴ DA. 368, 389, 437j, 456, 518, 548.

sociais da América Latina e do mundo²²⁵. Aparecida se sente inquieta e desafia cada diocese em particular, a pensar e repensar sua atuação pastoral. Faz-se urgente um projeto missionário para estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica²²⁶, renovada e vigorosa, “pois a diocese é o primeiro espaço da comunhão e da missão”²²⁷; onde cada batizado é corresponsável, sujeito e protagonista da ação evangelizadora.

A Assembléia reunida em Aparecida mostrou-se sábia ao detectar os inúmeros problemas que envolvem a vida da família, com grandes consequências para a sociedade latino-americana e caribenha. O grande desafio é trazer essas discussões para o campo da ética e da bioética a fim de serem discutidas em busca de soluções que ajudem as famílias na busca de soluções que as ajudem na superação de seus problemas. Torna-se urgente iluminar as situações em diálogo com o Evangelho e procurando formas criativas que proporcionem

a) *diálogo aberto entre a fé, a razão e as ciências*, sobretudo com a Bioética²²⁸. Sergio da Rocha aprofundando o tema diz que:

Relacionamento entre fé e razão tem recebido diversas interpretações e acentuações ao longo da história. O tema reveste-se de especial importância em nosso tempo, marcado por transformações rápidas e profundas atingindo nosso modo de ver o conhecimento humano e de vivenciar a experiência religiosa. Há diversos equívocos a serem superados para uma justa compreensão da questão. Tal diálogo exige a superação da polêmica ofensiva, de preconceitos e fundamentalismos, sejam de cunho religioso ou científico. Aproximar-se primeiramente para “escutar”, “compreender” e “respeitar”, numa atitude de fraterna estima, segundo a proposta de Paulo VI durante o Concílio Vaticano II. Aproximar-se para aprender com o outro. Dialogar é preciso!²²⁹

²²⁵ DA 148, 384, 550.

²²⁶ Pastoral Orgânica: Igreja na América Latina, desde a Conferência de Medellín, tem usado a expressão Pastoral de Conjunto para designar a natureza unitária da ação evangelizadora. Ultimamente emprega-se com mais propriedade a expressão Pastoral Orgânica. Tanto uma quanto outra manifestam a necessidade de uma ação harmônica e integrada de todos os fiéis para realizar a missão evangelizadora de modo eficaz, a partir da grande inspiração do Concílio Vaticano II. Quando muitos são chamados a realizar a mesma missão é preciso se organizar, comunicar-se, articular-se e planejar as atividades, para que não haja congestionamentos em alguns setores e ausência em outros.

²²⁷ DA 169.

²²⁸ DA 466.

²²⁹ ROCHA, S. *Fé e Razão em diálogo*. 2009. <http://www.arqui-the.org.br>. Acessado aos 06/05/2010.

A dinamicidade da missão exige que as pessoas se preparem para poder fazer o anúncio de forma atraente; e que os receptores da mensagem se sintam atraídos pela palavra, pela Eucaristia e vivência comunitária.

b) *Faz-se urgente a formação específica dos leigos e leigas*²³⁰ para que a sua atuação como discípulos missionários no mundo seja perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade. Numa realidade marcada por profundas mudanças, a Igreja procura enfrentar os desafios de hoje com uma atitude ambivalente: de um positivamente, com confiança, atenção e escuta, discernindo os “Sinais dos Tempos em que Deus se manifesta” (DA 366); de outro, com apreensão, frente “à desordem generalizada que se propaga por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã” (DA 10). O povo passa por grandes problemas econômicos, sociais e políticos (cf. DA 148). Diariamente nos deparamos com pessoas exploradas e subjugadas pelo sistema que suga. As situações de injustiça estão dizimando o povo da América Latina. É crescente o estado de miséria. Existem grandes disparidades sociais: a extrema concentração de renda, os salários baixos, o desemprego, a fome que atinge milhões de latino-americanos, a desnutrição, a mortalidade infantil, a marginalidade, a violência, etc; são expressões do grau a que chegaram as desigualdades sociais.

As desigualdades sociais não são acidentais, e sim produzidas por um conjunto de relações que abrangem as esferas da vida social. Na economia existem relações que levam à exploração do trabalho e à concentração da riqueza nas mãos de poucos. Na política, a população é excluída das decisões governamentais.

c) *Urge criar estruturas que consolidem umas ordens sociais, econômicas e política* (cf. DA 384). A missão continental não pode ficar passiva diante das situações de injustiça presentes no continente. A voz profética de cada batizado precisa ecoar em todos os cantos; condenando-o a viver com sua fisionomia deformada pelo sofrimento.

3.4 RELAÇÃO ENTRE O REINO DE DEUS E MISSÃO CONTINENTAL

A opção pelos pobres e excluídos se torna uma urgência e ocupa um lugar de destaque no anúncio do Reino de Deus. Para entender e relacionar o anúncio do Reino de Deus e a

²³⁰ DA 283.

Missão Continental é preciso olhar para Jesus o grande missionário do Pai. Ele foi enviado por Deus ao mundo para anunciar, denunciar e fazer acontecer o Reino entre as pessoas. O Reino de Deus se destina a todos, em especial àqueles que estão em situação de vulnerabilidade social, com rosto desfigurado pela exploração e sofrimento. Esta opção urge por causa da inumanidade existente. O Reino é incompatível com o sofrimento que a situação de pobreza impinge. “A opção de Deus pelos pobres, manifestada no anúncio do Reino de Deus feito por Jesus se funda, exclusivamente, no horror que o Deus que Jesus conhece sente pelo estado atual do mundo e na decisão divina de vir estabelecer a situação em favor daqueles para os quais a vida é difícil”²³¹. Os destinatários da missão, portanto, são todos os povos, desde as pessoas que moram perto até os que vivem nos países distantes: “A missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal” (DA 380). A questão não é só geográfica, a missão “quer atingir todos os campos sócio-culturais, sobretudo os corações” (DA 375).

A tarefa da Igreja não é levar Deus, mas descobrir e fazer crescer a presença e a ação de Deus que precede o missionário. Este Espírito de Deus continua atuando na história, nas culturas e nas religiões. Ele continua a encher a face da terra. É Ele que fecunda as sementes do Verbo presentes na Criação inteira, nos ritos e nas culturas, nas aspirações e nas esperanças da humanidade, e as faz amadurecer em Cristo²³².

O Espírito está presente não só na história que o missionário vai encontrar, mas também na cultura, nas crenças religiosas e na sua vida diária. Reconhecer isso exige despojamento que permite ao missionário discernir e descobrir o novo rosto de Cristo encarnado no povo, naquela história, naqueles valores. A missão é, sobretudo, ajudar o povo a fazer esta descoberta.

O anúncio do Reino de Deus exigiu de Jesus muita criatividade. Podemos perceber o quanto Jesus teve que ser criativo e criar novos métodos pedagógicos para aproximar as pessoas ao projeto de Deus. O que mais se destacou na sua pedagogia foi o estar profundamente conectado com as coisas da vida do povo e estar bem por dentro das coisas do Reino de Deus. A partir da experiência que as pessoas têm das parábolas, se torna mais profundo e significativo o aprendizado. Desta forma as pessoas são desafiadas a se

²³¹ NEUTZLING. I. Jesus o Profeta da Alegria. In. *Jesus de Nazaré profeta da liberdade e da Esperança*. São Leopoldo: Unisinos, 1999 p. 139-163, p. 142.

²³² CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina 8.

envolverem com o projeto de Deus e na descoberta da verdade. O método de Jesus tem duas faces: escutar a realidade e escutar a Deus; ou seja, escutar Deus que fala através da realidade. Isto supõe estar por dentro das coisas da vida do povo. Ele tinha uma capacidade muito grande de comparar as coisas de Deus com as coisas simples da vida. Isso pode-se observar quando fala de sal, luz, trabalho, comida, semente, flores, amor, casamento, crianças, passarinhos... Estar por dentro das coisas de Deus, daquilo que Deus quer é querer vida em abundância para todos (cf. Jo 10, 10). No decorrer da vida, Jesus vai fazendo a experiência com Deus desta forma Ele consegue envolver os discípulos na missão, facilitando a sua compreensão e seu comprometimento com a mensagem que quer transmitir.

Desde o primeiro momento do chamado, Jesus envolve os discípulos na missão que ele mesmo estava realizando em obediência ao Pai. A participação efetiva no anúncio do Reino faz parte do processo de formação de seus discípulos, pois a missão é a razão de ser da vida ao redor de Jesus (cf. Lc 9, 1-2; 10, 1). Eles devem ir, dois a dois, para anunciar a chegada do Reino (cf. Mt 10, 7; Lc 10, 1. 9), curar os doentes (cf. Lc 9, 2), expulsar os demônios (cf. Mc 3, 15), anunciar a paz (cf. Lc 10, 5; Mt 10, 13) e rezar pela continuidade da missão (cf. Lc 10, 2). Podemos perceber alguns aspectos desta sua atitude formadora com relação à missão.

A Missão Continental para alcançar o seu objetivo exige dos Agentes de Pastoral uma certa criatividade na ação pastoral. Ao longo de sua vida, Jesus acompanhava os discípulos. Ele é o amigo (Jo 15, 15) que convive, come, anda, se alegra, sofre com o povo. Era através da convivência que ele forma os discípulos para a missão. Os pequenos gestos refletem o testemunho de vida com que Jesus marcava presença na vida dos discípulos: o seu jeito de ser e de conviver, de relacionar-se com as pessoas e de acolher o povo que vinha falar com ele. Era essa a maneira de dar forma humana à sua profunda experiência com Deus.

A Missão Continental não permite acomodação, mas ao contrário, busca novas formas e novos métodos para uma renovação missionária das paróquias. exige, imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo, particularmente no mundo urbano²³³. Para isso é preciso que haja discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir “à outra margem” (DA 376). “Somos Igrejas pobres, mas ‘devemos dar a partir de nossa pobreza e a partir da alegria de nossa fé’²³⁴”.

²³³ DA 173.

²³⁴ Documento de Aparecida no n.º. 379, cita Puebla. n.º. 368 para convocar a Igreja Latino-americana para uma maior generosidade no envio de missionário para os países e continentes que necessitam de uma força no campo

Conforme a *Evangelii Nuntiandi*²³⁵ (8) o que Jesus anuncia em primeiro lugar é o Reino de Deus. E o Reino torna relativo tudo o mais que não se identifica com ele (EN 8). Jesus enviou os seus discípulos dois a dois em missão, para anunciar a chegada do Reino e para fazer acontecer a presença do reino entre as pessoas. O discipulado e a missão são a marca registrada do documento de Aparecida. Não dá para ser verdadeiro cristão sem ser comprometido com o anúncio do Reino.

Jesus partiu de sua terra natal para lançar a semente do Reino de Deus em outros recantos. A Missão Continental assegura esse direito a todos que estão sedentos. No que concerne à *missão ad gentes*, está garantida no Documento de Aparecida onde se diz que devemos nos formar como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir “à outra margem”, àquela onde Cristo não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente (cf. DA 376).

3.5 PERSPECTIVAS PARA A MISSÃO CONTINENTAL E CONVERSÃO PASTORAL

O ardor missionário como desafio na evangelização no continente Latino-Americano e Caribenho deve impregnar a Igreja inteira. Tal é a exigência de Aparecida. A Igreja, para ser toda missionária, necessita: desinstalar-se de seu comodismo, estancamento e tibieza; converter-se em um poderoso centro de irradiação da vida em Cristo; experimentar um Novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão e da acomodação²³⁶.

A Igreja, na América Latina, não só toma consciência de sua identidade, que é evangelizar, mas assume-o como sua tarefa prioritária. A tarefa missionária é dever-tarefa de todo o povo de Deus. A Missão Continental proposta pela V Conferência é fortemente marcada por uma paixão: a paixão pelo Reino.

da Evangelização e na busca de alternativas para melhorar a qualidade de vida dos mais pobres e necessitados. Somos convocados a dar de nossa pobreza.

²³⁵ A Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*”, do Papa Paulo VI, fala sobre a Evangelização no mundo contemporâneo foi publicada no dia 8 de dezembro de 1975.

²³⁶ Cf. BRIGHENTI, Agenor. Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-contexto, o con-texto e o texto. São Paulo: Paulus, 2008, p. 25.

A paixão pelo Reino de Deus nos leva a desejá-lo cada vez mais presente entre nós. Na força do Espírito Santo, que sempre nos precede, a Missão nos levará a viver o encontro vivo com Jesus, capaz de impulsionar os batizados à santidade e ao apostolado e de atrair os que estão distantes do influxo do Evangelho ou que nem sequer experimentaram o dom da fé²³⁷

O projeto da Missão Continental visa unir, na fé e no ardor missionário, os povos latino-americanos e caribenhos. A grande intuição é ativar a energia, o potencial da pessoa que fez a experiência do fascínio do encontro com Jesus e, ao mesmo tempo, oportunizar esse encontro para aqueles que ainda não o fizeram. Na palavra de Deus encontramos muitas passagens onde são relatadas as experiências profundas vivenciadas no contato íntimo com Jesus. Feitas essas experiências, torna-se impossível guardá-las secretamente. É preciso correr e partilhar a experiência, sendo portadoras da Boa Notícia. A Missão Continental é ir robustecer a fé num contato com o mestre e correr para partilhá-la.

O projeto da Missão Continental exige, pois, que os agentes de pastoral contemplem a realidade com olhar e coração de discípulos missionários; que agucem a sensibilidade para a missão, a solidariedade o compromisso sócio-transformador.

O documento de Aparecida convoca toda a Igreja à conversão pastoral e à renovação missionária das comunidades. Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos de pastoral das dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e qualquer outra instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve escusar-se de entrar decididamente com todas as forças no processo constante de renovação missionária, e abandonar a estrutura caduca que já não favorece a transmissão da fé²³⁸.

A conversão pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor. Todas as dioceses com as suas comunidades e estruturas são chamadas a serem comunidades missionárias (DA 168).

Essa conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária (DA 370). Aparecida enfatiza 3 aspectos que conferem qualidade à qualidade da missão

a) a missão não aparece como fator opcional, mas constitutivo do ser cristão; em outras palavras a missão que identifica o cristão (DA 144);

²³⁷ CNBB. Projeto Nacional de Evangelização: O Brasil na Missão Continental. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 8.

²³⁸ Cf. DA 365.

b) a missão está em função da comunhão com o projeto de Deus manifestado na pessoa de Jesus de Nazaré, e a comunhão é essencialmente missionária.

c) por vocação e identidade, toda a Igreja está evangelicamente convocada ao estado de missão permanente.

Faz-se necessário que os agentes de pastoral, sacerdotes, religiosos, sejam pessoas conscientes de sua missão, se empenhem a entrar em contato pessoal com os outros, em especial com aqueles que estão distantes. Sejam capazes de atrair, as pessoas com as quais entrarem em comunicação, e de contribuir na sua formação de modo que estas sintam a necessidade de mudar de vida constantemente.

A Conferência de Aparecida lembra que a missão continental traz no seu bojo o compromisso com a missão *ad gentes*²³⁹. A missão continental vem fortalecer o compromisso inerente ao ser cristão. Ela fortalece ainda mais a missão de “anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações” (cf. Mt 28, 19; Lc 24, 46-48).

Somos testemunhas e missionários nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e selvas da nossa América, em todos os ambientes de convivência social, nos mais diversos ‘areópagos’ da vida pública das nações, nas situações extremas da existência, assumindo *ad gentes* nossa solicitude pela missão universal da Igreja²⁴⁰.

Recentemente, o próprio Papa Bento XVI apontou para as transformações da missão *ad gentes*:

O campo da missão *ad gentes* se ampliou notavelmente e não pode ser definido apenas a partir de considerações geográficas ou jurídicas. De fato, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não-cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos socioculturais e, sobretudo, os corações²⁴¹.

Hoje, os missionários que vêm da Ásia ou da África para trabalhar na pastoral missionária da América Latina também podem dizer que foram enviados para uma missão *ad*

²³⁹ DA 373-379.

²⁴⁰ Cf. DA 548.

²⁴¹ Cf. DA 375

gentes. Vive-se na Igreja local, cada vez mais uma reciprocidade missionária *inter gentes*²⁴². Na missão universal *ad gentes* partilhamos a nossa fé, desde a pobreza dos nossos meios. Aparecida espera “uma nova primavera da missão *ad gentes*”²⁴³.

A Igreja, na América Latina, não só toma consciência de sua identidade, que é evangelizar, mas assume-o como sua tarefa prioritária²⁴⁴.

A missão continental constitui em si mesma, um desafio da Igreja para o mundo, mas é também um desafio para a Igreja, pois lhe exige rever o modo de se entender, assim como seu modo de ser, de pensar e de agir. Obriga-a mais ainda, a redefinir sua identidade e a reorientar sua missão. Significa que a missão continental, antes que um programa de ação pastoral por parte da Igreja, é um chamado de Deus à Igreja para que recupere sua identidade de discípula missionária de Jesus Cristo. Dar vida a este chamado divino é o grande desafio para iniciar o processo radical da conversão pastoral. Tal conversão não só é uma exigência, mas também uma condição sem a qual não será possível realizar com eficácia a missão continental (SD 30).

A expressão “*conversão pastoral da Igreja*” faz referência a uma realidade complexa, que afeta a vida eclesial em sua totalidade: modos de pensar, relações, estruturas, métodos pastorais, linguagens (SD 30). Para que missão continental aconteça consideramos relevantes; alguns desafios para a Igreja latino americana.

1) Conhecer uma realidade, *entrar em contato, ver e ouvir as pessoas*, são situações que nos trazem grandes desafios. A Igreja Latino-americana precisa entrar mais na realidade das pessoas. Pois elas necessitam de agentes de pastorais autênticos e disponíveis que sejam presença e façam a diferença junto deles.

2) Um desafio constatável é a *ausência da Igreja Católica em muitas realidades, em especial nos locais onde a pobreza e a marginalização* solapam a vida do povo, ou sua presença e a um tanto deficiente. Em alguns lugares, além de não possuir um local próprio para as celebrações, catequese, falta também lideranças engajadas e abertas ao novo. Estão muito presas ao ensino de orações tradicionais, aos sacramentos, aos mandamentos, ficando deficiente na reflexão, no compromisso e na transformação que deve suscitar na vida. Então

²⁴² *Missão inter gentes*: Essa missão implica, entre outras coisas, a tarefa de construir ou promover uma Igreja multicultural, que seja lugar de “gentes” de diferentes culturas, casa comum, um instrumento de diálogo intercultural e um sinal da inclusão no Reino de Deus. Missão entre os povos e continentes. SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 98.

²⁴³ DA 379.

²⁴⁴ Cf. HACKMANN, Geraldo Luís. Borges. O referencial teológico do Documento de Aparecida. In: *Teocomunicação*, v. 37, n. 157, set. 2007, p. 324.

vem a ser necessária a formação de lideranças que tenham gosto pela reflexão, que venham resgatar a união, o trabalho em equipe e que tenham os pés no chão a fim de provocar e suscitar uma mudança.

3) O povo latino-americano em muitas circunstâncias *ainda não descobriu a força da união, pois cada um vive empenhado em seu próprio mundo, deixando transparecer, o próprio individualismo*. Isso é visível no pouco empenho nas buscas conjuntas para o bem do próprio bairro, na forma participação nas celebrações, em que só estão algumas mulheres e os homens raramente. Ambos precisam descobrir o valor da participação comunitária, a qual a q precisa ser consciente e não servir apenas para tranquilizar a consciência. As pessoas acabam não se envolvendo afetiva e nem efetivamente na comunidade.

4) *O horário que as pessoas dispõem nem sempre condiz com o qual a Igreja oferece*. As pessoas trabalham quase toda semana e algumas até aos sábados de manhã. Sábado à tarde é o momento que reservam para organizar sua casa. Qual será então o melhor horário para haver maior envolvimento e participação na comunidade?

Pensar em evangelização remete a mudança e toda mudança tem seu processo, exige tempo, escuta que se faz mediante a entrada na realidade, e sem isso não se pode pensar em mudança.

5) A realidade nos *instiga a ajudar e não a fazer tudo*. É preciso evangelizar de dentro. Se os pobres são os destinatários, são também os sujeitos. Segundo Leonardo Boff²⁴⁵, a evangelização deve resultar do encontro entre a mensagem cristã e os desafios do real, caso contrário ela é uma imposição ou alienação.

6) *Os desafios da realidade só poderão ser constatados no momento em que a pessoa se dispõe a ouvir*. Não há como interferir numa realidade sem ver e ouvir. Deus também, antes de interferir na história do seu povo no Egito, viu, ouviu, se compadeceu e só depois desceu para fazer subir. “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o clamor contra os opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo...” (Ex 3, 7-8).

“A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo”²⁴⁶.

Para ser evangelizador necessariamente é preciso colocar-se a caminho e seguir Jesus.

²⁴⁵ BOFF, Leonardo. *Nova Evangelização na perspectiva do oprimido*. Fortaleza: Vozes, 1990, p. 66.

²⁴⁶ DA 145.

O seguimento de Jesus evangeliza por si mesmo, pois o testemunho é muito mais eficaz que mil palavras. Por outro lado, evangelizar, nada mais é que introduzir a outros no seguimento de Jesus (Mt 28, 19). Isso nos obriga a caminhar como Jesus caminhou.²⁴⁷

Os discípulos de Jesus são missionários, tanto dentro como fora da Igreja. No interior da Igreja, devem manter a comunhão e fortalecer as comunidades eclesiais. Em meio à sociedade, constituem o fermento na massa, em ordem a uma sociedade mais justa, mais humana e mais cristã.

Ser discípulo é ser evangelizador, missionário. É ouvir, sentir e deixar-se tocar e criativamente encontrar modos de formar uma comunidade.

7) *Uma maneira de se aproximar das pessoas, de modo especial dos menos favorecidos, é a visita.* “A visita é gesto humano, sinal de amizade, de admiração, de respeito e consideração”²⁴⁸. É visitando os pobres, é indo até eles no lugar que se encontram que o evangelizador percebe suas reais necessidades. Jesus, como evangelizador, também visitou, foi à casa de Levi (cf. Mc 2, 13-17); jantou na casa de Zaqueu (cf. Lc 19, 10); frequentou a casa de Marta e Maria (cf. Jo 11, 20-21), mandou celebrar a Páscoa numa casa de família amiga (cf. Mt 26, 18).

Para que o projeto da Missão Continental produza frutos e a ação missionária dos agentes provoque transformação, se faz necessário entrar na cultura do outro. Tudo isso se torna claro na missão de Jesus. Ele comeu do que o povo comia, burlou a lei quando foi necessário. Jesus se dirigiu à pessoa e não ao sistema.

8) Segundo Brighenti, *evangelização para ser inculturada* precisa, dirigir-se em primeiro lugar às pessoas e não a sistema²⁴⁹. A transformação do sistema e das estruturas também é tarefa evangelizadora, mas isso compete aos sujeitos da própria cultura. “A própria cultura que acolhe o Evangelho, também se transforma, abrindo-se a novas perspectivas e purificando-se de seus aspectos negativos”²⁵⁰.

²⁴⁷ TABORDA, Francisco. Nova Evangelização e Vida Religiosa: Reflexões teológicas. In SILVA, Antônio Aparecido et al. *Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: CRB, 1989, p. 118.

²⁴⁸ ORTOLAN, Neri. *Manual do (a) Visitadora(a)*. Porto Alegre: Vicariato de Porto Alegre, 2006, p. 7.

²⁴⁹ BRIGHENTI, Agenor. *Por uma evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 37.

²⁵⁰ CNBB. *Diretrizes Gerais da ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. 2003-2006. São Paulo: Paulinas, n. 14.

Na visão da *Evangelii Nuntiandi*²⁵¹, o Evangelho a evangelização não se identificam com uma cultura, mas são suscetíveis a inculturação. O Reino que o Evangelho anuncia foi vivido numa cultura, sendo que isso não impede que ele seja vivido nas mais diversas culturas.

“Evangelizar é por consequência inculturar o Evangelho antes de implantar a Igreja. Significa proclamar o Reino de Deus, Reino de justiça, de paz e de amor e empenhar-se para que ele seja cada vez mais visível²⁵². Conforme as Diretrizes Gerais da ação Evangelizadora do Brasil (137) a inculturação acontece através de atitudes com serviço, diálogo, testemunho, e anúncio explícito da mensagem cristã. O seu processo envolve, pois, Igreja, Evangelho e cultura. Isso faz da Igreja sujeito, mas também objeto de inculturação. Sendo assim, ela é sujeito de sua autoinculturação.

A prática pastoral desafia a encontrar formas de inculturar a Boa Nova dentro da pluralidade de expressões culturais aí existentes, a fim de que o Evangelho possa ser tecido pela cultura do local onde o agente de pastoral atua. O evangelizador, ao mergulhar dentro da cultura de sua realidade pastoral, precisa sair transformado e provocado pela Boa Nova que brota da realidade.

A prática, o contato de Jesus com as pessoas, nos dá a certeza, a segurança que é uma das formas para se chegar ao coração das pessoas e sensibilizá-las para acolher o projeto de Deus que é o contato e o diálogo. Pode-se dizer que a Boa Nova do Reino é transmitida de pessoa para pessoa. O contato e o diálogo provocam transformações de vida. Biblicamente podemos perceber o contato e o diálogo com Levi (Mc 2, 13-17). A partir disso, brota uma inquietação, a qual deve impulsionar a diaconia.

9) Conforme Brighenti²⁵³ *para que a evangelização produza frutos como a de Jesus, ela deve ser iluminada pelo Evangelho e por sua prática*. Isso é perceptível na forma como Jesus se relacionou com estrangeiros, pessoas de outras culturas, pobres e excluídos. Para Boff, antes de trabalhar com o povo, precisa-se entrar em contato com eles, participar de sua

²⁵¹ Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do papa Paulo VI sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas 1986, n. 20.

²⁵² BRIGHENTI, Agenor. *Por uma evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 45.

²⁵³ BRIGHENTI, Agenor. *Por uma evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 45.

vida²⁵⁴; e uma forma de isso acontecer no concreto é a partir de visitas. O homem e a mulher de hoje são cada vez mais carentes dos verdadeiros valores humanos que se expressam na alegria da acolhida e do carinho da presença.

A visitação tem um profundo sentido teológico: a pessoa enviada por Deus representa o próprio Deus que visita seu povo²⁵⁵. As visitas são uma oportunidade para o evangelizador escutar, aprender e valorizar os sinais do Reino de Deus já presentes por aí. A partir da escuta ele vê, sente as alegrias e dores, cultiva sonhos e experimenta derrotas, abre sempre caminhos de esperança. Com a visita gratuita, com o testemunho, com a maneira de ser e de agir é que vai acontecer um engajamento. A formação da comunidade virá como consequência da provocação e do testemunho do evangelizador.

A presença testemunhal é um falar de Deus sem falar, uma evangelização implícita, na medida em que a simples vivência da fé vai sensibilizando, abrindo espaço nos corações e criando as condições propícias para o diálogo entre-cultural e inter-religioso²⁵⁶.

O elemento essencial é a presença, a participação por parte daqueles que querem evangelizar.

10) *O missionário precisa ajudar a massa sobrando da sociedade a olhar de forma crítica a sua realidade* para que possam tomar consciência de sua situação de opressão, a fim de lutarem e organizarem-se em busca de transformação. Tanto os evangelizadores quanto os evangelizados precisam estar cientes de que a evangelização é importante para a transformação.

Compete, no entanto, ao Agente de Pastoral que está no meio dos pobres, vivendo e convivendo com eles, não levar suas propostas prontas. É no contato, no confronto que ele vai descobrir formas de ajudá-los a lutar por uma vida mais digna; e serão os pobres que dirão se

²⁵⁴ BOFF, Leonardo. *São Francisco: Ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 55.

²⁵⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003-2006, n. 99.

²⁵⁶ BRIGHENTI, Agenor. *Por uma evangelização Inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 68.

a evangelização está sendo boa ou não. Faz-se necessário aproximar-se deles, escutar a realidade, sentir os problemas e fazer perguntas que as ajudem a olhar a realidade com o olhar crítico, e assim ajudar a despertar o desejo e a luta por transformação. O agente evangelizador não pode fazer pelo pobre, mas pode ajudá-lo a se tornar sujeito. “O sujeito será, portanto, o pobre organizado, no sindicato, no partido político, na associação de bairro, nos diversos grupos de reivindicação”²⁵⁷. Uma vez que o pobre é sujeito organizado poderá assumir a luta pela causa da justiça e do direito, que são valores do Reino.

11) *A pastoral num mundo digital* se torna um grande desafio para a Igreja. Ela precisa olhar a rede mundial de computadores com entusiasmo e audácia. Os agentes de pastoral, os religiosos e os sacerdotes devem navegar na internet e encontrar formas atraentes de levar a Palavra de Deus ao grande "continente digital": anunciar o Evangelho recorrendo não só aos meios tradicionais, mas também ao contributo da nova geração de audiovisuais (fotografia, vídeo, animações, blogs, páginas da internet) que representam ocasiões inéditas de diálogo e meios úteis inclusive para a evangelização e a catequese. Está ficando cada vez mais fácil espalhar a Boa Nova. A internet e outras novas tecnologias oferecem à Igreja e outros grupos religiosos uma multiplicidade de avenidas para difundir sua mensagem. George Niederauer afirma que "a internet agora faz parte das nossas vidas e é um meio que ajuda prover um enriquecimento espiritual"²⁵⁸.

Faz-se urgente ampliar a presença virtual. Ainda não exploramos suficientemente este meio de comunicação para a pastoral.

A catequese, os cursos de crisma, de noivos e de teologia, grupos de jovens, a contribuição do dízimo e outras atividades paroquiais e diocesanas poderiam perfeitamente contar com ampla presença virtual. As presenças reais viriam complementar e dar o toque humano necessário do cara-a-cara. Existe equilíbrio viável entre ambas as presenças. Nenhuma supre e elimina a outra. Antes se enriquecem mutuamente. Já na própria realização de Aparecida a existência desses meios de comunicação teve peso e influência. Seguiam-se quase on line os debates no plenário. Alguns teólogos colaboraram à distância por meio dos programas MSN ou Skype²⁵⁹.

²⁵⁷ TABORDA, Francisco. Nova Evangelização e Vida Religiosa: Reflexões teológicas. In SILVA, Antônio Aparecido et al. *Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: CRB, 1989, p. 10.

²⁵⁸ NIEDERAUER, George Arcebispo presidente do Comitê de Comunicações dos bispos, em um pronunciamento sobre no dia 1º de dezembro <http://www.cantodapaz.com.br/blog/2008/07/09>.

²⁵⁹ Idem. NIEDERAUER, George. *Cristianismo-era-digital*.

Para a divulgação e concretização da Conferência de Aparecida, por exemplo, estes meios foram indispensáveis e serviram para uma maior participação e envolvimento de teólogos externos nas reflexões em torno dos temas debatidos na Conferência. Nessa linha, as dioceses, paróquias, movimentos eclesiais, pastorais, obras religiosas já estão a produzir portais de informação e de formação.

A escola, as universidades têm produzido cursos à distância. Nada impede que a Igreja entre nessa jogada, modificando, incrementando e servindo-se destes meios para o desenvolvimento da ação pastoral. Existem atividades pastorais que cabem dentro dessa pedagogia. Precisamos investir tempo, criatividade e formação para que estes meios sejam explorados e contribuam para a Evangelização.

Diante da escassez de pessoas que respondem a sua vocação de discípulos missionários e diante do êxodo religioso, o documento de Aparecida conclui que a “promoção vocacional”²⁶⁰ e a formação é uma peça chave. “Os Seminários e as casas de formação constituem espaço privilegiado para a formação de discípulos e missionários”²⁶¹.

12) *A formação de novos sacerdotes* constitui um grande desafio para a Igreja latino-americana e caribenha, pois os povos deste continente vivem, hoje, uma realidade marcada por grandes mudanças, que afetam profundamente suas vidas. Os discípulos de Jesus Cristo são chamados a discernir os “sinais dos tempos” à luz do Espírito Santo, para se colocarem a serviço do Reino de Deus.

Os sacerdotes são os animadores que estão à frente das comunidades de discípulos missionários. Eles são desafiados a buscar uma formação permanente que lhes dê condições para perceber os sinais dos tempos e assim buscar com criatividade, alternativas para continuar espalhar as sementes do Reino de Deus entre os seus. O Documento de Aparecida faz um apelo para que os sacerdotes priorizem tempo para o cultivo de sua formação permanente e cultivem a vida espiritual, “centrada na escuta da Palavra de Deus e na celebração diária da Eucaristia”²⁶². Os bispos precisam se conscientizarem de que os novos candidatos ao ministério sacerdotal necessitam de uma formação diferenciada e consistente, e que lhes dê suporte para desempenhar com desenvoltura a sua missão. Isto, para poderem animar, contagiar, desafiar e encorajar suas comunidades a envolver-se de forma afetiva e efetiva, criando uma profunda consciência missionária. Conforme o desejo da Conferência de

²⁶⁰ No Brasil a expressão promoção vocacional foi substituída por SAV (Serviço de Animação Vocacional).

²⁶¹ DA 316.

²⁶² DA n.191.

Aparecida. Faz-se necessário recordar que o candidato ao sacerdócio deve ser considerado o protagonista insubstituível de sua formação.

O presbítero é uma pessoa de relações. Seu ministério se define pela comunhão que vive com Deus e com os irmãos e irmãs e pela participação que promove nos ambientes onde atuam. O horizonte de presença e atuação é o Reino de Deus. Seu coração deve pulsar ao ritmo dos desafios morais e sociais, religiosos e políticos, com os quais se defronta a inteira humanidade. A formação presbiteral precisa adequar-se à missão da Igreja

Uma das primeiras exigências é que o pároco seja um autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode ajudar a renovar uma paróquia. Deve ser, ao mesmo tempo, um ardoroso missionário, que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração burocrática da paróquia²⁶³.

Devem ser promotores e animadores da diversidade de serviços necessários à evangelização missionária. A integração de todos eles na unidade de um único projeto evangelizador é essencial para assegurar uma comunhão missionária. Requer-se deles imaginação para encontrar respostas para os muitos e sempre mutáveis desafios da realidade.

O Documento dá muita atenção aos seminários e casas de formação, diante da escassez de pessoas que respondam à vocação ao sacerdócio e à vida consagrada. Por isso, urge dedicar cuidado especial à promoção vocacional, cultivando os ambientes onde nascem as vocações. Também faz um chamado urgente a todos os cristãos, especialmente aos jovens, para que estejam abertos a uma possível chamada de Deus. Entende que os seminários e as casas de formação são lugares privilegiados de formação de discípulos e missionários. Daí deve dar maior atenção aos projetos de formação dos seminários, que seja integral: humana, espiritual, intelectual e pastoral, centrada em Jesus Cristo Bom Pastor. Durante a formação, deve ser desenvolvido um amor terno e filial a Maria. Também deve atender ao processo de formação humana para a maturidade. O seminário deverá oferecer formação intelectual séria e profunda, no campo da Filosofia, das ciências humanas, especialmente da Teologia e da Missiologia, a fim de que o futuro sacerdote aprenda a anunciar a fé em toda a sua integridade, fiel ao Magistério da Igreja, com atenção crítica, atento ao contexto cultural de nosso tempo e às grandes correntes de pensamento e de conduta que deverá evangelizar²⁶⁴.

12) *A Vida Religiosa Consagrada* como entrega a Deus encontra no serviço e na doação aos irmãos especialmente os mais fragilizados da sociedade, seguindo o exemplo de

²⁶³ DA 201.

²⁶⁴ HACKMANN, Geraldo Luís. Borges. O referencial teológico do Documento de Aparecida. In: *Teocomunicação*, v. 37, n. 157, set. 2007, p. 324.

Jesus de Nazaré que foi ungido pelo Espírito para proclamar a Boa Notícia aos mais pobres. No cotidiano missionário a vida religiosa consagrada é chamada a ser presença e a Boa Notícia do Reino de Deus para todos e preferencialmente para os pobres e marginalizados.

A missão, antes de ser caracterizada pelas obras externas, define-se por tornar presente o próprio Cristo no mundo, por meio do testemunho pessoal. Este é o desafio, a tarefa primária da vida consagrada! Quanto mais se deixa conformar com Cristo, tanto mais o torna presente para [...] a salvação²⁶⁵.

O documento *Vita Consecrata* diz que a vida religiosa consagrada é um dom do Pai dado à Igreja e que constitui um elemento decisivo para sua missão. O documento de Aparecida registra que os consagrados, em comunhão com os seus pastores, são chamados a fazer de seus lugares de presença, de sua vida fraterna em comunhão e de suas obras, lugares de anúncio explícito do Evangelho, principalmente aos mais pobres²⁶⁶. São chamados a ser especialistas em comunhão, tanto no interior da Igreja, quanto da sociedade²⁶⁷. Num mundo marcado pela secularização os consagrados são chamados a serem testemunho da absoluta primazia de Deus e de seu Reino, frente ao mercado e às riquezas que valorizam as pessoas pelo ter, frente à erotização e banalização das relações²⁶⁸. O Documento de Aparecida fala que na atualidade da América Latina e do Caribe, os consagrados (as) são chamados a uma vida disciplinar, apaixonada por Jesus. Devem ter uma postura profética e mostrar ao mundo atual que é possível viver de forma diferente.

A Vida Religiosa Consagrada é um testemunho esplêndido, onde se reflete a multiplicidade dos dons-carismas dispensados por Deus aos fundadores e fundadoras que, abertos à ação do Espírito Santo, souberam interpretar os sinais dos tempos e responder, de forma esclarecida, às exigências que sucessivamente iam aparecendo²⁶⁹.

Os religiosos são chamados a serem testemunhas de Cristo no mundo, a contemplar o “Mistério Pascal, pois é dele que brota também a missionariedade, que é dimensão qualitativa

²⁶⁵ Exortação Apostólica de João Paulo II *Vita Consecrata*: sobre a vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1996 n. 72. (A partir de agora, será referido com VC, seguido do número referido).

²⁶⁶ DA 217.

²⁶⁷ DA 218.

²⁶⁸ DA 219.

²⁶⁹ VC 9.

de toda vida eclesial; mas encontra a sua realização específica na Vida Consagrada²⁷⁰. A contemplação do Mistério Pascal conduz à ação concreta, provoca profecia e itinerância ao encontro do outro. “Do mesmo mistério, brota a missionariedade”²⁷¹. A vida religiosa consagrada é chamada a seguir a forma de vida de Jesus, supremo Consagrado.

O mundo em rápidas mudanças, sob a influência da pós-modernidade, do consumismo, do virtual com seu sentido de onipotência, têm grande influência sobre a formação hoje. Esta realidade de mundo traz consequências sérias para o processo formativo, pois o jovem que chega à nossa casa traz resquícios dessa realidade, tais como o individualismo, o subjetivismo e a experiência do descartável, em, que vale o que convém ao indivíduo.

A formação religiosa, como a formação para o sacerdócio, se torna um desafio ainda maior, tendo em vista o projeto missionário de Jesus, de levar a boa notícia do Reino de Deus a todas as pessoas. A formação é um processo que impele, desafia e interpela, pois há uma dificuldade muito grande em adequar o processo formativo aos novos tempos, descobrir e acertar um novo jeito de acompanhar e orientar a caminhada formativa.

O reflexo da desmotivação e do contra testemunho de religiosos, na vivência da vocação, afeta o processo formativo dos novos membros. Somos desafiados a formar pessoas comprometidas com as grandes causas em favor do pobre, do marginalizado em todos os sentidos; caso contrário, corremos o risco de formar jovens burocráticos das instituições. Assim sendo, chegam às nossas casas, adaptam-se ao nosso jeito e aí ficam sem fazer opção verdadeira pela Vida Religiosa Consagrada.

Verifica-se que são relativamente poucas as experiências de religiosos jovens comprometidos com a realidade do pobre. O processo formativo precisa levar o jovem a ver a realidade a se surpreender por ela para a ela converter-se. O grande desafio é o como formar jovens que contemplem a realidade com o olhar de Deus e que perceba o que ele quer dizer através da realidade para assim fazer a verdadeira opção pelos mais fracos.

Tendo diante de nós a proposta da Missão Continental, a formação para a vida religiosa consagrada precisa estar conectada com a Igreja latino-americana e caribenha, somando forças com ela e desafiando os formandos se envolverem afetivamente e efetivamente na missão.

²⁷⁰ VC 25.

²⁷¹ VC 25.

Diante dos desafios próprios da formação religiosa, não podemos nos deixar abater diante de sinais que ofuscam as nossas expectativas, mas empenhar-nos na busca de sinais de esperança.

A formação, para que seja significativa, eficaz, segura e comprometida com a missão, é necessário que aconteça de forma gradativa e personalizada num contexto de relações. É preciso ter consciência que a formação não pode ser um processo medíocre, mas exigente para poder formar pessoas que assumam com audácia o projeto de Jesus Cristo. Essa exigência sadia favorece o amadurecimento das motivações. Diante das dificuldades que aparecem, é preciso ter o cuidado de não baixar o nível da formação. É preciso evitar a tentação de simplesmente mudar por mudar.

A proposta de Jesus é atraente quando aceita com amor e generosidade, mas é exigente, radical. Os formadores precisam apostar no que acredita [...] as congregações que oferece uma formação segura atraem formandos com ideais elevados e as que oferecem uma formação deficiente, fraca, atraem mais facilmente, pessoas medíocres ou com fracos ideais²⁷².

É importante que as Congregações ofereçam uma base sólida, objetivos claros e propostas que ajudam a viver o ideal do seguimento de Jesus Cristo, segundo o carisma e espiritualidade própria. Os seguidores de Jesus precisam ter clareza por onde são chamadas a andar, onde querem chegar e os meios que podem ser utilizados para essa caminhada.

No processo formativo, o mais importante não é ter respostas para todos os questionamentos, mas estimular a busca, provocar dúvidas, favorecer a arte de pensar e de assumir posicionamentos que levem à mudança e à transformação evangélica. “Está claro o fato que o formando é protagonista da formação, e que a formação deve ajudá-lo a colocar em ação as suas potencialidades, valores e possibilidades”²⁷³. A formação para a Vida Religiosa Consagrada está dando uma nova guinada no seu jeito de formar e estão despontando outras perspectivas que são motivos de esperança.

²⁷² FROHLICH, Francisca. *A Pedagogia de Jesus. Formação Inicial e Permanente*, Porto Alegre, n 4, p. 42-53, 2003, p. 50.

²⁷³ MARMILICZ, André. *O Ambiente Educativo nos Seminários Maiores do Brasil*. Curitiba: Vicentina, 2003, p. 237.

Na formação para e na missão, constata-se que há um grande esforço para dar novas respostas às exigências do mundo de hoje embora se encontrem dificuldades no processo. Os jovens formandos na sua maioria estão inseridos em comunidades, desenvolvendo trabalhos pastorais; assim, a formação acontece de forma encarnada.

A Vida Religiosa foi provocada a recuperar seu dinamismo missionário, indo em direção a realidades desafiadoras do ponto de vista social, religioso, eclesial, cultural [...] tal convocação foi percebida como caminho de novos ares, novo dinamismo para toda Vida Religiosa, inclusive com possibilidade de novas vocações. Tal movimento provoca novas exigências para a formação inicial²⁷⁴.

Em relação aos formadores percebe-se busca de contínua atualização teológica e psicológica para poderem ajudar melhor os formandos. A formação está voltada para a pessoa como um todo, trabalhando todas suas dimensões, de forma integrada. A verdadeira formação precisa ser integral e integradora.

Um outro aspecto importante, no processo formativo, é o acompanhamento e a seleção dos novos candidatos. A Vida Religiosa tem uma estrutura própria que exige saúde física e psíquica daqueles que optam por este estilo de vida. Conscientes disso os formadores procuram acompanhar os jovens, oportunizando condições para que se desenvolvam de forma integral. O Papa João Paulo II²⁷⁵ orienta a que sejam admitidos só aqueles candidatos que possuem as qualidades requeridas, portanto, podem ser admitidos ao noviciado os jovens que tenham dado provas de certa maturidade, caso contrário, não se deve ter medo de prolongar a etapa preparatória.

A formação hoje se abre cada vez mais para o exercício da contemplação na ação, bem como para o fazer a ação na contemplação. Os formadores têm grande responsabilidade diante das exigências do processo formativo. Somos convocados a ajudar os jovens vocacionados a desenvolver-se em todos os aspectos, tendo presente que o comprometimento e o engajamento

²⁷⁴ SCHWERZ, Nestor Inácio. *Formação Inicial e Permanente Animada pela Missão*. Porto Alegre, n.4, p.34-41, 2003, p. 35.

²⁷⁵ JOÃO PAULO II. A Formação do Religioso deve ter em Vista a Sabedoria do Coração. *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 223, p.259-261, jun, 1989, p. 260.

na e para missão profética é parte integrante do processo. Se a formação não levar em conta a comprometimento e a inserção missionária no meio do povo, esta lacuna acarretará grandes consequências para o processo formativo e para a missão.

A Conferência de Aparecida²⁷⁶ admite ser escasso o acompanhamento dado aos fiéis em suas tarefas e serviços à sociedade. Isso resulta numa evangelização de pouco ardor, sem novos métodos e expressões, que acarreta dificuldades que acabam tornando a catequese, as celebrações, em fim, as programações pastorais, pouco atraentes, por sua linguagem fora da realidade, e pouco atrativa para a cultura atual.

13) *A Formação dos agentes de pastoral se torna uma urgência.* Como batizados e ainda mais, como agentes de pastoral somos convocados a dar continuidade à missão de Jesus, o missionário do Pai como presença profética na realidade em que estava inserido. Formar-se para uma vida em missão é tarefa que nunca termina. Viver a vida em missão é uma tarefa para a qual nunca estamos prontos de forma definitiva. É necessária uma formação permanente para descobrir e redescobrir a própria vocação, nas circunstâncias sempre em mutação de nosso dia a dia. Vivemos numa época de rápidas e profundas mudanças.

O grande e audacioso projeto de Aparecida de colocar o continente latino-americano em “estado permanente de missão” desafia a Igreja Latino-americana a pensar seriamente na formação dos agentes de Pastoral. Esta realidade e o mandato de Jesus Cristo de anunciar a todos a Boa Nova do Reino de Deus, exige de todos os cristãos e em especial dos mais comprometidos e engajados com a missão, uma preparação cada vez maior em nível teológico, espiritual, social, afetivo e pedagógico.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) afirmou que o Povo de Deus participa da missão de Cristo desde o batismo, cabendo a cada discípulo a tarefa de propagar a fé (LG 17; *Ad Gentes* 23). Ao ser enviado, o cristão entra na vida e na missão de Jesus que “se despojou, tomando a forma de servo” (Fl 2, 7; ver *Ad Gentes* 24).

A grande exigência para, que a Missão Continental produza os frutos desejados, é que sejam contemplados, nos projetos de Igreja local, a formação básica para todos os agentes de pastoral; e, naturalmente, para os outros cristãos.

Os destinatários desta formação cristã básica serão os agentes de pastoral, e ainda os cristãos que pretendam vir a ser agentes de pastoral, em suma, aos cristãos que queiram esclarecer e aprofundar as razões da sua fé.

²⁷⁶ DA 100.

Não se trata tanto de criar novas estruturas formativas missionárias, mas de envolver a vida cristã com o espírito missionário: catequese, liturgia, leitura da bíblia, oração e meditação. Os agentes de pastoral sentindo-se missionários se preocupam em aprender, em se preparar-se bem para sua missão, para enfim, corresponder à vocação à qual foram chamados, realizando sua missão com qualidade. No decreto *ad Gentes* diz que “ordinários e os superiores, em datas marcadas, reúnem os missionários para que se robusteçam na esperança da vocação e se renovem no ministério apostólico” (AG 24). Para exercer um serviço na Igreja conforme “o dom que cada um recebeu de Deus para o bem e para a edificação de todos”²⁷⁷, torna-se indispensável preparar-se através de especial formação “espiritual e moral”. Isto, para poder começar contemplando as tarefas, ser perseverante nas dificuldades, suportando paciente e corajosamente a solidão, a fadiga, o trabalho sem frutos e, com toda generosidade, indo ao encontro das pessoas. O agente de pastoral, sabe que é enviado por Deus e pertence à comunidade eclesial, o corpo de Cristo ao qual serve.

É relevante que todos os agentes de pastoral se sintam realizados, felizes e comprometidos no serviço pastoral que exercem. A consciência da missão, gera compromisso e não se deixa conduzir ao sabor da vontade, mas é motivada pela resposta de amor ao Deus que chama a participar de sua missão redentora no mundo e nos envia a cuidar do outro: “de graça recebestes, de graça deveis dar” (Mt 10, 8).

14) *No coração de todos os batizados deve vibrar uma espiritualidade missionária.* O cultivo da espiritualidade desperta a atenção da pessoa e a faz ficar atenta às necessidades das pessoas fragilizadas e necessitadas de solidariedade. Faz-se necessário cultivar uma espiritualidade kenótica²⁷⁸ que faz do missionário uma pessoa da outra margem, do outro

²⁷⁷ 1Cor 12, 7.

²⁷⁸ Daniel LAGNI diz que a espiritualidade kenótica lança o missionário para o outro lado. É uma kénose (anular-se) à imagem de Cristo, que se despojou de suas seguranças, para identificar-se com aqueles a quem foi enviado. Deixar a sua terra é, antes de tudo, deixar a si mesmo, “descalçar-se”, perder as próprias seguranças, depor as armas, sair de si, para deixar-se acolher por outra cultura, onde o Espírito já se encontra e nos espera. O despojamento é necessário para captar os caminhos do Espírito já presente na missão. É Ele que precede o missionário e lhe indica os caminhos. Com uma espiritualidade kenótica, os missionários atravessam fronteiras, não como quem dá, mas como quem recebe. Eles não vão para a terra de missão com avançadas tecnologias para modernizar o subdesenvolvimento, com uma cultura superior para civilizar os bárbaros, com uma religião para acabar com as superstições, ou com uma série de verdades reveladas para ensinar aos ignorantes. A espiritualidade kenótica faz do missionário uma pessoa da outra margem, do outro lado. Do outro lado da sua própria cultura, valores, língua-mãe, símbolos nativos, não no sentido de os rejeitar, porque ele tem também a doar, sobretudo a Boa Nova, mas no sentido de esvaziar-se deles, para acolher. Revista *Mundo e missão* n°. 89 março de 2005, p. 48.

O que significa a KENOSIS? Do grego, significa ‘esvaziar-se’, humilhação/exaltação”. O texto de filipenses mostra que Jesus, tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz (Fl 2,6-8). “Ele se despojou, tomando a forma de escravo”. O hino é composto de duas estrofes: a primeira celebra a humilhação voluntária de Cristo (vv. 6-9); a

lado. “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos, e para proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4, 18-19). Quem se coloca no caminho do Espírito de Jesus vai descobrindo que a verdadeira espiritualidade é sempre missionária. Trata-se sempre de assumir a missão de Jesus, seu projeto de vida: evangelizar, proclamar a libertação, estar a serviço da vida e da esperança. Quem vive guiado pelo Espírito Santo é um eterno missionário. Olhando os desafios, de sofrimento e de dor, que brotam da realidade do continente, percebe-se que os povos latino-americanos sofrem a opressão, a injustiça e se sentem desfigurados pela dor e pelo abandono e vivem no verdadeiro flagelo social.

A missão junto a estes povos exige que se cultive uma espiritualidade kenótica e missionária conforme a própria vocação, os dons, carismas e os ministérios recebidos do Espírito Santo. O discípulo missionário, para dar conta da palavra a ser anunciada, consolar, incentivar, apoiar, amparar, desafiar e encorajar a massa sobrando, completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, necessita colocar-se à escuta do Espírito Santo. E abrir mente, o coração e todo seu ser, deixando-se incitar por ele. Isso tudo contribui no sustentar o que está cansado e devolver a esperança aos milhões de rostos desfigurados pela miséria, fome, violência e pelo abandono da sociedade. Para isso se faz necessário escutar e deixar-se impregnar pela palavra de Deus (DA 179; 309).

Ser missionário é também ser pessoa de oração, ou seja, pessoa que se sustenta na oração, meditação, contemplação e participação das celebrações da Palavra e da Eucaristia.

A missão é fruto de uma experiência que se vive e do Espírito que sopra onde quer. É um caminho pessoal e eclesial no seguimento de Cristo, descoberto no dia-a-dia da vida, no qual se misturam alegrias e esperanças, certezas e dúvidas, de aspectos nem sempre fáceis de serem definidos. A primeira evidência desta caminhada espiritual é que se trata de uma missão plural, que não tem um rosto único. Ela se diversifica conforme as situações e os caminhos que se percorrem²⁷⁹.

segunda, a sua exaltação por Deus (vv. 10-11). No esvaziamento, não significa que Jesus tenha renunciado à sua condição divina, mas à forma divina da existência.

²⁷⁹ LAGNI Daniel. *Fundamentos da espiritualidade missionária*. Parte II. Acesso no dia 22/08/2010 disponível em <http://www.pime.org.br/mundoemissao/espirtmissaoofunda.htm> ou revista Mundo e missão nº 89 Março de 2005, p. 48.

O ponto de partida de qualquer espiritualidade cristã é a profunda acolhida da Palavra de Deus. Raschietti²⁸⁰ serve-se da passagem dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35) para mencionar quatro etapas do caminho espiritual. 1) Em primeiro lugar temos a conversa dos dois discípulos diante da realidade dos acontecimentos: uma partilha desencantada de visões, sentimentos, desejos e sonhos frustrados. Os dois discípulos são encontrados por Jesus numa situação de descrença. As forças de morte, a cruz, tinham matado neles a esperança. 2) Logo depois temos a pequena comunidade em companhia de um peregrino, que é Jesus. Ele ilumina e re-interpreta essa realidade a partir das Escrituras (cf. Lc 24, 27). Jesus usa a Bíblia para iluminar o problema e para esclarecer a situação que eles estão vivendo. Com a ajuda da bíblia Jesus os ajudou a descobrir a sabedoria que existe dentro deles e a transformar o sinal de morte em sinal de vida e de esperança. Essa escuta oferece uma nova chave de leitura da história, aquece os corações, enche de novas motivações e significados. 3) Na terceira etapa não apenas os ouvidos se abrem, mas também os olhos, na contemplação do mistério diante da partilha do pão: a Palavra ouvida se faz carne na pessoa de Jesus. Surge imediatamente (cf. Lc 24, 33) o desejo interior de comunicar a Boa Nova aos outros. “Impulsionados por um novo ardor, eles saem alegres para a sua tarefa missionária. Deixam a aldeia e vão às buscas dos outros discípulos. A vivência da fé se realiza em comunidade”²⁸¹. 4) No quarto momento, os dois discípulos, passa-se à ação e à missão. Criam coragem e voltam para Jerusalém, onde continuavam ativas as forças de morte. Eles reagem e vivem de um jeito novo. Coragem ao invés de medo! Retorno ao invés de fuga! Esperança ao invés de desespero, Liberdade frente à opressão! Ao invés da má notícia da morte de Jesus, é a Boa Notícia da Ressurreição que toma lugar! “A partir da fé vivida em comunidade, eles se tornam anunciadores de uma realidade totalmente nova (...) a fé em Jesus é fonte da missão”²⁸².

De acordo com o exemplo dos discípulos de Emaús, nós também temos necessidade dessa experiência de reencantamento na fé. O coração aquecido com uma espiritualidade profunda e fecunda impulsiona a mente, o coração e os pés para a missão.

Assim o agente de pastoral terá condições de situar-se bem no coração da realidade desfigurada e injusta no chão da América Latina e, com um novo impulso levar a Boa Nova da salvação aos irmãos que estão desiludido e privados de seus direitos.

²⁸⁰ RASCHIETTI, Estevão. *Espiritualidade Missionária*. Disponível em www.xaverianos.org.br.

²⁸¹ SD 26.

²⁸² Idem. 26

O discípulo missionário, fiel à missão que lhe foi confiada por Deus, precisa munir-se de paciência, perseverança, amor pela causa para respeitar o processo das pessoas e da comunidade. Na esperança, pois não há nada que com o tempo não se possa mudar, transformar. O Espírito que animou Jesus na sua missão, com certeza tem a realizar muitas coisas nas comunidades.

CONCLUSÃO

A presente Dissertação não teve a pretensão de ser algo acabado, mas quer ser um caminho para prosseguir na reflexão da Teologia Latino-americana trazendo-a para dentro da vida e da missão cristã. É importante destacar que o contato com Teologia da América Latina e com as várias bibliografias consultadas na elaboração desta Dissertação, entremearam-se luzes, provocações e esperanças.

Aprofundando a Cristologia percebe-se que a compreensão, do Reino de Deus, de certa forma, está em desvantagem em comparação com outras áreas teológicas realizados na linha cristológica. Tanto os teólogos católicos quanto protestantes aprofundaram-se mais na obra salvífica de Jesus de Nazaré. O que mais se evidencia é estudo sobre o nascimento, morte e ressurreição. Percebe-se que a compreensão de Reino de Deus, por vezes, parece obscura, defasada para a maioria das pessoas, inclusive para alguns padres e bispos que, em seus discursos, dão prioridade ao Reino escatológico, desconectando-o da realidade. Por vezes, confundem Reino como Igreja e assim por diante.

O Concílio Vaticano II e a Teologia Latino-americana apresentam uma nova visão de Reino de Deus, que pessoalmente mais me identifica com a prática de Jesus. Prática na qual os pobres, os miseráveis e a massa sobrando da sociedade são evangelizados, amados, acolhidos e auxiliados na superação da situação em que se encontram. Para quem passa fome, a Boa Notícia do Reino é ter o suficiente para suprir a sua fome e a dos seus. Para um doente, é ter remédio, ter condições para tratar a sua saúde. Para um sem teto, é ter uma casa para se abrigar. Assim poderíamos continuar elencando situações do continente latino-americano, onde a mensagem da Boa Notícia do Reino de Deus precisa ser levada e concretizada com urgência.

A Igreja, enquanto sacramento do Reino, é, primordialmente, uma Igreja dos pobres. Sua missão está articulada para testemunhar aos o Reino de Deus aos pobres. A Igreja é uma comunidade na qual o Reino é experimentado e celebrado, e no qual já se anuncia como numa aurora o futuro cumprimento do grande desígnio de Deus para toda criação. É uma comunidade onde a vida futura com Deus já está acontecendo, em sinal oculto, mas real.

Aprofundando um pouco mais a missão de Jesus, constata-se que Ele nas suas pregações e na dinâmica do cotidiano da vida pregou a eminência da chegada do Reino de Deus e isto constituiu o principal conteúdo de suas pregações. Ele mantinha a convicção que o

Reino estava às portas e isto exigia um envolvimento concreto e audacioso para ser uma Boa Notícia para os que dela estavam necessitando.

A realidade de pobreza e sofrimento que atinge a maioria do povo do Continente Latino-americano e caribenho mostra a enorme distância entre essa realidade e o projeto de Deus que quer a vida, realização plena para todas as pessoas. Os rostos desfigurados pelas situações de sofrimento chamam por justiça e libertação. Urge uma ação concreta não só da sociedade civil, mas da Igreja, Povo de Deus, que através do batismo se compromete em defender a dignidade de todos. Onde a vida está ameaçada, lá o cristão é chamado a fazer-se se faz presente, a exemplo do Mestre, investindo suas forças no resgate dos irmãos.

Onde se encontram os pobres, em especial os miseráveis, a massa sobrando da sociedade aí é o lugar teológico por excelência, onde o Reino de Deus toma carne. O fazer teológico deve nascer da necessidade e experiências no cotidiano. O anúncio do Reino por Jesus brotou de uma realidade vivida de exclusão e marginalização do povo.

A globalização econômica baseia-se na exclusão crescente das pessoas “inúteis” que nem mesmo tem o “privilégio” de serem exploradas. Nunca houve tantos pobres, e pobres tão empobrecidos, como na história atual. A presença desses pobres no mundo atual continua desafiando o cristianismo e a Teologia. Não dá para ser cristão ou fazer Teologia ignorando essa realidade.

O projeto libertador de Jesus Cristo volta-se gratuitamente a todos. Ao se apresentar como o defensor dos pobres e anunciador da libertação aos oprimidos (cf. Lc 4, 16 - 18), Jesus dá acesso livre ao Reino de Deus, porém, dá uma atenção especial aos pobres e indefesos, pois se estes estiverem incluídos o acesso ao Reino está assegurado a todos.

A opção fundamental de Jesus Cristo de evangelizar os pobres marca o começo de sua missão profética. Ele é o portador do Reino de Deus, oferece sua vida em sacrifício por todos, como Filho obediente encarna o clamor de libertação de todos os homens e mulheres. Jesus acolhe, defende e incorpora o pobre na comunidade. Assim sendo, o Reino não se torna um evento futuro, mas já está acontecendo e qualificando o presente. Quem acolhe, vive e pratica a mensagem do Reino, vive a plenitude do futuro no presente da sua vida.

É perceptível no Continente Latino-americano e caribenho que, entre uma Conferência e outra, aumentam ainda mais as situações que empalidecem e desfiguram o rosto dos povos, gerando uma sociedade doente. Estas realidades ferem a dignidade humana, geram exclusão e opressão, afastando cada vez mais o ser humano do seu direito à vida e à liberdade. As condições básicas de sobrevivência e bem-estar são pressupostos para a concretização e visibilidade do Reino de Deus. A Teologia que leva em consideração o povo sofrido, que

parte das necessidades das comunidades, deve tematizar essas situações bem concretas. Abordar essas realidades no horizonte da Teologia implica, sobretudo, em sensibilizar-se com as experiências que exprimem carência de libertação pessoal, social. À luz da Teologia latino-americana, a Igreja da América Latina tem se levantado como importante ícone de promoção e resgate da dignidade humana.

Trazer as pessoas para o meio, desafiando-as a serem protagonistas da sua própria libertação, isso cria convicções que as impulsionam a não ficar acomodadas, mas a se tornarem pessoas livres para lutar não só pela própria libertação, mas também pela de seu grupo social.

A Igreja Latino-americana é convocada pela realidade a entrar na militância em favor da justiça, da solidariedade e da paz, e a promover uma evangelização a partir do protagonismo leigo. Ela encontra em Jesus o referencial para sua luta em prol da fraternidade, da justiça e contra qualquer forma de escravidão, discriminação, violência e atentado contra a vida.

Ao longo da elaboração deste trabalho, observou-se que a história latino-americana está perpassada por situações de opressão. Desfilam os rostos desfigurados pela fome, droga, violência, prostituição, doenças por falta de saneamento básico e tantos outros sofrimentos, realidades estas que desafiam a Igreja e a sociedade a se envolverem cada vez mais na contra as injustiças. Percebe-se que essas situações de exploração e sofrimento estão aumentando cada vez mais. Entre uma Conferência e outra, multiplicam-se os rostos num círculo vicioso que tende a crescer. Isso mostra a falta de indignação, empenho, envolvimento, luta, pessoal e comunitária, para que todos vivam dignamente.

A Igreja, dando ouvido ao clamor dos oprimidos, faz sua opção preferencial pelos pobres e, em função disso, procura rever e renovar seus métodos de evangelização, levando em conta a realidade do Continente. Está, pois, à vista enorme distancia entre a realidade, e o projeto de Deus. O povo experimenta na carne e a miséria que desmente o Reino de Deus.

A reflexão, teológica não pode ignorar a realidade factual a ser debelada. Percebe-se a luta do povo por libertação, numa história em que se mescla opressão e angústia, libertação e alegrias, engajamentos em diferentes grupos e movimentos de libertação. São inúmeros grupos que lutam em defesa da vida e reivindicam seus direitos de cidadãos.

O compromisso libertador traz grandes desafios. Não basta refletir, obter maior clareza e falar de libertação. É preciso agir. O compromisso libertador requer que se busquem estratégias adequadas e em conjunto. Não bastam boas intenções, estágios e experiências isoladas com grupos oprimidos. É preciso denunciar as situações de exploração e opressão, fixar o olhar, investir, somar forças e avaliar as nossas práticas e ações para que não reforcem os esquemas depressivos da população.

Faz-se necessário cultivar um relacionamento íntimo com Aquele que viu bem a miséria do povo, ouviu os seus clamores, conheceu os seus sofrimentos e desceu para libertá-lo, fazendo-o subir para uma terra fértil e espaçosa (cf. *Ex 3, 7-8*); e aprender dele o jeito de lutar, de organizar e de ajudar na conscientização dos cidadãos.

Tendo como foco o próprio Jesus, que se colocou na defesa dos que tinham a vida ameaçada e aprofundando a sua opção pelo Reino, surgirão desafios contundentes que provocam angústia nos cristãos que são conscientes de sua missão. A Igreja latino-americana precisa colocar em prática os conteúdos das Conferências gerais do Episcopado Latino Americano; assim ela estará envolvida e comprometida com os destinatários do Reino de Deus, anunciado por Jesus.

Este trabalho trouxe oportunidades para conhecer, aprofundar e avaliar a trajetória da Igreja em nosso continente, detectar as luzes, e as sombras, pois se de fato a Igreja colocasse em prática o que está registrado nos documentos do CELAM, provavelmente nossa sociedade seria mais humana, justa, solidária e fraterna e não haveria tanto sofrimento e exclusão. Pode-se concluir que a verdadeira opção passa pela prática e sem ela não há transformação. Somente a prática transforma da sociedade.

Priorizar esforços em favor dos pobres e dos excluídos, formar parcerias com entidades e poder público é algo que faz parte da missão da Igreja. A grande incógnita que fica a partir desta reflexão é: até que ponto tudo isso ajudará para que os governantes e a classe mais favorecida se conscientize de que todos têm o direito de ter o suficiente para suprir as suas necessidades básicas de alimentação, saúde, moradia e educação? O que fazer para promover políticas públicas que favoreçam a vida em todos os aspectos e não haja excludentes e nem excluídos?

A realidade de pobreza e miséria é fruto da globalização excludente, da ganância e da acumulação da riqueza nas mãos de uma minoria. Os cristãos são convocados a não compactuar com esta forma de agir, mas ser a presença profética, denunciando as realidades de exploração e exclusão, e também a estarem dispostos a partilhar da sorte dos pobres. Isso só será possível se estivermos conscientes de que pelo batismo somos convocados a ser Discípulos Missionários, anunciando e denunciando as situações de injustiça e exploração que impedem que o Reino de Deus se estabeleça e se torne visível no meio de nós.

Que fazer para que, de verdade, a missão seja o fio condutor de toda a Pastoral latino-americana? Está aí o grande desafio. O Documento de Aparecida revela grande entusiasmo pela missão; será preciso, porém, muita decisão e clareza, mudanças estruturais na vida da Igreja, para que a missão aconteça, de verdade no meio e a serviço das multidões. Há

experiências significativas em andamento que ajudam a dar passos. Mas não há toque de mágica. Missão não é mercadoria que se compra no supermercado. Ela necessita de convicções firmes que só brotam de uma profunda experiência mística com a Trindade Santa. Mística e Missão são inseparáveis. Mística gera liberdade, criatividade, fecundidade, ousadia. É de tudo isso que a Missão precisa se alimentar para ela acontecer.

O missionário no contexto latino-americano precisa fazer-se próximo de quem sofre à beira do caminho próximo não só fisicamente, mas que defendendo, lutando, denunciando em instâncias superiores toda lesão aos direitos dos pobres. Assim se torna parecido com o Mestre, abraçando o seu plano de amor, promovendo a dignidade humana e tornando visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para com os pobres e pecadores.

O projeto episcopal de Aparecida para se tornar concreto, vai exigir mudança de mentalidade e de comportamento nos diversos segmentos da Igreja. A missão precisa se tornar prioridade. Tanto o clero como o povo de Deus precisam desafiar-se a pôr-se a caminho, deixando para trás o comodismo que impede de partir e de se envolver afetiva e efetivamente na luta por vida digna para todos.

Para melhor servir o Reino de Deus numa dinâmica de missão será necessário pensar um jeito novo de trabalhar a formação dos novos sacerdotes a fim de que eles, de forma livre e consciente, optem pelo Reino colocando-se inteiramente a seu serviço. Se confrontarmos o atual modo de viver a vida religiosa, ocupada em administrar grandes obras, perdendo a identidade original, percebemos a necessidade de redimensionar ou descobrir formas novas de viver a alegria de ser discípulas missionárias.

A missão de todo o batizado é ser testemunha e sinal do Reino de Deus no mundo. O projeto da Missão Continental, esboçado em Aparecida, nos convida a continuar avançando na reflexão e mudança de paradigmas, isto é: missionários são aqueles que vem ou vão para outros países, mas a missão é aqui, sobretudo em nossas periferias e em nossos areópagos. É necessário conscientizarmo-nos de que pela força do batismo todos somos missionários e que somos desafiados a lutar tendo a justiça social como uma dimensão essencial do seguimento de Jesus Cristo. É indispensável empenhar todos os esforços para a superação de todas as formas de injustiça e exclusão, pois ofuscam a visibilidade do Reino de Deus.

O projeto da Missão Continental para se tornar concreto exige que os agentes de pastoral sejam pessoas comprometidas com o outro, que sejam capazes de atrair e ajudar no processo de transformação das pessoas com as quais entram em comunicação, de modo que estas sintam a necessidade de mudar de vida.

Numa autoavaliação, ainda bastante genérica, podemos afirmar que o encolhimento numérico dos fiéis é uma consequência da perda eclesial de atratividade que pode significar falta de coerência evangélica.

O projeto episcopal de Aparecida exige uma mudança de mentalidade e uma mudança de comportamento. A missão será a prioridade se deixará em segundo plano a administração da pequena minoria que frequenta as paróquias portanto, descentralização. Será necessário mudar a formação sacerdotal de modo radical. Os religiosos vão ter que voltar à sua vocação original, e deixar de ser administradores de paróquias ou de obras.

O projeto de Aparecida é tão radical que surge um grande desafio: quem vai pôr esse programa na prática? A história mostra que todas as mudanças profundas na Igreja foram realizadas por pessoas novas, formando grupos novos e criando um novo estilo de vida, sempre a partir de uma opção de vida na pobreza. A transformação nunca aconteceu pelas lideranças estabelecidas e nem pelas estruturas instaladas. Estas não conseguem sair do seu papel tradicional. Há uma lentidão nas instituições em assumir projetos arrojados e proféticos. A mudança, a transformação parte da base.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Nilo. *As Conferências Episcopais: América Latina e Caribe*. Aparecida, SP: Santuário, 2007.

ALEGRE, X. El Reino de Dios y las parábolas en Marcos. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 67, p. 3-29, 2006.

ALLGAYER, Antônio Estevão. *Jesus e os Excluídos do Reino*. Petrópolis, Vozes: 1994.

AMERINDIA (Org.) *Sinais de Esperança*. Reflexão em torno dos temas de Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2007.

BERNARDI, José. A opção pelos pobres no Documento de Aparecida. *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre, n. 39/2, 2007, p. 42-50.

BERNABÉ, Carmen. Reino de Deus. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p.674-684.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOFF, Leonardo. *Vida segundo o Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *São Francisco: Ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Leonardo. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo*. 11.ed, Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Do lugar do pobre*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Nova Evangelização: perspectivas dos oprimidos*. Fortaleza: Vozes, 1990.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

BRIGHENTI, Agenor. *Por um evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. Para uma recepção criativa da proposta missionária de Aparecida. In: *Encontros Teológicos*, Florianópolis: n.51, 2008, p.13-30.

_____. *Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-contexto, o con-texto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *A opção pelos pobres e a urgência da missão 40 anos de Medellín.* www.revistamissoes.org.br/ acesso em: 9/09/2009.

BRUNELLI, Delir. *Profetas do Reino.* Rio de Janeiro: CRB, 1986.

CALIMAN, Cleto. Uma Igreja com rosto dos pobres. In: *Cadernos da CRB*, Rio de Janeiro: n. 9, 1991, p. 16-23.

CATÃO, Francisco. *Santo Domingo: Significação e silêncio.* São Paulo: Paulinas, 1993.

CESCON, Everaldo. A formação do discípulo Missionário à luz de Aparecida. In: *Encontros Teológicos*, Florianópolis: n.51, 2008, p.61-76.

CODINA, Victor. *Ser cristão na América Latina.* São Paulo: Loyola, 1988.

_____. Novos rostos em Santo Domingo. In: BOFF, Clodovis; GUTIÉRREZ, Gustavo. *Santo Domingo. Ensaios Teológicos Pastorais.* Petrópolis: Vozes/ Soter/ Ameríndia, 1993, p. 280-300.

COMBLIN, José. Medellín: Vinte Anos Depois. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: n.48, 1988, p. 829.

_____. Os pobres como sujeitos da história. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana.* São Paulo: n.3, 1989, p. 36-48.

_____, O projeto de Aparecida Texto acessado aos 20/06/2010 <http://www.adital.com.br/site/noticia2>.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Contribuição para a IV Conferência geral do Episcopado Latino-Americano: Subsídios aos delegados Brasileiros a Santo Domingos. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: n. 52, 1992, p. 660-680.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006.* São Paulo: Paulinas, 2003. (Documentos da CNBB 71).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A missão Continental para uma Igreja missionária no Continente.* <http://www.cnbb.org.br/ns/modules> Acesso em 14/09/2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O Brasil na Missão Continental.* Projeto Nacional de Evangelização. São Paulo: Paulinas, 2008 (Documento 88).

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla.* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín.* 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Santo Domingo.* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas/ Paulus, 2007.

DUCQUOC, Christian. *Cristologia: um ensaio dogmático. O homem Jesus* v. 1. São Paulo: Loyola, 1977.

DUSSEL, Henrique. *De Medellín a Puebla: Uma década de Sangue e esperança*. São Paulo: Loyola, 1983.

ECHEGARAY, Hugo. *A Prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982.

ELLACURIA, Ignácio. *Conversion de la Iglesia al Reino de Dios. Para anunciarlo y realizarlo em la historia*. España: Sal Terrae, 1984.

FELLER, Vitor Galdino. A Eclesiologia de Aparecida. In: *Encontros Teológicos*, Florianópolis: n.51, 2008, p.49-54.

FERRARO, Benedito. *Cristologia em Tempos de Ídolos e Sacrifícios*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. Contribuição do pensamento do Pe. José Comblin à Teologia Latino Americana. In: *Religião & Cultura*, São Paulo: V. III. n. 5, jan/ jun 2004, p. 111-131.

_____. Opção pelos pobres no Documento de Aparecida. In: *Vida Pastoral*. Paulus: ano 48, n. 257, 2007, p. 10-14.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré. História de Deus, Deus da História: ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FROHLICH, Francisca. *A Pedagogia de Jesus. Formação Inicial e Permanente*, Porto Alegre, n 4, 2003, p. 42-53.

GASDA, Élio Estanislau. Com os pobres para que todos tenham vida. In: *Convergência*, Rio de Janeiro: n. 403, jun. 2007, p. 305-314.

GALVÃO, Antônio Mesquita. *Jesus Cristo: Deus e homem de verdade*. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2. ed. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

GOMEZ, Jesus Alvarez. A vida Religiosa como resposta às necessidades da Igreja em cada circunstância da história. In: *Convergência*, Rio de Janeiro, nov. 1981.

GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e Práxis Pastoral. Uma Abordagem a partir da Teologia de Jon Sobrino. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano III*, n. 23 p.32-37. Disponível em <http://ciberteologia.paulinas.org.br/> acesso

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Pobres e libertação em Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1980.

_____. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *Teologia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 2000.

GRINGS, Dom Dadeus. *A Conferência de Aparecida: Discípulos Missionários*. Porto Alegre: PASCOM [2008].

HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HACKMANN, Geraldo. Luís. Borges. Ainda hoje a Igreja deve ser missionária? In: *Teocomunicação*, v.28, n.121, (set. 1998). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 339-356.

HACKMANN, Geraldo Luís. Borges. O referencial teológico do Documento de Aparecida. In: *Teocomunicação*, v. 37, n. 157 (set. 2007). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 319-336.

HAMMES, Érico João. *Filii in Filio: A Divindade de Jesus como evangelio da Filiação no Seguimento*. Um Estudo em Jon Sobrino. Tese. Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregoriana, Roma: 1995.

HAMMES, Érico João. Orientações e Normas para trabalhos Científicos (cf. ABNT 2005/2006/2009). Porto Alegre, Marco de 2009. Disponível em: <http://www.Pucrs.br/fateo/normas.pdf>. Acesso em junho de 2009.

JOÃO PAULO II. A Formação do Religioso deve ter em Vista a Sabedoria do Coração. In: *Convergência*. Rio de Janeiro, n. 223, jun, 1989, p.259-261.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio*; sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991.

JOÃO PAULO II Exortação Apostólica, *Vita Consecrata*: sobre a vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1996.

JEREMIAS, Joaquim. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. v.1. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

_____. *As Parábolas de Jesus*. 3.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

JUNGES, José Roque. A Ética de Jesus e os Cristãos. In: *Jesus de Nazaré Profeta da Esperança e da liberdade*. (Org). Marcelo de Fernandes de Aquino, São Leopoldo: Unisinos, 1999, p.207-236.

LANCELLOTTI, Ângelo. *Comentário ao Evangelho de São Mateus*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LA PEÑA, Juan Luis na sua obra, *Criação, Graça, Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998.

LIBANIO, João Batista. A redescoberta do Reino na teologia. In: Vigil, José Maria (org.). *Descer da cruz os pobres*. Cristologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2007.

LIBANIO, João Batista. *Conferências gerais do Episcopado Latino-Americano: do Rio de Janeiro à Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007 (Coleção Temas da atualidade).

_____. Desafios para a estrutura da Igreja a partir de Aparecida. In: *Encontros Teológicos*, Florianópolis: n.51, p.31-47, 2008.

LORSCHIEDER, Aloísio. *500 anos de Evangelização da América Latina: Desafios e Perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MALONEY, Elliott C. *Mensagem Urgente de Jesus para hoje: O Reino de Deus no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

MANZATTO, Antonio. Cristologia latino americana. In: Souza, Ney de (org.). *Temas de teologia Latino americana*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, 1987.

MIRANDA, M. de França. A Eclesiologia do documento de Aparecida. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: n.67, 2007, p. 843-864.

_____. O desafio de Aparecida. Uma configuração eclesial para a América Latina. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, jan. 2009 n. 69, p. 77-102.

MORRIS, Leon L. *Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida e Associação Religiosa. Editora Mundo Cristão, 1974.

MANZATTO, Antonio. Cristologia latino-americana. In: Souza, Ney de (org.). *Temas de teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MIÔR, Orildes. *A Misericórdia e a Solidariedade de Jesus à luz de sua relação com a pessoa sofrida*. 111f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

MONDIN, B. *Os teólogos da libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980.

NEUTZLING, Inácio. *O Reino de Deus e os pobres*. Ed. Loyola: São Paulo, 1986.

_____. Jesus o Profeta da Alegria o projeto de felicidade anunciado por Jesus. In: *Jesus de Nazaré Profeta da liberdade e da Esperança*. São Leopoldo: Unisinos 1999.

NODARI, Paulo César; CESCÓN, Everaldo. *Aprendendo com o Evangelho de Marcos: Quem é o Mestre? E Quem é o Discípulo?* São Paulo: Paulus, 2009.

ORTOLAN, Neri. *Manual do(a) Visitadora(a)*. Porto Alegre: Vicariato de Porto Alegre, 2006.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus. Aproximação Histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos*. Introdução a Teologia da Missão. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Missão Continental*. Nova Roma do Sul, 15 de fevereiro de 2009.

PIXLEY, Jorge. *O Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1986.

POHL, Adolf. *O Evangelho de Marcos: comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

QUESNEL, Michel. Evangelho e Reino de Deus. São Paulo: Paulus, 1997. In: *Cadernos Bíblicos*. 69, 1997, p.32-66

RASCHIETTI, Estevão de. *Ser e fazer discípulos missionários*. Uma leitura do Documento de Aparecida a partir do mandato missionário de Mateus. <http://www.revistamissoes.org.br.acesso> em 9/06/2009.

ROCHA, Sergio. Fé e Razão em Diálogo. 2009. <http://www.arqui-the.org.br>. Acessado aos 06/05/2010.

RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo, Paulinas, 1994.

_____. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. Um ensaio de Cristologia para os nossos dias. São Paulo, Paulinas, 2007.

RUIJS, Raul. Pobres e Pobreza de Medellín a Puebla. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, vol. 38/152, 1978, p. 681-695.

SEGUNDO, Juan Luis *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. História e atualidade: Sinóticos e Paulo. São Paulo: Paulinas, 1985. v. II/1.

_____. *A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.

SERRANO, Ramón de Cazallas. A Conferência de Medellín. In: *Pelos caminhos da América*. Missões, São Paulo, 2007, p. 12-18.

SUESS, PAULO. O esplendor de Deus Em vasos de Barro: cultura Cristã e inculturação em Santo Domingo In: BOFF, Clodovis; GUTIÉRRES, Gustavo. *Santo Domingo. Ensaio Teológico-Pastoral*. Petrópolis: Vozes/ Soter/ Amerindia, 1993. p.166-190.

_____. Do ter missões ao ser missionário: Contexto e texto do Decreto *Ad Gentes* revisitado 40 anos depois do Vaticano II. In: *Cadernos de Teologia Pública*. Instituto Humanitas Unisinos (ano 2, n.18) São Leopoldo: Unisinos, n. 2005.

_____. *Introdução à Teologia da Missão convocar e enviar: Servos e Testemunhas do Reino*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Lugar da missão em Aparecida. In: *Vida Pastoral*, 48/254 (maio-junho de 2007), p.1-8.

_____. Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingos. In: *Cadernos de Teologia Pública*. Instituto Humanitas Unisinos (ano V, n.39) São Leopoldo: Unisinos, n. 2008.

_____. *Do Brasil de batizados ao Brasil de discípulos missionários*. Caminhar com Aparecida além e aparecida. <http://www.revistamissoes.org.br>. Acesso em 09/09/2009.

_____. *Missão, o paradigma-síntese de Aparecida*. <http://www.cimi.org.br> acesso em 02/5/2009.

SCHELKLE, Karl Hermann. *Teologia do Novo Testamento: Reino de Deus, Igreja, Revelação*. São Paulo: Loyola, 1979.

SCHWERZ, Nestor Inácio. *Formação Inicial e Permanente Animada pela Missão*. Porto Alegre, n.4, 2003, p.34-41.

SILVA, Ezequiel. A centralidade do Reino de Deus na cristologia da libertação. In: VIGIL, José Maria (org.). *Descer da cruz os pobres*. Cristologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2007.

SILVEIRA, Igor Heidrich da; KUNRATH, Pedro Alberto. A índole missionária da Igreja na perspectiva da Conferência de Aparecida. *Revistaseletronicas.pucrs.br* acesso em 14/09/2009.

SIMÕES, Jorge J. *Puebla Libertação do Homem Pobre*. São Paulo: Loyola, 1981.

SOBRINO, Jon. *Cristologia a Partir da América Latina: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. *Jesus na América Latina. Seu Significado para a fé e a Cristologia*. São Paulo: Loyola, Vozes 1985.

_____. *Jesus, o libertador! I – A história de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Vozes, 1994.

_____. *Fora dos pobres não há salvação; pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUZA, Ney de (org.). *Temas de teologia latino americana*. São Paulo: Paulinas, 2007.

TABORDA, Francisco. Evangelizar seguindo a metodologia de Jesus. In Equipe de reflexão teológica: Evangelizar hoje. *Vida Religiosa e Nova Evangelização no Brasil*. Rio de Janeiro: CRB, 1989. p. 9-11.

_____. Nova Evangelização e Vida Religiosa: Reflexões teológicas. In: SILVA, Antônio Aparecido et al. *Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: CRB, 1989. p. 51-164.

THEISSEN, Gerd e MERZ, Annette. *O Jesus Histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

VIGIL, José Maria (org.). *Descer da cruz os pobres*. Cristologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2007.

WACKER, Marie Theres. Reino de Deus. In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 765-769.

WANDERLEY, Mariângela; WANDERLEY, Luiz. O social e a pobreza: visões de caminho. In: *Religião e cultura*. São Paulo: Paulinas, n.12 vol. VI, 2007, p. 99-119.

WEBLER, Jacinta. *.Eu te desenhei na palma de minha mão (Is 49,16)*. 151f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, 2006.

VV.AA. *Evangelho e Reino de Deus*. São Paulo: Paulus, 1997 (Col. Cadernos Bíblicos, 6).